



ELLE

MÚSICA, AMOR E AMIZADE
VOLUME 1

SÉRIE
JACK ROCK

ARETHA V. GUEDES



Elle

Música, Amor e Amizade

Aretha V. Guedes

Copyright © 2015 Aretha Vieira Guedes

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título: Elle – Música, amor e amizade

Série Jack Rock: Volume 1

Autora: Aretha Vieira Guedes

Capa: Izzy Ximenes

Revisão: Clara Taveira

Sinopse:

Aos 14 anos, Elle tinha uma vida perfeita, com pais amorosos, lar feliz e seu vizinho e melhor amigo, Chris, por perto. Porém, em uma noite fria, seu amigo vai embora em busca de seu grande sonho: se tornar uma estrela do rock.

Quatro anos depois, quando uma tragédia os reúne, Chris, agora guitarrista da famosa banda Jack Rock, vai ao resgate de sua amiga de infância, que está crescida e não quer mais ser protegida.

Conseguirá a amizade de infância resistir à vida adulta, ou a busca de Elle pela

independência a levará para outros caminhos?

Sumário

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO BÔNUS](#)

[Agradecimentos](#)

PRÓLOGO

Olho para o céu e noto que não há estrelas esta noite. Está escuro e um vento frio bate em meu rosto. Tenho uma sensação ruim, então me encolho entre as flores do quintal da minha casa. Não quero que minha mãe me veja aqui. Deveria ter colocado um casaco e não ter saído às pressas de pijama, mas ouvi gritos na casa ao lado e sabia que algo não estava bem.

Escuto um leve barulho e a porta que partilhamos com os vizinhos se abre. Chris aparece carregando algo em suas costas e senta-se ao meu lado. Ele tem sido meu amigo desde o berço, e, apesar de ser dois anos mais velho que eu, sempre cuidou de mim. Eu o amo com todo meu coração, pois ele é o irmão que nunca tive.

Porém, meu melhor amigo tem tido dificuldades com sua outra paixão: a música. Ela é a energia que impulsiona o sangue em suas veias, a comida que alimenta sua alma e a luz que brilha em seus olhos. Isto não seria um problema se não fosse o querido papai dele: "O Delegado Sargento Ditador". O velho tolo acredita que música é para perdedores, vagabundos, tatuados e drogados. Ter um filho músico seria a pior das traições.

– Ouvi os gritos, vim para cá assim que li sua mensagem. – digo para ele.

Mesmo na penumbra vejo o quanto está abatido. Seu cabelo loiro e liso cai cobrindo seus olhos e desce até a altura dos ombros. Eu o acaricio com a mão, colocando uma mecha solta para trás, quando ele me olha e começa a falar em um tom triste, porém decidido.

– Não posso mais viver assim, Elle. Sei o que quero da vida e não é seguir o legado da família.

Há cinco gerações sua família tem se dedicado à carreira policial, então seu destino estava traçado antes mesmo do nascimento. Para seu pai, isso era uma questão de honra. Contudo, viver os próximos setenta anos se achando o dono desta cidade só porque era o chefe de polícia não estava nos planos de Chris.

– Ele descobriu sobre as aulas de música. Acabou, Porra! – Chris esbraveja.

Ah, merda. Esta tinha sido minha última ideia brilhante. Oficialmente, eu era a aluna matriculada, mas era ele quem participava das classes. Franzo minha testa e olho para Chris, pensando em como esta situação está ficando sem solução:

– Ele brigou muito? O que aconteceu?

Temo o pior. Delegado ou não, tenho certeza que papai me ajudaria a chamar autoridades de fora da cidade. Não iríamos tolerar espancamentos! Mas não vejo sinal de agressão, não do tipo físico, pelo menos.

Como alguém tão bom pode ser filho de um imbecil desse?

– Ele pensou em me bater, e eu já estava pronto para a briga, mas ao invés disso me mandou escolher: a música ou ele, não poderia ter os dois – Chris dá uma risada sem humor – A decisão não foi difícil, não o queria em minha vida mesmo... Mas quase o escolhi por você.

Ele me dá um olhar triste, como se me pedisse desculpas. Que poder teria eu de influenciar qualquer decisão dele?

– Por mim? Por quê? – pergunto confusa.

Ele estende a mão e toca de leve em meu rosto. Com o polegar, seca uma lágrima que eu havia derramado sem perceber.

– Eu escolhi a música, mas perdi você, não entende? Ele disse que nunca mais queria me ver aqui ou mandaria me prender.

Isto não faz sentido! Onde ele viveria? Como eu vou saber se ele estará bem? E se a música não fosse suficiente? Notas musicais não alimentavam ou protegiam do frio e do crime. Abraço-o com força, como se pudesse impedi-lo de partir.

– Mas você não pode ir sozinho, eu vou com você!

Ele acaricia meus cabelos para me acalmar como fazia quando eu era pequena e estava chateada:

– Elle, você só tem 14 anos, não posso te levar.

Choro em seu peito, molhando sua camisa.

– Você também é menor de idade.

– Sim, mas aposto que O Delegado adoraria uma desculpa para me dar uma lição. Além disso, você não faria isso com seus pais. Eu não posso deixá-la morar nas ruas, querida.

Levanto minha cabeça para olhá-lo, seu coração estava tão partido quanto o meu?

– E você, Chris? E se acontecer algo com você?

E se ele adoecer? *E se ele morrer?*

– Eu sei me cuidar! Treinado desde o berço para ser o *robocop*, lembra?

Ah, sim, o serviço de proteção à infância realmente deveria dar uma olhada em como O Delegado criava, ou melhor, treinava seus filhos (e vizinhas intrometidas) para servir à Lei e Ordem no futuro. Mas ainda não é o suficiente para mim.

Continuo abraçando-o, inalando seu cheiro amadeirado, e me pergunto quando será a próxima vez que farei isto de novo? *Poderei fazer novamente?* Ele está decidido e nós sabíamos que este dia chegaria. Não havia negociação com O Delegado, mas eu ainda tentaria convencê-lo a ficar.

– Chris, como você vai escovar os dentes se morar nas ruas? Não pode ser famoso se for desdentado! Venha morar comigo, por favor!

Seu peito retumba contra o meu por causa de sua risada.

– Ah, Elle, sentirei tanto a sua falta! Mas você sabe que não posso ficar.

Eu também sentiria falta dele, mais que um amigo, era um companheiro para todas as horas. Ele merecia tudo e esta cidade não poderia oferecer mais nada para o seu futuro.

– Eu sei, vá ser famoso, mas não se esqueça de mim, viu? Provavelmente em pouco tempo serei apenas uma velha lembrança de uma infância perdida.

Minha tentativa de piada é arruinada com um acesso de choro, Chris me olha sério:

– *Helena!* Jamais repita isto novamente! Olhe para mim, eu prometo que vou voltar para buscar você.

Odeio que usem meu nome todo, geralmente é quando estou com problemas ou prestes a me dar muito mal.

– Não me venha com Helena! Você promete mesmo?

Ele levanta uma mão e coloca a outra no peito, como se estivesse fazendo um juramento:

– Sim, eu prometo solenemente que um dia quando ambos estivermos podres de ricos vamos comprar casas vizinhas. Moraremos um ao lado do outro até que a morte nos separe, amém!

Quando termina dá um sorriso bobo para mim.

– Nem me olhe com esta cara, prometeu agora vai ter que cumprir!

Estamos em pleno século XXI, temos tecnologia a nosso alcance com internet em locais públicos. Tenho certeza que ele consegue encontrar uma forma de me manter informada, se quiser.

– Certo, mas você não pode dizer para nossos pais ou para Samantha. E fique de olho nela por mim.

– Não se preocupe, eu a mantereí segura. – faria isto mesmo que ele não me pedisse.

Sam era uma boa menina de 12 anos, nossa pequena mascote. Sempre presente, mas nunca teve com ele a mesma ligação que nós dois compartilhávamos.

Chris me olha com pesar, a dor da partida evidente em seu rosto. Ele se aproxima e encosta sua testa na minha, apoiando sua mão em meu pescoço.

– Te amo, Elle, você sempre estará em meu coração. Não esqueça que se precisar de mim, eu voltarei por você.

Passo a mão em seu rosto, memorizando seus belos traços uma última vez.

– Te amo, Chris! Conquiste o mundo! Quando todos souberem o quanto você é especial, talvez não deixem que eu te veja mais, então não se esqueça de sua promessa e de mim.

Ele beija minha testa e eu a sua. Em seguida, Chris se foi na noite fria sob um céu sem estrelas, carregando não apenas sua guitarra e uma mochila velha, mas também uma parte de mim com ele.

CAPÍTULO 1

Quatro anos depois

Quando era pequena, descobri que precisava de um esconderijo secreto. Não que meus pais fossem ruins e eu precisasse fugir deles: na verdade, não sabia que queria um até que entrei no meu pela primeira vez.

A escada para o sótão ficava acima do meu quarto, escondida atrás de um falso espelho. Foi meu presente de aniversário aos quatro anos, lembro-me bem daquele momento:

Minha festa havia acabado e eu ainda estava vestida de Cinderela e Chris de príncipe encantado. Mamãe nos colocou em frente ao espelho e disse:

– Vamos Elle, empurre a moldura, quero mostrar meu presente!

Era pesado, e Chris precisou me ajudar. Quando terminamos, havia uma enorme escada! Subimos correndo e eu cheguei ao topo sem fôlego e sem palavras com tamanha alegria: estava em um mundo encantado!

As paredes eram pintadas com flores de todas as cores, árvores e um castelo! O chão parecia grama; mamãe explicou que era um carpete. E tinha um janelão de vidro, eu podia ver toda a rua e meu quintal. O sol longe já está se escondendo, pintando tudo de laranja, parecia mágica!

Olho para o Chris e ele aponta para o teto. A luminária era em formato de sol e quando a luz se apagava, várias estrelas se acendiam formando um céu só para mim. Eram tantas novidades que eu não conseguia ver tudo. Estava em meu próprio jardim encantado. Todos os meus brinquedos estavam aqui e arrumados em prateleiras ou caixas, havia também um pequeno palco com cortina.

Minha mãe se vira para o Chris e diz:

– Aqui não seria o cantinho especial da Elle sem um lugar para você, não é?

Ela aponta para o outro lado e vemos vários brinquedos de menino junto com um pequeno violão. O sorriso no rosto dele brilha mais que a luz do sol.

– Chris, querido, lembra como eu e Elle ficamos felizes com sua apresentação da escola? Você parecia um anjo cantando e tocando! Sua professora é minha amiga e medisse que você gostou tanto e aprendeu muito rápido, mas seu pai não gosta muito, não é?

– Não, tia Liz, só a mamãe achou bonito.

Ele não estava sorrindo mais, seu papai não era como o meu, ele nunca brincava com a gente, não parecia ser feliz. Antes eu tinha medo dele, mas comigo e com Sam ele não era tão mau, só com Chris.

– Eu sei, amor, sua mãe ficou muito orgulhosa de você, ela te ama muito, lembre-se sempre disso. Eles dois te amam. – ele apenas balança a cabeça concordando – Mas eu percebi que você merece ter seu próprio violão. Você pode brincar com seu violão aqui nesse palco. Esse é o mundo encantado de vocês, o esconderijo secreto dos dois.

Chris a abraça forte:

– Obrigado, tia, estou tão feliz!

Eu pulo de alegria.

– Mamãe, a senhora é a melhor mãe do mundo!

Ela nos abraça e diz:

– Lembrem-se crianças, esse tem que ser nosso segredinho, ok?

– Sim!

Nós dois gritamos e pulamos. Em seguida, mamãe foi embora e brincamos até adormecer no nosso lugar especial.

Sentada aqui, tantos anos depois, sinto a lembrança agri-doce. A atitude da minha mãe pode ter sido controversa. Ela deu um presente sabendo que o pai da criança não aprovaria, e isto definiu o futuro dele. O que teria acontecido se não fosse aquele primeiro violão?

O velho palco ainda estava lá. Chris imitou tantos artistas nele. Eu, na maioria das vezes, ficava apenas observando cantar e tocar. Ao longo dos anos a decoração do quarto foi mudando de acordo com os nossos gostos, no início teve a fase Barbie *versus* super-heróis, mas rapidamente a música dominou o lugar. Principalmente pop e rock dos anos 80 e 90... Ok, ok, algumas *boybands* também, admito.

Crescer com o garoto de ouro da cidade como melhor amigo tinha sido fácil! Éramos lendários na escola, descolados por causa da aparência e voz do Chris e encenqueiros por causa... Bem, por causa de mim. Não que eu fosse culpada, eu só tendia a ser um pouco reativa, ocasionalmente.

Namorar era complicado, sempre tinham ciúmes de nossa amizade. A única pessoa que realmente nos entendia era Samantha, a irmã mais nova do Chris. Quando ele partiu, ela foi minha grande companheira.

Chris... Ele conseguiu, estava em uma banda de rock! Sofreu muito nos primeiros meses, já que, por ser menor de idade, não tinha emprego fixo. Tocava por comida nos metrô, até um dia encontrar um rapaz mais velho, Arthur.

Juntos passaram a cantar em pequenos bares e lanchonetes, até, em um golpe de sorte, acharem um empresário disposto a encontrar os membros que faltavam para formar o grupo. Ele nunca me explicou bem como aconteceu, apenas sei que um dia Arthur não estava mais lá.

O empresário deles tinha grande influência e fazia fortuna ao encontrar "diamantes brutos". Quase um filantropo, tirando meninos das ruas e levando-os à fama, isso se você considerar como filantropia os milhões que ganhava com cada um.

Ele reuniu quatro jovens problemáticos: John nos vocais, Alysson no baixo, Chris na guitarra e Kim, a única garota do grupo, na bateria e os deixou conhecidos como a banda Jack Rock, ainda se mantendo nas paradas de sucesso do país com seu segundo CD lançado e terceiro a caminho.

E quanto a mim? Faltava um mês para o meu aniversário de 18 anos e minha mãe, que sempre fora protetora comigo, estava muito pior. Depois que Chris partiu, ela temia que eu fugisse atrás dele, o que quase fiz algumas vezes.

Seu medo era tão grande que nunca consegui ir assistir a um único show. Também jamais saí da cidade. O mais longe que fui foi o sítio de um amigo de meu pai, que visitamos a cada quinze dias. Estou entediada desse lugar e desta vida, agora é minha vez de conquistar o mundo. Cansei de sempre pensar e nunca agir.

Em um mês serei legalmente maior de idade e fui aceita em uma universidade do outro lado do país, as aulas começariam em oito meses. Isto foi ideia do Chris, ele disse que preciso conhecer um pouco do "mundo fora dos limites desta cidade" antes de começar os estudos. Ele quer que eu conte logo aos meus pais, mas quero esperar meu aniversário. Estou louca para ser maior de idade e dar meu grito de liberdade. Ou quase, já que eles têm que pagar os estudos e o aluguel... Mal posso

esperar para ser "independente".

Três dias depois

Estamos voltando de um dia tedioso no sítio. Geralmente me distraio com livros e música, mas estou com uma sensação ruim. Papai e mamãe também estão estranhos, tensos... O que está acontecendo? Será que descobriram a inscrição na universidade e estão esperando eu me explicar? Algo está errado...

Meus pais são amorosos e alegres, mas minha mãe está com os ombros retos, o rosto virado para a janela, perdida em pensamentos, enquanto meu pai dirige concentrado na estrada, segurando o volante com força. Pelo retrovisor percebo a testa franzida. O que estaria perturbando ele?

Sempre gostei de admirar as estrelas, mamãe sabia disso quando encheu o teto do esconderijo com elas e papai também quando comprou o carro com o maior teto solar que encontrou.

Fico embaixo dele e olho para o céu novamente. Outra noite sem estrelas. Hoje está um pouco frio porque choveu à tarde e a estrada está escorregadia. Ainda falta muito para alcançarmos a rodovia estadual que nos leva de volta para a cidade. O silêncio no carro é angustiante.

– Mãe, liga o som, por favor? – peço entediada.

– Claro, filha. – mamãe responde sem ânimo.

Ela se estica para ligar e imediatamente o carro se enche dos acordes conhecidos da guitarra de Chris. Só isto já me acalma um pouco. Em seguida, começa a voz rouca de John. Nunca o conheci pessoalmente, mas ele é lindo! E um notório mulherengo, os tabloides o adoravam.

A música estava chegando à parte que eu amava: o refrão. Pedi para mamãe aumentar, mas ela não me ouviu, então solto meu cinto e tento alcançar o som.

– O que é isso, menina? – meu pai grita comigo – Volte e coloque seu cinto!

Papai ainda estava virado para mim, me encarando com olhar recriminador quando minha mãe berra:

– Cuidado!

E então vem o caos: faróis, luz alta e a estrada molhada. O carro capota e como estou sem cinto, sou lançada para fora pelo teto solar. *Barulho, chamas e calor*. Estou longe, não posso me mexer. Por favor, papai e mamãe, voltem.

O céu não está mais escuro, a noite não está mais fria e o barulho do fogo é ensurdecedor. Até que a escuridão me leva para o esquecimento.

CAPÍTULO 2

Você já teve um pesadelo no qual você sabia que estava sonhando, mas não conseguia acordar? Como se seu corpo estivesse desconectado do seu cérebro? Eu já tive: estar em coma era mais ou menos assim. Não sei há quanto tempo estou aqui, mas posso ouvir os barulhos das máquinas e dos funcionários do hospital ao meu redor.

Dizem que nos sonhos a pessoa acorda quando acontece algo muito absurdo, fora da realidade. Claro que isso não é muito válido para mim, que já sonhei com dinossauros. Mas como eu tinha assistido Jurassic Park na época, isso deve ter influenciado.

Preciso saber dos meus pais! Eu me lembro de algumas coisas do acidente. Eles devem estar em alguma outra ala do hospital, e minha mãe com certeza estará surtando...



– Onde está Helena? – uma voz masculina me chama de volta da escuridão.

– Senhor, aqui é uma UTI, não estamos em horário de visita, como chegou aqui? Só podem entrar parentes próximos. – uma mulher contrariada responde.

– Minha entrada foi autorizada, eu subi logo, eu estou com um crachá...

Eu conheço esta voz. Estou sonhando? Preciso acordar.

A voz feminina é controlada, porém incisiva:

– Isto é um hospital, o senhor não pode ir...

– Bom dia, enfermeira Lara – uma voz desconhecida interrompe – Eu liberei a visita deste jovem, mas já expliquei as regras e ele não irá demorar.

– David? Isto é incomum!

O que está acontecendo? Preciso abrir os olhos, vamos lá, mexa-se.

– Estou ciente disso e a diretoria também, é um caso especial. – seu tom não deixa margem

para discussão.

– Certo, mas estarei aqui na enfermaria vigiando-a pelos monitores.

– Obrigado, enfermeira.

Passos. A porta é fechada. Sussurros.

– Obrigado, DJ. – definitivamente é Chris, reconheceria sua voz em qualquer lugar.

– Sabe que liberei sua visita agora porque seria uma confusão mais tarde caso as pessoas descobrissem que você voltou. Sorte que com a máscara e o gorro de proteção a enfermeira não te reconheceu. Helena precisa de descanso, não de repórteres. – suas vozes estão distantes e próximas ao mesmo tempo.

– Sei disso. Posso vê-la agora? – Chris está impaciente.

– Sim, ela está atrás daquele biombo.

Passos. Respiração suspensa. Choque? Silêncio.

– Meu Deus, Elle, o que aconteceu com você?

– Chris, você deve agradecer, ela está bem. – a voz de David é tranquila, tentando acalmar.

– Bem? Ela está toda machucada e em coma! – seu tom é de desespero.

– Sim, segundo o prontuário que li, estes machucados são superficiais, as costelas estão luxadas, não quebradas e provavelmente apenas uma das pernas precisará de fisioterapia. A concussão na cabeça é o mais preocupante, só teremos certeza quando despertar, mas aparentemente nenhuma função cerebral importante foi afetada.

Minha nossa, isto é bem?

– E para você isto é estar bem?

Chris está chocado. Ele não é o único.

– Sim, dada às circunstâncias, ela teve sorte – o homem pausa por um momento – Vou te dar um minuto a sós com ela, não mexa em nada ou tire sua máscara de proteção, certo?

– Sim, obrigado.

Escuto apenas os sons de passos e bips da sala até que uma porta se fecha. Como será que me

pareço em uma maca de hospital toda machucada, ligada a diversos aparelhos e sem me mover? O que estará passando na cabeça dele?

– Oh, Elle, como deixei isso acontecer com você? Deveria ter te levado embora logo. Não se vá, por favor, volte para mim. – Chris fala em tom de súplica.

Ele suspira e prende a respiração, está tentando não chorar? Quero tocá-lo e dizer que estou bem, mas não consigo me mover.

Meu corpo ainda não é meu.

– Te deixar foi uma das coisas mais difíceis que fiz. Tive medo que O Delegado jogasse sua ira em você, mas sabia que seus pais te protegeriam... Eu me enganei, não é? Os pais não são infalíveis...

Acho que ele caminha para mais perto de mim. Será que tocou em mim? No meu cabelo talvez? Não tenho certeza, estou flutuando em uma nuvem, com todos os meus sentidos abafados. Mesmo as vozes estão distantes.

– Eu sempre cuidei de você e agora te vendo assim... Acorde, Elle, eu voltei por você. Agora é sua vez de voltar por mim.

Eu quero fazer isso, ele está chorando. Concentre-se, desperte.

– Chris, desculpe-me, mas já permiti tempo demais. – David voltou.

– DJ, quando ela melhorar, o que vai acontecer? – posso perceber a derrota em sua voz.

– Não posso discutir isso com você.

– Me diz, DJ! – Chris quase grita de raiva controlada.

Ambos ficam em silêncio por um minuto, escuto apenas os ruídos dos aparelhos e suas respirações pesadas. Minha mente estava começando a divagar novamente quando DJ finalmente quebra o silêncio com voz resignada.

– Helena é menor de idade por mais três semanas, alguém precisa vir exigir a sua guarda ou ela irá entrar no sistema.

Não estou entendendo o assunto desta conversa. Não preciso de guardiões, tenho meus pais.

– Eu serei o responsável por ela. – Chris diz decidido

– Creio que isto não seja possível. – DJ responde.

Chris responde com voz superior:

– Tenho bons advogados.

DJ continua a falar em voz apaziguadora:

– Mas você não é parente de sangue, Chris.

– Elle não tem outros parentes de sangue! Estão todos mortos, ela está sozinha no mundo, não há ninguém, só tem a mim. – Chris responde nervoso.

O quê? Mortos?

– Chris! Eu não deveria estar discutindo isso com você e muito menos aqui. Vamos embora. – DJ não está tão calmo agora.

– Certo, desculpa cara.

Alguém se aproxima de mim, mas agora estou anestesiada, nada importa:

– Tchau, Elle, eu voltarei logo.

Não pode ser, eu ouvi errado. O acidente... Luz e escuridão, frio e calor, gritos e silêncio. Estou confusa, nada faz sentido, Chris está mentindo, ele é mau, meus pais não morreram. Estou alucinando? Será que finalmente enlouqueci?

Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim.

Eu apago e minha mente voa...

Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim.

Por que não posso acordar?

Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim.

E se for verdade? Prefiro não acordar mais.

Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim.

Bip, bip, bip...

Correria ao meu redor.

Todos estão mortos.

Oxigenação está caindo.

Estou sozinha no mundo.

Rápido, máscara de ventilação não invasiva. Preparem tudo, podemos precisar entubar.

Não há ninguém, todos que amo já me abandonaram um dia.

Massagem, respirador, vamos lá, não desista agora, Helena.

Só posso confiar em mim.

CAPÍTULO 3

– Helena? Você pode nos ouvir querida? Vou preparar um acesso periférico e você vai sentir uma leve pressão, está bem?

Sinto uma mão tocar delicadamente meu braço. Sim, posso ouvir a voz feminina e sentir a picada da agulha, mas minha cabeça está muito confusa para reagir ou entender o que ela está falando.

Pelos sons e odores devo estar em um hospital, mas por quê? Eu me lembro de estar no carro com meus pais e do sorriso da minha mãe... Não, sem risos, silêncio e algo mais, o quê? Luzes que cegam e fogo... Sombras nas chamas. Não, não, não...

– Helena, se puder me ouvir aperte minha mão. – outra voz me chama.

A voz grossa masculina é familiar e se torna uma âncora para a realidade. Aperto sua mão com toda a força que possuo no momento, o que não é muito.

Finalmente me permito abrir os olhos e me assusto com a visão de duas pessoas totalmente cobertas por roupas hospitalares na minha frente, apenas seus olhos visíveis. Meu Deus, devo estar morrendo.

Meu corpo está pesado e me sinto fraca. Apenas na segunda tentativa consigo falar:

– O que aconteceu? Onde estou? Por que vocês estão vestidos assim?

A mulher coloca uma bolinha de algodão com sangue de volta em uma bandeja de metal e fala gentilmente comigo:

– Calma querida, eu sou a enfermeira Lara e você está em uma unidade de terapia intensiva. Usamos esta roupa para sua proteção. Este é o nosso psicólogo David Junior, ele irá responder suas perguntas. Qualquer coisa é só me chamar.

Ela me mostra um botão que supostamente deveria trazê-la de volta em um piscar de olhos e sai, deixando-me com o psicólogo. Ótimo, adoro ser avaliada por desconhecidos escondidos em roupas engraçadas.

– Helena, como a enfermeira Lara falou, meu nome é David Junior, talvez você se lembre de mim como DJ. Chris namorou minha prima. Estarei aqui a sua disposição para apoio emocional e

suporte psicológico.

Apenas aceno com a cabeça. Agora sei por que sua voz soava familiar, DJ... "Obrigado, DJ". Eu sonhei isto?

– Me chame de Elle. Eu me lembro de você, DJ. A sua prima não é uma fã minha.

Eufemismo do ano, a garota me odiava e exigiu que Chris parasse de falar comigo ou terminaria o namoro. Ela não foi a primeira ou a última que tentou este truque e se decepcionou com o resultado.

DJ não comenta, mas acho que sorri por trás da máscara.

– O médico virá em breve visitá-la e você provavelmente será transferida para um apartamento individual. Tem alguma coisa que eu poderia fazer por você enquanto isto?

– Sim, eu gostaria de falar com meus pais.

Sua hesitação é mínima, mas perceptível. Estranho.

– Elle, eu gostaria que no momento você se concentrasse na sua recuperação. Você despertou agora e...

Não o escuto mais, vozes perdidas na minha mente chamam minha atenção. Falo em um sussurro:

– Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim.

DJ se aproxima de mim e pergunta:

– Me desculpe Elle, mas não ouvi, poderia repetir?

Encaro-o nos olhos, meu corpo inteiro treme de emoção e repito mais alto, apesar da voz embargada pelas lágrimas:

– Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim!

Sua testa franze, mas ele permanece calmo. Sua voz é forte, porém tranquila como se emitisse uma serenidade para mim.

– Helena, você é a nossa maior preocupação no momento. Você passou por um grande trauma e precisamos ter certeza de que está estável.

Eu entendo o que ele quer dizer, mas como posso pensar em estar "estável" sem saber a verdade? Será que já sei qual é a verdade? Lembro-me do cheiro da fumaça e do calor do fogo, mas não vejo queimaduras em meus braços, talvez embaixo dos lençóis?

Tento mexer minhas pernas para verificar. A direita está bem, mas quando tento mover a esquerda sinto uma dor intensa no tornozelo. Ela está pesada, mas não da letargia.

– Não tente mover sua perna, está imobilizada. Helena, descanse por agora, o médico está vindo para avaliá-la.

A situação deve estar pior do que eu esperava se ele não quer me dizer a verdade:

– Eu acho que mereço saber onde estão meus pais.

Apesar da máscara, percebo sua expressão resignada:

– Sua família se envolveu em um acidente de carro, você se lembra de algo?

Tento recordar, mas uma sensação de sufocamento sobe em meu peito. Fecho meus olhos, não posso respirar, meus sentidos são assaltados pela sensação de pavor e impotência.

– Algumas coisas, não tenho certeza do que é real ou não. – minha voz falha.

Ele acena a cabeça concordando.

– No momento, você pode se sentir confusa. Grandes mudanças e muitos sentimentos intensos em um intervalo pequeno de tempo. Me preocupo em como você pode estar processando tudo isso.

"Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim".

– Não estou realmente processando nada. Eu não sei... – falo incerta.

Começo a ficar nervosa, seguro os lençóis, preciso de algum tipo de apoio. Flashes em minha memória.

Eles não podem estar mortos.

– Você gostaria de conversar agora? Sobre o que está sentindo ou o que lembra do acidente?
– DJ fala.

Ele quer que eu me abra, mas falar sobre sentimentos nunca foi meu forte, mesmo com o Chris. O que preciso fazer para ele seja direto comigo?

Decido cooperar, fecho os olhos e volto para o pior momento da minha vida.

– Estava escuro e havia chovido há pouco tempo. Eu lembro de olhar pelo teto solar, sempre faço isso, mas não havia estrelas, apenas nuvens pesadas. Silêncio, o carro estava em silêncio, algo incomodava...

Começo a me agitar. Havia algo na minha memória que estava faltando e eu não conseguia lembrar o que era. Meus olhos estão abertos agora.

– Alguma coisa aconteceu e logo em seguida faróis vindos de lugar nenhum me cegaram e depois...

Lembro melhor agora! O carro virou, eu me encolhi e agarrei a borda do teto solar. Tive segundos para tomar esta decisão e foi puro instinto, não sei realmente como consegui passar.

Fiquei caída na lama, desorientada, o carro continuou capotando para longe de mim, o barulho, as chamas, as vozes...

– Espere! Meus pais não podem estar mortos! Eu vi sombras assim que começaram as chamas! Eles saíram antes do fogo!

Meu coração se agita, esperança surge. As máquinas ao meu redor emitem alertas sonoros e DJ observa preocupado os monitores.

– Acalme-se, Elle, fique tranquila, em outro momento retomaremos o assunto. Não se preocupe, agora deve descansar.

A enfermeira Lara retorna ao meu leito com outra bandeja prata na mão e faz um olhar de pena para mim enquanto injeta alguma droga, provavelmente um tranquilizante, em minha veia.

Eu sei o que vi, eu estava lá, ele não.

Já grogue, me viro para DJ:

– Vi duas sombras saindo do fogo...

Lembro-me disso, não estou inventando, estou?

– Não posso negar ou afirmar sua experiência, Elle, mas você havia batido sua cabeça e sofrido uma concussão, passou 16 horas em coma. Sua percepção pode estar alterada...

Ele não acredita em mim, não importa o que eu diga e aposto que não será o único.

– Eu preciso saber a verdade...

Antes que eu pudesse ouvir sua resposta a escuridão me invade.

CAPÍTULO 4

– Boa tarde, senhorita Helena. Nos deu um susto grande. Sente-se melhor?

O médico, um senhor de idade, tem um sorriso condescendente para mim, com a cabeça caída meio de lado. Espero que seja torcicolo, porque se for pena, já tive o suficiente de todos os funcionários deste maldito hospital.

– Sinto-me ótima, doutor, como se tivesse acabado de acordar de um acidente de carro. – digo com meu sorriso mais doce.

Nas últimas duas horas já me furaram diversas vezes e fiz mais exames do que achei cientificamente possível. Tudo isso enquanto recebia sorrisos falsos. Não gosto de ser o centro das atenções e não quero ser o alvo da pena alheia. Ninguém me deu uma resposta direta e tudo isto está me deixando nervosa.

– Entendo, pelo menos agora sabemos que seu senso de humor se mantém. – o médico diz.

– Devemos agradecer as pequenas bênçãos em meio ao caos. –falo com sarcasmo.

Qual meu problema? Se eu for boazinha talvez ele me diga onde meus pais estão. Finjo arrependimento:

– Desculpe, acho que perdi meus modos em meio ao choque.

– Compreendo. Vamos aguardar o resultado dos exames. Você é uma garota de muita sorte. Acreditamos em um prognóstico favorável, apenas um tempo de fisioterapia para a perna e você estará como nova.

Sorte? Estou toda dolorida, em cima de uma maca de hospital, recebendo olhares de pena e nenhuma resposta.

Falo com o médico com o sorriso mais falso que consigo:

– Muita sorte! E quanto aos meus pais? Eles também tiveram sorte?

Ele franze a testa, não gosto do seu ar de derrota.

– Helena, infelizmente não houve nada que nós pudéssemos fazer por seus pais. Me desculpe.

Não, não, isto está errado.

– Mas eles saíram assim que o fogo começou, doutor! Como não puderam fazer nada?– minha voz afligida se iguala com o desespero que sinto por dentro.

Ele me olha como se eu tivesse perdido minha cabeça:

– Não, querida, isto seria impossível.

Bato no colchão com frustração:

– Eu sei o que vi! Por que nesta porcaria de hospital ninguém acredita em mim?

Vejo o doutor olhar para a técnica de enfermagem. Será que vão me dopar novamente? Preciso me acalmar rápido ou vão achar que enlouqueci.

Ainda se usa camisa de força hoje em dia?

Coloco minha mão no peito, inclino um pouco a cabeça e tento imitar a voz apaziguadora de DJ:

–Me desculpe, ainda estou tão confusa. Tudo que preciso é ir para o meu lar. Quando poderei ser liberada?

Ambos olham para mim com pena e compreensão. Missão cumprida.

– A gente entende Helena, mas infelizmente não agora. Precisa ficar em observação por mais um tempo.

Todos dizem que é impossível que meus pais tenham saído antes do fogo começar. Será que as sombras são fruto da minha mente? Eu vi o que queria enxergar?

Ter esperanças é mais fácil do que aceitar a dura realidade: meus pais estão mortos, eu sou uma órfã, e não tenho mais ninguém.



Está quente, o calor mantém o frio longe e a fumaça negra invade a noite, infiltrando meus

pulmões. Tento tossir, mas não tenho forças e minha cabeça dói. Fogo! O carro está pegando fogo! Não posso me levantar, meu corpo pesa... Mamãe... Papai... Duas sombras nas chamas? Mamãe! Papai!

Desperto alarmada. Este pesadelo foi muito realista! Olho para a janela do quarto pensando em me acalmar com a visão do céu azul, quando me assusto novamente: há um policial cochilando na poltrona ao meu lado. Seu quepe está abaixado e não posso ver seu rosto. Estranho.

Ele é péssimo no trabalho, como pretendia me salvar de algum perigo enquanto dorme? Aliás, por que preciso de proteção?

Grito com o dorminhoco:

– Ei! Quem é você?

Chamo duas vezes e nada. Ele só acorda em uma confusão de braços e pernas quando jogo em sua cabeça o guia do hospital.

– Ai! Isso doeu, Elle! – diz uma voz irritada.

– Sam? O que diabos você está vestindo? – falo surpresa.

Samantha se levanta e vejo que sua roupa é muito maior que seu delicado porte físico. Ela retira o quepe e solta seus longos cabelos loiros. Seus olhos azuis iguais aos do irmão brilham com astúcia para mim.

O que ela aprontou desta vez?

Ela se senta na ponta da minha maca e dá de ombros:

– O hospital proibiu visitas até segunda ordem. Então eu coloquei um uniforme de policial e disse para a enfermeira que você precisava de escolta dentro do quarto.

Eu começo a rir. Isto é tão a cara de Sam.

– E a enfermeira acreditou? Você tem 15 anos e parece a Tinkerbell!

Ela me olha indignada:

– Quase 16! Na verdade, acho que ela me reconheceu e não quis ligar para o papai. Quem iria querer confusão com O Delegado?

Isso faz mais sentido. Fico feliz em ver um rosto amigo: Sam era minha bonequinha viva.

Ela me abraça com cuidado e eu agradeço:

– Obrigada por roubar um uniforme da polícia só para vir me ver. Tenho quase certeza que é um crime federal.

– De nada, mas eu peguei faz tempo! Sempre achei que iria precisar um dia. – ela diz com um brilho malicioso no olhar.

Se a justiça fosse feita, O Delegado pagaria no futuro todos os seus pecados com a pequena Sam.

– Mesmo assim, obrigada. É bom ver você.

Ela me olha triste:

– Elle, eu sinto tanto! Você sabe o quanto eu os amava também, não é? Mamãe queria vir, mas enquanto você não acordava, ela começou a organizar o... Você sabe...

Sam está sem jeito, algo raro de acontecer, até eu entender o motivo.

– O funeral? – digo baixinho.

Ela se senta mais perto e coloca a cabeça em meu ombro.

– Sim, estávamos esperando por você, é claro. Quer falar sobre isso?

– Não, mas acho que devo. Ela escolheu os caixões? – *eles não podem estar mortos.*

Sam parece incerta sobre o que dizer:

– Não, Elle... Não há caixões... Eles foram cremados. Me desculpe.

As lágrimas escorrem livremente pelo meu rosto. Não havia sombras nas chamas, não sobrou muito para caixões, não me resta esperança. Eles se foram.

Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim.

– Sam, você me faz um favor? Eu não sei quanto tempo ficarei aqui, você poderia pedir a sua mãe para fazer uma cerimônia na igreja para os amigos e velório? Eu não posso...

Eu não consigo lidar com isto. Suportar a pena dos funcionários do hospital já é ruim o suficiente. E se fosse da cidade inteira?

Saber a verdade e aceitá-la são duas coisas diferentes.

Sam segura minha mão.

– Eu vou ajudar a mamãe a cuidar de tudo, Elle. Você não está sozinha e para provar isto eu trouxe alguns presentes escondidos.

Ela se levanta e resgata sua bolsa vermelha que estava jogada no sofá.

– Papai Noel chegou mais cedo, feliz natal! – Sam começa a retirar os itens – um iPod, por que eu sei que você ama música! Um livro para distrair sua mente, outro livro por que você vai ler este primeiro rapidinho e este álbum de fotos para você lembrar que mesmo não estando mais aqui, seus pais sempre estarão vivos no seu coração.

Digo entre lágrimas:

– Meu Deus Sam, Obrigada! Quando você cresceu?

Ela me dá um sorriso que lembra muito o do Chris, mas o de Sam tem um sarcasmo inato com sua sobrancelha levantada.

– O quê? Você pensou que eu era só um rostinho bonito? – ela se aproxima e me abraça novamente – Eu quero que você se lembre que este álbum está cheio de outras pessoas que se importam com você também.

Sam se senta comigo e começamos a ver o álbum de fotografias, relembrando nossa infância. Sorrio de uma foto engraçada minha com Samantha e Chris brincando no esconderijo secreto. Os meus pais me deram tanto... Pareciam saber que nosso tempo juntos seria curto.

Eu realmente tive sorte: Chris perdeu seu pai muito antes de mim, mesmo que ambos ainda estejam vivos.

– Você sabia que ele está aqui? – Sam sussurra.

– Quem está aqui? – pergunto ansiosa.

CAPÍTULO 5

Ela passa o dedo com carinho no rosto do pequeno Chris da foto.

– O Chris. Eu o vi saindo escondido enquanto tentava entrar mais cedo para te ver. Ele usava um moletom grande com capuz, mas eu o reconheceria de qualquer jeito...

Chris está aqui! *"Acorde Elle, eu voltei por você. Agora é sua vez de voltar por mim."* Eu pensei que estivesse sonhando, mas ele realmente veio me visitar! Ou será que esta parte foi um sonho mesmo?

– Por que ele sairia disfarçado? – digo escondendo meu entusiasmo.

Sam dá de ombros, incerta:

– Ele disse que não queria ser reconhecido. Acho que ficou feliz quando me viu... Ele me abraçou e disse que estava com saudades...

Sua voz mostrava a insegurança que ela mantinha escondida embaixo de muitas camadas de sarcasmo e brincadeiras.

Tento animá-la:

– Ele só não quer aquelas loucas da escola babando! Imagina só, já é difícil para você com ele longe, se elas descobrissem que Chris está de volta. Você nunca mais teria paz.

Sam ri, mas é um sorriso triste.

– Você acha que se este acidente tivesse sido comigo ele teria voltado tão rápido?

Sento-me na maca e passo a mão em seus cabelos lisos, colocando-os atrás da orelha, como costumava fazer com seu irmão quando ele estava abatido.

– Ei, não fique assim! O Chris te ama muito e faria tudo por você – Sam acena com cabeça, concordando – Mas ele evita seu pai como uma praga e você morar lá resultou nisto. Tenho certeza que ele vai procurar você e sua mãe.

– Sim, Chris vai ficar naquele haras enorme fora dos limites da cidade. Ele disse que iria mandar um segurança buscar nós duas. – ela está mais animada.

– Não sabia que era aquilo era um hotel.

Sam sorri com tom conspiratório:

– E não é, mas quando se tem dinheiro e fama pode-se conseguir o que quiser para ficar longe do papai...

Começamos a rir, quando a porta do quarto de repente é aberta e como se tivesse sido invocado, eis que surge O Delegado, com seus quase dois metros de puro autoritarismo ariano.

Sam pula da cama e bate continência:

– Senhor, boa tarde, senhor. Permissão para vazar daqui, senhor!

É quase impossível conter o riso. Sam é a única que quando tenta mostrar algum respeito consegue ser ainda mais desrespeitosa.

O Delegado a examina da cabeça aos pés. Está irado por causa do uniforme, enquanto Sam apenas sorri com falsa doçura para o pai, pega sua bolsa e sai correndo o mais rápido que pode.

Agora estou a sós com O Delegado, respiro fundo e me preparo para o golpe. Nada de bom pode vir de uma visita dele. Será que já descobriu a volta de Chris? Ele poderia me culpar por isto...

Mas quando seu olhar se vira para mim, não é raiva, frieza, pena ou mesmo o distanciamento habitual que percebo em seu semblante: é pesar.

– Ah, minha filha, que tristeza tem sido essas últimas horas!

Ele se aproxima da maca e me abraça meio sem jeito. Estou em choque, acho que só recebi abraços dele em meus aniversários e até uns seis anos de idade.

Choramingo, não só por emoção, mas também por minhas costelas doloridas, e ele me solta um pouco.

– Perder seus pais foi uma tragédia, mas achar que ia perder você tem sido uma tortura. Você é como uma filha para mim também. – ele me fala com emoção.

Eu não sabia que este homem era capaz de sentir, muito menos expressar qualquer emoção. Devo ter morrido e ido parar em alguma realidade alternativa. Eu sofro uma concussão e ele que fica com sequelas?

Não sei como reagir. Uma filha para ele? Não muito reconfortante, considerando como ele

agiu com Chris, que é o filho dele.

– Obrigada, senhor, estou bem agora. – digo com desconforto.

Ele aperta meu ombro, volta a ficar em uma posição ereta e retira uma caderneta de um dos bolsos. Acho que o momento união acabou.

– Me desculpe Helena, mas esta visita não é apenas social. Preciso do seu depoimento. Você lembra de algo que possa ajudar a identificar o outro carro envolvido no acidente?

Ele fala em modo policial e sinto que tenho 10 anos e estou sendo novamente interrogada pela destruição do sino histórico da Igreja. Não que eu tenha alguma relação com este pequeno incidente de destruição do patrimônio público, claro.

Não preciso pensar muito para saber a resposta:

– Não vi nada do outro carro, estava escuro, o senhor sabe que não há postes naquele trecho e a única luz vinha dos faróis. Além disso, não lembro de muita coisa, tudo ainda está confuso na minha cabeça.

Decido não falar das sombras nas chamas, ninguém nunca vai acreditar em mim mesmo.

– É, eu sei, menina, mas tinha que perguntar. – ele fala sem olhar para mim.

O que ele tanto anota neste papel? Deve estar fazendo rabiscos, pois eu não falei nada de relevante.

Não sirvo para ajudar a trazer justiça para os meus pais, sou uma inútil. Preciso fazer algo da minha vida.

– Se eu lembrar de algo, direi. – falo com sinceridade.

– Ok, me procure se precisar de qualquer coisa. – seu tom de voz é plano, acho que esgotou seu estoque de emoções.

Ele começa a sair, mas para segurando a maçaneta.

– Imagino o que você pensa de mim, mas eu não sou um vilão. Chris tinha uma escolha e a decisão dele foi humilhante para mim. Eu sei que ele está na cidade e o que está tentando fazer por você.

Ele se vira para mim com o rosto solene:

– Você também tem uma escolha, pode vir morar em nossa casa, Sam iria adorar. Não precisa segui-lo nesta vida degradante e promíscua que ele leva.

Minutos atrás achei que O Delegado poderia ter um coração, mas ele só pensa no seu estúpido orgulho. Tolo teimoso.

– Não sei do que o senhor está falando, não vi seu filho – olho para ele com a raiva acumulada durante anos – Mas se alguém deveria sentir vergonha é o Chris, por ter um pai egoísta, autoritário, teimoso que se acha o dono da verdade só porque é o delegado! O senhor tem sua vida tão limitada no mesmo ciclo repetitivo que não percebe como o próprio filho é talentoso e quanto ele conquistou sozinho nos últimos anos! E se ele tivesse morrido? Me diga! Você viveria bem com isso?

Ai meu Deus! Disse tudo sem pausa, meu peito sobe e desce do esforço e da raiva. Eu realmente devo ter batido minha cabeça forte para finalmente estar enfrentando O Delegado e falando deste jeito.

Estou me tremendo, porém se eu desmaiar ele não vai me prender, não é?

Ele está tenso, punhos fechados ao lado do corpo.

– Como disse, não sou vilão, por isto darei uma pequena indulgência. Ele tem três dias antes que eu reabra o caso do sino da igreja. Encontrei algumas digitais interessantes que não apareceram nos autos da época, estamos compreendidos?

– Claro. – digo com falso desinteresse.

E sem mais palavras ele vai embora. Eu sabia que não deveria tê-lo irritado! Quais as chances de convencer Sam a entrar na delegacia e destruir algumas provas?

CAPÍTULO 6

O sono induzido por remédios é uma bênção e uma maldição: Te leva a um mundo de esquecimento sem sonhos, porém você acorda quase tão cansado quanto antes.

Eu estava terminando meu delicioso jantar, cortesia do chef: sopa sem sal com torrada sem manteiga quando bateram à porta.

– Entre. – digo enquanto descarto a bandeja com o que o hospital chama de comida.

O que vejo tira meu fôlego: Chris! Maior, mais forte e mais bonito do que minhas memórias, porém ainda o mesmo garoto que me deixou chorando no quintal de minha casa.

Um loiro raio de sol neste triste dia dos infernos com o mesmo sorriso tímido que eu tanto amava. Atrás dele entra alguém que é ainda mais alto, nunca o vi pessoalmente, mas sei imediatamente de quem se trata, qualquer garota no país o reconheceria. Chris eu entendo, mas o que ele está fazendo aqui?

– Elle, eu sinto tanto! – seu timbre está mais forte.

Ele corre, senta na maca ao meu lado e me abraça com cuidado para não me machucar. Tive tantas saudades! Seu calor e seu cheiro, diferentes, porém os mesmos. Sim, ele está aqui, Chris voltou por mim! Começo a chorar.

– Ah, querida, venha aqui. – ele me puxa em sua direção.

Apoio minha cabeça em seu ombro, sinto-me em casa e meu coração se alivia um pouco. Chris apenas me dá seu apoio silencioso. Sabendo que preciso liberar minha angústia, ele apenas alisa meus cabelos enquanto cantarola baixinho alguma canção de ninar.

Por um momento me permito crer que o mundo não desabou ao meu redor: tenho novamente seis anos, meu bichinho morreu e estou de coração partido, porém segura nos braços do meu melhor amigo.

"Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim".

Levanto minha cabeça e tento o melhor sorriso que consigo dar no momento:

– Olá, estranho. Vejo que não esqueceu de suas origens e promessas, afinal de contas.

– Sempre a mesma espertinha – ele belisca a ponta do meu nariz – Saiba que tentei vir mais cedo, porém você estava fazendo exames e só liberaram visitas externas agora. Sinto tanto, Elle.

Estive tão deslumbrada pelo seu retorno que não percebi sua aparência abatida. Havia olheiras escuras embaixo de seus olhos: ele esteve chorando.

– Na verdade, eu vim mais cedo, mas você estava desacordada, então não conta. Vocês sempre foram minha família, a tia Liz e o tio George eram como meus segundos pais, e eles partem assim...

Ele está nervoso e quer expressar seu luto, o problema é que simplesmente não posso lidar com minhas próprias emoções no momento, muito menos com as dos outros.

O psicólogo tinha razão quando disse que se preocupava em como eu poderia estar processando tudo isso. É demais para mim, não suporto falar sobre isso.

– Eu sei, Chris, eles não mereciam partir tão cedo e de uma forma tão cruel. – digo tentando controlar minhas lágrimas.

Chris continua falando sobre o quanto ele sente muito e o quanto queria ter estado aqui. Não presto mais atenção, e procuro no quarto por uma rota de fuga e meus olhos pousam no amigo do Chris, que está usando suas habituais roupas escuras, sentado em uma das mesas próximo da janela. Isto é mais longe possível de nós, seria esta uma tentativa de nos dar privacidade ou ele apenas gostaria de estar em outro lugar?

Pessoalmente ele era mais impressionante do que na TV. Seus longos cabelos castanhos estão presos em um coque alto estilo samurai e os olhos turquesa brilham em contraste com a barba cheia bem-feita. E como ele preenche bem a jaqueta de couro! A boca bem desenhada está levantada em um meio sorriso irônico, mostrando uma covinha na bochecha...

Sorriso irônico? Merda, fui pega no flagra enquanto o encarava.

Rapidamente desvio minha atenção de volta para o Chris, ouvindo o que ele está falando.

– E por isso meus advogados já estão cuidando de tudo, viu? Você não vai precisar se preocupar com nada.

Droga, eu deveria ter escutado a conversa dele.

– O que você quer dizer com seus advogados estão cuidando de tudo?

Não quero e não preciso de sua ajuda, posso me virar sozinha.

Chris fala com cautela:

– Você será menor de idade por mais três semanas, serei seu guardião ou irá para um abrigo público.

"Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim".

– Ok, sem problemas. Você autoriza minha saída e eu posso voltar para minha casa. – digo, já ficando irritada.

Chris percebe que estou pronta para a briga, mas o tolo resolve pela tática de me acalmar ao invés de recuar.

– Docinho, entenda que você vai ficar sob minha responsabilidade, então você vai ter que deixar eu tomar conta de tudo por você.

Docinho? Ele ficou muito tempo ao redor de *groupies* sem cérebro...

Eu conheço Chris, quando ele diz "tomar conta de tudo", ele realmente quer dizer *tudo*. Não vou permitir que me sustente. As únicas pessoas que tinham a obrigação de me criar não estão mais aqui. Agora dependo apenas de mim.

Começo a numerar meu ponto de vista com os dedos e escuto os risos de deboche do moreno atrás de mim.

– Em primeiro lugar, não venha com *docinho* para cima de mim. Em segundo lugar, nem quando a gente era criança eu deixava você assumir a responsabilidade por tudo! Se for para ser assim pode voltar para onde você foi nos últimos quatro anos. Serei dona da minha vida, e em terceiro lugar – aponto para o Sr. Risadinha – quem é esse babaca que você trouxe?

CAPÍTULO 7

Chamá-lo de babaca acabou com a risadinha. Aparentemente os sites de fofoca não mentem e ele é tão idiota quanto dizem. Senti-me vingada por ter sido pega olhando, ainda que não tenha sido culpa dele.

Chris não estranha, ser xingado deve ser normal no mundo do rock para ele.

– Esqueci de apresentar vocês dois. Elle, este é John, meu companheiro de banda, o vocalista do Jack Rock. John, esta é Elle, minha melhor e maior amiga desde a infância.

John era o melhor amigo que o Chris tinha na banda, mas enquanto este possuía um brilho natural que iluminava todos ao redor, John exalava mistério. Eles eram uma dicotomia, luz e escuridão.

John desce da mesa e caminha até mim com andar sensual, parecendo um felino caçando sua presa. Agora entendo o sucesso que ele tem com as mulheres: com todo este charme e sua voz, deve ser difícil resistir. Por sorte, desenvolvi imunidade ao crescer com um garoto lindo encantador e não fico deslumbrada facilmente. Ou não ficava... Não fico! Definitivamente não fico!

Ele pega a minha mão que está sem o soro e leva aos lábios carnudos, dando um beijo prolongado.

– Prazer em finalmente conhecê-la. Após tantos anos ouvindo falar sobre a doce Elle, tive que vir vê-la pessoalmente e apoiar meu amigo.

– Obrigada pela consideração. Como podem ver, estou bem. – digo tentando disfarçar a reação que seu toque me causa.

Que merda é essa? Parece eletricidade estática percorrendo meus poros e partindo do ponto onde ele me beijou.

– Não por isto, alguém teve que ocupar o cargo vago de melhor amigo que você deixou todos estes anos.

Ele diz com um meio sorriso, daqueles falsos que levantam apenas um lado dos lábios e demonstram o seu deboche. Irritante.

– Eu não deixei vago, o cargo ainda é meu. Farras e bebedeiras com *groupies* não se

qualificam como amizade verdadeira.

Enquanto falo com rispidez, ele apenas sorri, mas depois solta uma gargalhada divertida.

– Olha só, C, sua namorada puritana acordou irritadinha! Calma garota, só vim acompanhar o *meu* amigo porque de manhã ele saiu muito nervoso ao ver como *você* estava, então que tal dar um desconto e tentar ser mais agradável com o *seu* amigo?

Ele fala me fuzilando com o olhar. Tanto o insulto, quanto o recado foram registrados. Resolvo hastear a bandeira branca.

– Desculpa Chris, desde que acordei tenho estado nervosa, me explique direito o que você tem feito sem combinar comigo antes. – digo contrariada.

John faz um barulho rouco, limpando a garganta e eu complemento minha frase com um sorriso:

– Por favor.

Chris está com a testa franzida, olhando de mim para John. Acho que não sou a única a não entender o cara e sua atitude autoritária comigo. Quem ele pensa que é?

Chris segura minha mão e diz:

– Desculpe, Elle, não sabia que você acordaria tão avessa à ideia de aceitar minha ajuda. Se eu soubesse teria esperado um pouco mais antes de acionar todos os meios legais possíveis. E... Você sabe como te amo, né? Então, eu...

Ele está me enrolando e não consegue olhar em meus olhos. Algo está errado e deve ser grande. Minha ansiedade está no limite, o que mais falta acontecer para coroar as últimas vinte e quatro horas?

Sou parte de alguma profecia do apocalipse e não sabia? O meu mundo com certeza parece estar em seu juízo final.

– Chris, fazem algumas horas que diminuíram meu suprimento de morfina e eu já não estava feliz naquela hora. Estou tentando ser boazinha, que tal cortar a merda e dizer que porra você fez?

Falo com raiva e me viro apontando o dedo para o John que está novamente com o meio sorriso de deboche.

– E você cale a maldita boca!

Ele apenas levanta as mãos em sinal de rendição.

– Helena! Se acalme, desse jeito vão vir nos expulsar daqui! Você nunca falou assim comigo e com tanto palavrão! – Chris parece genuinamente chocado.

– Não venha com Helena para cima de mim! Eu tinha 14 anos quando você saiu, achou que eu seria a mesma? – respondo impaciente.

Agora ele está cabisbaixo, como se eu o tivesse chutado. Me sinto culpada e é minha vez de segurar suas mãos.

– Chris, eu cresci! Mas ainda sou eu, querido, apenas não espere que eu seja aquela garotinha ingênua e assustada que você deixou chorando no escuro, ok?

Ele olha para mim e sorri concordando. Somos os mesmos, porém diferentes, teremos que nos redescobrir.

– Não apenas posso, como quero me virar sozinha. O que você está escondendo?

Ele solta um suspiro antes de continuar a falar:

– Primeiro entenda que é difícil ver você sofrer. Não importa a idade que tenha, sempre será minha pequena para cuidar e proteger. Meus advogados conseguiram mexer alguns pauzinhos e já sou seu guardião legal até seu aniversário...

Isto eu já esperava, não vou discutir, não gostaria de ir para um abrigo.

– Então quer dizer que se eu cometer algum crime nos próximos dias você responde por mim? – digo com um sorriso travesso.

Não que ele precise de mais problemas com a polícia local.

Ele me olha desconfiado.

– Sorte minha que você está hospitalizada, não é?

– Isto não nos impediu com o sino da igreja. Falando nisso, O Delegado disse que ainda tem as digitais retiradas da cena...

Digo levantando uma sobrancelha. Sua estadia precisa ser o mais curta possível. Chris fica tenso: se eu tenho anos de raiva acumulada, imagino como deve ser para ele. Como deve ser conquistar seus sonhos, ser adorado por milhares e desprezado pelo próprio pai?

– Chris, venha aqui. – digo estendendo meus braços em sua direção.

Eu o abraço com todo o amor que sinto por esta doce alma guerreira. São tantos acontecimentos para eu processar que ainda não compreendi a grandeza de ter meu melhor amigo de volta.

Minhas lágrimas agora são com outro tipo de emoção, alegria:

– Eu te amo e estou tão orgulhosa de você, obrigada por ter voltado por mim.

Ele me abraça mais forte, beija meus cabelos e com a voz cheia de emoção diz:

– Também te amo, Elle, enfrentaria o céu e o inferno por você. Você sabe disso, não é?

Eu aceno com a cabeça e ele continua a falar.

– Como seu pai era promotor público, mandei meus advogados descobrirem se havia pendências. Todos os casos dele estão sendo passados para um promotor substituto. Procurei também saber de sua herança e aí é que encontramos problemas.

Nunca me importei com bens materiais. Tinha minha mesada e vivíamos confortavelmente, mas não éramos de esbanjar em estilo de vida luxuoso.

– Que tipo de problemas?

– Você sabia que seu pai investia todas as economias em ações? – Chris pergunta cautelosamente. Sua expressão é preocupada.

Reflito sobre a pergunta. Não sabia, achei que vivíamos do salário de promotor do papai. Mamãe era dona de casa e estávamos em uma cidade de interior, o custo de vida deveria ser menor.

– Elle? Me escute, por décadas seu pai ganhou muito dinheiro em ações, você era rica e não sabia, mas o mercado é flutuante e com um escândalo inesperado de corrupção na principal empresa que seu pai investia, ele perdeu tudo, quebrou. – Chris me explica alarmado.

Meu Deus, por isto ele estava tão tenso e nervoso nos últimos dias. Como eles esconderam isso de mim? Por quê? Não confiavam em mim?

Chris sempre soube quando estou agitada e nervosa, assim como eu sei que ele ainda não me disse tudo, está tentando amenizar o golpe. Ele está me escondendo algo.

Quão ruim pode ser?

CAPÍTULO 8

– Isso não é tudo, é? – pergunto desconfiada.

Chris responde resignado em me dar a notícia.

– Não, nos últimos meses seu pai teve que hipotecar a casa... E boa parte do salário dele era comprometido com empréstimos. Com sua morte, os bens ficam como garantia para o banco.

Primeiro meus pais, agora perderei meu lar. Sem porto seguro. Sem abrigo.

"Todos mortos, sozinha no mundo, não há ninguém, só a mim".

Por que isso não sai da minha cabeça? Chris acaricia meus braços. Ele quer me dar apoio, mas eu gostaria de me erguer sozinha. Ele venceu sem ajuda, por que não posso fazer o mesmo?

– Estou por conta própria? Não tenho nada? – finalmente falo.

Chris tenta aliviar:

– Pelo que entendi vocês estavam quebrados há pelo menos dois anos. Podem não ostentar, mas manter uma casa do tamanho da sua é caro e muito dinheiro foi perdido quando as ações caíram...

Eu balanço a cabeça em compreensão. Não estávamos no luxo das grandes estrelas de TV, mas tínhamos muito conforto.

Meu Deus, a faculdade! Eles não teriam como me bancar em outra cidade, por isto estavam tão tensos? Eu era a culpada? Eu não precisava ser protegida sempre... Eles poderiam ter me dito.

– Elle, você entende o que isto significa? Em termos financeiros? – Chris diz preocupado.

– Não totalmente, mas tenho uma ideia. – digo cabisbaixa.

Chris me olha com pena, até dele vou ter isto?

– A casa e o carro quitam as hipotecas, porém ainda restarão os outros empréstimos. Você pode tentar uma pensão enquanto estiver na universidade... Mas ainda tem os empréstimos.

Chris engole seco e me lança o melhor sorriso garoto de ouro que ele tem. Ou seja, se não gostei da última, tenho certeza que vou detestar a próxima parte.

– O meu contador está negociando com o banco o valor total dos débitos para que eu possa quitá-los.

Sabia! Ele deixou o detalhe mais interessante para o final, não é? Tento me levantar da cama, mas não consigo. Droga de perna imobilizada!

Não que eu seja ingrata, mas não quero que ele gaste o dinheiro que lutou tanto para conquistar com os erros do meu pai. Seguro suas mãos e tento expor minha alma para ele.

– Chris, menos de 24 horas atrás minhas maiores preocupações eram a sua partida e como dizer aos meus pais que iria morar longe. Minha maior dor tinha sido quando quebrei o braço fugindo dos gansos...

Tento secar minhas lágrimas, mas continuo falando:

– Menos de 24 horas atrás o lar mais amoroso tinha sido o meu e minha maior esperança era rever você...

As lágrimas agora fluem livremente pelo meu rosto, Chris não chora, mas seus olhos estão vermelhos.

– Agora não tenho mais família, nem lar, meu coração está partido em pedaços e minha única esperança é que eu consiga juntar os cacos do que sobrou de minha vida e me reerguer com minhas próprias pernas.

Agora só tenho a mim mesma.

Acho que finalmente ele entendeu.

– Mas você não está sozinha no mundo, você tem a mim, eu cuido de você! – ele grita com desespero.

Ou não. Chris está acostumado a sempre me tirar das encrencas quando era pequena, mas não desta vez.

– Elle, me diga quando quebrei uma promessa? Mesmo quando parti não te abandonei, liguei e mantive contato como combinamos, não foi?

– Eu sei disso, você sempre foi meu herói, mas desta vez eu preciso ser heroína também! Isso não é negociável!

Parte do salário do meu pai ainda é um bom dinheiro, posso vender algumas joias e conseguir

um trabalho de meio período perto da faculdade. Poderei sim viver muito bem! Explico tudo para ele que escuta atentamente.

– Ok, eu concordo em não pagar a dívida por você, mas a oferta para quitá-la estará eternamente aberta. – ele diz com teimosia.

Descarto a opção assim que ele fala, a dívida de meu pai é minha obrigação.

Chris então fala:

– Tenho outra proposta, você vem morar comigo e trabalhar para mim como minha assistente pessoal!

Seu sorriso é brilhante. Cara, ele nunca entende!

Falo cansada:

– Chris, você compreende que eu quero um cantinho para mim?

Ser sua assistente pessoal? Não mesmo, lembro bem o quanto era metódico no colégio, consequência de sua criação no estilo militar.

– Você sequer precisa de uma assistente ou só quer me manter embaixo de sua asa e me dar dinheiro de graça? – pergunto desconfiada.

Estamos impacientes com a conversa, nenhum dos dois quer ceder o controle. Pensou que chegaria aqui quatro anos depois e eu apenas diria sim para tudo? Deve estar mal-acostumado com as pessoas fazendo todas as suas vontades.

– Isto importa? Se quiser posso arrumar uma casa grande para nós dois ou comprar um apartamento perto da universidade só para você ter seu *cantinho*! – ele diz as últimas palavras com desdém.

Ah, ele não falou isso! Isto importa? Isto importa?

Grito com ele:

– *Isso importa?! É sério, Chris? Tanta música deve ter te deixado surdo, merda! Pegue o seu dinheiro e enfie no...*

Antes que eu consiga terminar a frase ele está bem na minha frente, com o indicador na minha cara e começa a vociferar.

Eu vou torcer esse dedo, espero que ele use a outra mão para tocar.

– Helena! Não se atreva a terminar a frase, você é uma mal...

– *Vocês dois podem calar essa maldita boca?! – John praticamente grita.*

CAPÍTULO 9

Eu já tinha esquecido que ele estava no quarto, agora está em pé entre nós dois com cara de puto.

– Mais um pouco e os seguranças vão vir! Você vai perder a guarda dela, que vai parar na porra de um abrigo público! – ele aponta para nós dois – É isso que vocês querem?

Eu e Chris nos calamos, cruzando os braços como dois meninos birrentos levando bronca do pai, e John continua.

– É preciso ter uma santa paciência para aguentar tanta besteira vinda de vocês! Como não se mataram quando crianças?

Aponta o dedo para Chris:

– Entenda de uma vez que ela não quer ser sustentada, e pare de tratá-la como a uma garotinha de 14 anos mimada!

Quando ele se vira para mim, seu olhar se demora em meu rosto. Com todas as contusões que tenho não deve ser uma bela visão. Então apenas empino o queixo, não vou deixar que ele me intimide.

– Helena, entenda que ele quer ajudar da forma que acha correto, deixe de ser ingrata e pare de agir como uma garotinha de 14 anos mimada!

Como ele ousa?

– Olha aqui seu imbecil...

Ele balança o dedo para mim:

– Não, não, não, nada de insultos! Adultos falando. Ainda não terminei.

Se eu quebrar o *dedo e a cara dele* poderia alegar insanidade temporária? Depois do dia que tive, creio que sim.

Chris está emburrado, olha para mim como se eu tivesse chutado seu cachorrinho.

– Tecnicamente ainda faltam três semanas para ser adulta, garotinha, então escute minha

proposta: ao contrário do nosso amiguinho ali, eu não cresci em uma casa fascista cheio de métodos de organização militar, então realmente preciso de ajuda. Nosso empresário tem enchido meu saco sobre algumas vezes que perdi compromissos ou esqueci de responder cartas e os fã-clubes não ficam felizes quando são ignorados.

Ele dá de ombros, como se isto não tivesse importância:

– Você parece *nerd* suficiente com toda esta conversa de faculdade... Acho que consegue dar conta do recado.

Eu o estava xingando mentalmente de todos os nomes até que registrei sua proposta.

– Você está me oferecendo um emprego? Um de verdade? Ou é inventado como o de Chris? – pergunto desconfiada.

Chris olha chocado para o amigo. Até esqueceu de respirar por uns dois segundos.

– Acredite, Elle, é de verdade. Mas John, não vou deixar você enterrá-la viva naquela montanha de cartas que você tem!

Chris se levanta e o arrasta pelo braço até a janela, eles discutem em sussurros e eu não entendo o que é dito, mas imagino que deve ser algo do tipo: "*não encoste um dedo nela!*", "*não se preocupe Chris, prefiro mulheres lindas e que não irão me castrar se eu fizer merda*". Homens.

Trabalhar para John? Posso tentar, não tenho muita opção, apesar do meu futuro chefe ser um idiota completo.

– Quietos, Chris! A decisão é dela. Além disto, tem seus benefícios. – John fala ríspido.

Benefícios?

– Que benefícios? – isso muito me interessa.

E realmente, responder cartas de fãs deve ser o trabalho mais fácil do mundo.

Eles voltam para perto da cama, Chris ainda emburrado. Tenho certeza que ele preferia ser meu chefe, mas com ele eu não faria nada. John me explica os tais benefícios.

– Eu tenho uma casa de hóspedes que não está sendo usada, não é muito, mas é suficiente para uma pessoa. Facilitaria para mim ter minha assistente por perto sempre e você não pagaria aluguel. Você ainda teria acesso ao mundo do rock, ficaria próxima do Chris e teria o maior benefício de todos... – diz com um ar de superioridade.

Tudo parecia bom demais para ser verdade, e ele não era um imbecil egocêntrico afinal de contas, era tudo fofoca dos tabloides. Só não imagino o que poderia ser melhor do que tudo isso...

– E qual seria esse maior benefício de todos os tempos? – pergunto curiosa.

Ele responde com um sorriso conquistador:

– Trabalhar para mim, é claro! Você vai poder me ver todos os dias.

Os rumores eram todos verdadeiros. Idiota presunçoso.

– Então temos um acordo? – John estende sua grande mão para mim.

Eu apenas levanto uma sobrancelha para ele:

– Gostaria de falar com Chris a sós primeiro, se não se importa.

Ele acena com o irritante meio sorriso e sai. Chris se levanta e senta ao meu lado. Sei que ainda está chateado, mas vai ter que superar.

Ele fala cabisbaixo:

– Eu tinha planejado cuidar de você... Não teria que trabalhar um único dia de sua vida. Eu estava tão focado no que eu queria que ignorei o que você precisava.

Sorrio para ele. Finalmente estamos entrando em um consenso. Nós podemos fazer isto.

– Você acha que é seguro trabalhar para o John?

Chris olha em meus olhos.

– Pode não parecer, mas John é boa pessoa, confiaria minha vida a ele. Seu problema é com as mulheres, não se apegam a nenhuma. A solução dele é perfeita, porém você não pode cair em sua conversa. Ele ama apenas o sexo, nunca as garotas, nem as respeita...

Chris está desconfortável, e agora olha para todos os lados, menos para mim. Imagino o que esteja querendo me falar, mas não facilito. É engraçado vê-lo se contorcer.

– Elle, eu sei que você é uma garota centrada e não seria facilmente enganada, mas vi muitas meninas boas se perderem nas mãos dele – ele me olha quase com desespero – Por favor, tenha cuidado, mesmo que ele tenha prometido que estaria em seu melhor comportamento.

É claro que eu jamais cairia na conversa deste John. Além do mais, duvido que a gente

compartilhe o mesmo conceito de "melhor comportamento".

– Me dê algum crédito, Chris, você acha que eu me apaixonaria por um misógino desse só porque ele é lindo? Não se preocupe comigo, ele que deveria proteger suas bolas se eu perder minha paciência!

Digo brincando, mais ou menos.

Chris coloca a mão entre as pernas, protegendo seus preciosos bens.

– Ai, não me lembre da sua festa de 12 anos!

Estou com meu sorriso mais diabólico. John me aguarde, este será o tipo de distração que preciso.

– Está vendo? Sempre soube me defender, você que nunca percebeu isso.

Chris também está sorrindo, ele me conhece, está mais aliviado agora que estarei segura e próxima a ele.

Ele me abraça, beija minha testa e diz:

– Tem razão e está na hora de crescer. Deixe-me ser o primeiro a te dar as boas-vindas ao louco mundo do *Jack Rock*.

CAPÍTULO 10

Os advogados me visitaram e oficializaram tudo: Chris era meu guardião. Em breve eu finalmente iria me mudar desta cidade. Nunca pensei que pagaria um preço tão alto pela sonhada *independência*.

Fiquei mais dois dias hospitalizada, pois os médicos queriam ter certeza que não havia sequelas de minha concussão. No final estavam tão prontos para se livrarem de mim, quanto eu estava deles.

Tia Bella, mãe do Chris, se ofereceu para guardar as coisas dos meus pais no porão de sua casa. Aceitei a oferta, pois seria complicado fazer sozinha com o imobilizador na perna.

Além disto, colocar os pertences dos meus pais, tudo aquilo que os definia, em caixas era tão... Definitivo.

Ainda não me sentia pronta.

Como Sam havia me prometido, ela e sua mãe organizaram um ato ecumênico para a comunidade enquanto eu ainda estava no hospital.

Hoje seria uma cerimônia íntima apenas comigo, John, Chris e sua família. O Delegado quando viu o filho chegar pediu desculpas e se retirou, Chris fingiu não perceber, mas ele também saiu o mais rápido possível. Logo os outros o seguiram, me dando um momento para me despedir.

As urnas agora estão dispostas lado a lado no mausoléu da família no velho cemitério. Sento-me no banco observando o triste lugar, a placa com tantos nomes esquecidos.

Do pó ao pó.

Caixas de papelão e urnas de metal eram tudo que restavam das duas pessoas que tanto fizeram por mim.

Será que eu falei o quanto eu os amava naquele dia? Ou pelo menos naquela semana?

Eu deveria ter dito enquanto ainda podia... *Quando eles ainda estavam aqui para me ouvir.*

Quase me arrependo de não ter aceito a oferta de Chris. Se a casa fosse minha, eu espalharia as cinzas no nosso quintal.

Mamãe amava as flores e papai amava minha mãe. Então ele sentava com ela no banco de madeira entre as roseiras para assistir ao entardecer sempre que podia. Às vezes eu os observava pela janela do sótão: ele sentado no balanço e ela deitada em seu colo.

Tento secar minhas lágrimas e passo a mão nas urnas:

– Vocês se amavam tanto, agora estarão separados para sempre por duas urnas frias, cercados por pedras cinzas e parentes esquecidos... Não haverá mais flores e pôr do sol, não sobrou nada.

Escuto barulho de passos e quando me viro vejo John ocupando toda a entrada, casualmente encostado na grade. Sinto-me exposta, este era para ter sido um momento privado.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto ríspida.

Tento andar com minha bota de imobilização no terreno irregular, mas mal consigo equilibrar.

Ele responde minha pergunta com outra:

– Precisa de ajuda?

As mãos dele em cima de mim enquanto ando em um terreno incerto?

Lembro da minha reação ao seu toque, porém acabei de abandonar as pessoas que mais amo em urnas. O elenco inteiro de *Magic Mike* poderia vir me carregar no colo que nem o Channing Tatum e sua trupe despertaria minha libido.

Provavelmente.

– Apenas um apoio com o braço caso eu caia. Obrigada.

O trajeto é curto e estamos em silêncio. Chris deve estar chateado, mas não há muito a ser feito sobre isto.

Ao longo dos anos ele sempre me dizia por telefone que era um alívio sair de casa. Nunca acreditei nele. Sei que no fundo importava sim.

Chegamos ao estacionamento. Chris está cabisbaixo e apoiado em um carro preto. Antes de me soltar, John diz em voz baixa:

– Sobrou você.

– O quê? – pergunto confusa.

Pela primeira vez ele fala comigo sério, seu olhar azul diretamente em meus olhos cor de mel:

– Lá atrás você disse que não restava nada, mas você é a principal conquista deles. Sobrou você, Elle, *viva por eles*.

Com isto ele continuou andando e entrou no carro, me deixando sem palavras e sem apoio. Literalmente. Tive que ir mancando até um desolado Chris.

– E aí? – pergunto sem jeito.

Grande frase de consolação, mas realmente o que eu poderia dizer? "Como você está se sentindo após ser abandonado pelo cara que te gerou porque quis ter sucesso na carreira dos seus sonhos?"

– E aí? – Chris responde com voz rouca.

Aparentemente eu não sou a única com falta de inspiração hoje. Encosto-me no carro ao lado dele e aponto para as árvores além do cemitério.

– Lembra quando nos perdemos naquela floresta?

Ele dá um pequeno sorriso. Eu tinha sete e ele nove anos. Na escola havia uma história sobre uma casa habitada pelos espíritos do cemitério e a gente queria assustar a Sam.

Para vê-los era preciso encontrar o chalé vermelho no meio da mata. Achá-lo foi fácil. Brincamos a tarde inteira de caça-fantasmas. Eu era Sigourney Weaver, ele era Bill Murray e Sam, o Geléia.

Foi divertido até anoitecer, quando tentamos voltar, mas pegamos o caminho errado. Passamos horas de fome, frio e medo, até que O Delegado nos encontrou.

Na época eu não percebi, mas aquela foi a primeira vez que a máscara de policial escorregou e vi a preocupação paterna surgir. Chris pensou que ia ser muito castigado, mas o pai dele estava tão aliviado por achar os filhos que tinha sido carinhoso.

Os cuidados que ele recebeu depois do incidente quase fizeram os momentos assustadores valerem à pena e hoje trouxeram um sorriso ao seu rosto:

– Sim, aquilo foi divertido. Você passou a semana me chamando de Dr. Chris "Venkman". Quer ir ver se ainda está lá?

Aponta para a bota na perna e falo brincando:

– Pode não ser muito fácil agora com esta belezinha aqui, mas se você acha que isto vai ajudar a recuperar o relacionamento com seu pai, eu topo!

Seu rosto se fecha imediatamente:

– Não se recupera o que nunca existiu, Helena. E mesmo que houvesse, não é algo que eu me importe. Agora entre no carro, meu voo parte em uma hora.

Por que abri minha boca grande? O luto não é um processo exclusivo da morte, perder alguém que a gente ama é sempre doloroso, não importa o motivo.

Acho que não sou a única a não ter superado a perda da família...

CAPÍTULO 11

A casa é só um bem material feito com tijolos e cimento.

Ser inanimado.

Então por que depois que os donos morrem parece não ter mais luz? Está cinza, escura e silenciosa. Triste.

Vazia.

Chris e John foram embora, eu não acreditava que O Delegado fosse cumprir a ameaça, mas não quis arriscar.

Além disto, eles tinham compromissos com a gravadora. Estavam em uma pausa entre turnês enquanto faziam o novo álbum, tinham uma agenda a cumprir e já tinham atrasado três dias por mim.

Estava afundada em pensamentos quando ouvi um grito:

– Vadia, venha aqui!

Sigo a voz e berro de volta:

– O que eu fiz para ser chamada de vadia, Tinkerbell?

Começo a rir pela primeira vez no dia. A resposta irritada que recebo já era esperada:

– Você ainda pergunta? Vai me abandonar, morar do outro lado do país com os dois caras mais gostosos do mundo e acabou de me chamar da maldita Sininho de novo!

– Você acabou de chamar seu irmão de gostoso, *minion*? – pergunto curiosa.

Chego na sala de televisão ou no que sobrou dela, cheia de caixas e roupas espalhadas por todos os lados, a TV ligada em um canal de fofocas e no meio de tudo uma enorme cama com lençóis púrpura.

Algum furacão deve ter passado por aqui.

– Eca! Meu irmão pode até ser bonito, afinal compartilhamos os genes, mas estava falando do sonho molhado e o deus grego do rock, John e Alysson.

Claro, o baixista. Por detrás de um biombo chinês que costumava ficar em meu quarto sai um pequeno furacão loiro chamado Samantha.

Ela me olha irada:

– Espera, você acabou de me chamar de *minion*?

– Você é pequena e amarela! E o que diabos aconteceu com minha sala? O que minha cama está fazendo aqui em baixo? – digo assustada com a bagunça.

– Pelo que eu ouvi falar, esta não é mais sua casa mesmo! – Sam diz emburrada.

Ela tem um grande coração, mas ainda não desenvolveu muito tato e não tem um filtro entre cérebro e boca. Mesmo assim, fico boquiaberta em choque.

– Desculpa! Não quis falar isso, você vai embora depois de amanhã e não pode subir escadas, então resolvi acampar aqui também. – ela fala com desespero. É tão branca que está com o rosto vermelho de vergonha pela gafe.

Tento aliviar, sei que não é por mal:

– Eu sei, relaxe, como você conseguiu fazer tudo isso sozinha?

– O bundão do meu irmão e aquele presente dos deuses às mulheres que fizeram a parte pesada...

E assim, Sam me distrai contando sobre como eles três empacotaram todas as minhas coisas e colocaram aqui para o caminhão de mudança.

Ela molhou de propósito a camisa de John, assim ele teve que ficar metade da tarde com o peito nu enquanto ajudava a carregar as caixas e a cama para baixo.

– Elle, que peitoral! Eu queria lambe as tatuagens dele. Quando estava acabando eu ainda tentei levar caixas escondidas de volta para cima só para ele ter mais coisas para descer novamente. – Sam diz enquanto se abana com uma das mãos.

– E por que não levou? – pergunto imaginando a cena, apenas Sam para me fazer sorrir.

– Eu ainda levei duas, mas Chris viu e me fez devolver... Aquele sem graça! – ela diz chateada, mas há um brilho em seu olhar.

– É bom ter o Chris de volta, né?

Sam me dá um sorriso sincero:

– Sim! Estava com saudades do bundão... Pena que é por pouco tempo e ele agora vai levar você e eu vou ficar sozinha...

Samantha não sorri mais e nem eu. Gostaria de levá-la comigo.

– Se eu pudesse, te levaria. Você sabe disso, não é? – digo com sinceridade.

Ela sorri para mim e dá de ombros.

– Quem sabe um dia – pega o controle da TV e aumenta o volume – agora vamos fazer um pouco de pesquisa sobre a vida do seu futuro chefe gostoso.

E assim passei dois dias falando sobre tudo e ao mesmo tempo nada, vendo canais de fofoca e cercada por caixas do que restou da minha infância, escondida na casa que um dia chamei de lar.

CAPÍTULO 12

Meu aniversário aconteceria em duas semanas, mas eu já estava dando o primeiro passo para minha independência. Ainda poderia ficar em casa este tempo, mas qual seria o sentido disso?

Eu me sentia como uma intrusa aqui.

Assim que eu embarcasse no avião, minha vida entraria em uma nova etapa. Se eu estivesse mais empolgada, sairia cantando "Dó-Ré-Mi" pelo aeroporto como uma versão drogada da Julie Andrews em *A noviça rebelde*.

Quanto aos meus pais, seguiria o conselho do John: guardaria as boas lembranças e viveria por eles.

Se eu pudesse levar uma pessoa a mais, seria um dia perfeito...

Sam me abraça com os olhos marejados de lágrimas:

– Você promete que vem me buscar, Elle?

– Sim, Sammy – respiro fundo. Sinto que voltei à noite em que me despedi do Chris – Você sabe que não pode ficar longe de mim por muito tempo, quem te tiraria dos problemas?

Ela sorri e dá de ombros:

– Você é a causa de metade deles mesmo!

– Isto não é exatamente a verdade, sabe? – digo com um meio sorriso.

– Mas também não é mentira. – Sam me abraça novamente – Pelo menos de você eu consegui me despedir...

Beijo o topo de sua cabeça. Sei que Sam ama o Chris, mas ela ainda sente que foi abandonada por ele. Iria um dia superar isto?

– Te amo, Sam! E voltarei por você mesmo que tenha que enfrentar O Delegado! – Não a deixaria para sempre sob o comando daquele ditador.

– Também te amo, Elle. Pegue uns gostosões lá por mim... – ela me olha maliciosa – pensando bem, pegue só alguns e deixe os melhores para mim!

Esta é minha Sam...

Sigo para o porão de embarque, em meia hora o avião partiria e o mundo seria minha ostra...



Quatro horas... QUATRO HORAS de atraso!

Eu estava estressada, cansada, faminta e não havia mais ninguém esperando por mim no destino.

"Nova vida", o caramba! E eu ainda esqueci do pequeno detalhe que não tenho mais celular e não tinha o telefone da Sam por perto.

Quando finalmente desembarco não sei ao certo o que fazer, até ver um homem de terno segurando uma placa com meu nome escrito.

Me aproximo dele com cautela:

– Olá, eu sou a Helena.

Apesar do porte militar rígido, ele me dá um sorriso sincero de boas-vindas.

– Boa noite, senhorita Helena, me chamo Gabriel – ele estende a mão e pega as minhas bagagens – John pediu que eu viesse buscá-la. Soubemos do atraso e estão todos a esperando na casa dele. Serei seu motorista esta noite.

Nossa, que formal! Pela sua forma de falar e postura acredito que ele seja mais do que um simples motorista.

Chris podia ter esperado por mim...

– Chris também está na casa de John? – Pergunto tentando sondar.

– Sim, não é recomendável que eles fiquem muitas horas em locais públicos, chama muita atenção. – sua expressão é estoica e ele não me diz mais nada.

Sento-me no banco de trás do carro, seguimos para um ponto mais alto e privilegiado da cidade. Paramos em frente a uma casa com um grande muro de pedra, portões de ferro e esquema de

segurança acirrado.

De fora só se via um extenso jardim, garantindo privacidade ao local. É tão bem cuidada e bonita! Pensei que seria algo mais despojado e cheio de mulheres... Mais *rock 'n roll*.

Não é o que eu esperava!

– Foi sugestão do arquiteto e da segurança, o exterior genérico despista possíveis curiosos que procuram qual mansão pertence à estrela do rock, senhorita Helena.

Assusto-me com o motorista, devo ter pensado em voz alta.

– Faz sentido... Mas você não precisa ser tão formal comigo, me chame de Elle.

Ele me olha pelo retrovisor ainda sério:

– Desculpe, mas não acho que seja apropriado.

Seu rosto é bonito, não tanto quanto o do seu chefe, mas poucos são. Gabriel deve ter um pouco mais de 30 anos, com um corpo atlético de quem levanta peso regularmente, perceptível mesmo usando um terno.

Ele será meu colega de trabalho, não quero ser tratada diferente por alguém mais velho que eu.

– Não gosto que me chamem Helena, insisto em Elle, por favor? – digo em voz de apelo.

Ele me dá um sorriso contido, mas seus olhos escuros brilham para mim.

– Tudo bem, Elle. Só se você me chamar de Gab.

Finalmente o carro passa pela segurança e atravessa todo o jardim, parando apenas na porta de entrada.

– Prazer em conhecê-lo, Gab! A gente se vê...

– O prazer foi meu, Elle. Até mais.

Gab dirige para longe, me deixando sozinha na mansão de John. Chamar aquilo de casa era um sacrilégio. Era grande, moderna, iluminada e todos lá dentro estavam esperando por mim.

Showtime.

CAPÍTULO 13

A porta se abre e Chris me recebe com um sorriso complacente.

– Minha garotinha pequena se perdeu no meio do caminho, foi?

Eu respondo imitando uma voz de criança:

– Sim, papai Chris, eu pedi que o avião me levasse para a banda de maior sucesso mundial!

Fui parar na Inglaterra, mas o One Direction não estava lá, então voltei para encontrar vocês.

Termino com um sorriso doce e os protestos indignados dos homens na sala eram impagáveis. Apenas Kim começou a rir e se levantou para me abraçar. Ela era a bela baterista do Jack Rock. Tinha rosto delicado com sobrancelhas grossas e bem marcadas, olhos verdes e longos cabelos ruivos.

Seu sorriso é caloroso e parece ser sincero quando me cumprimenta:

– Já gostei de você, a propaganda não foi enganosa.

Como é?

– Propaganda? Que propaganda?

Ela olha para mim e pisca. O que diabos isso significa?

– Chris sempre falou de você, só coisas boas, claro... – ela finge cochichar.

Uma voz grossa fala atrás de mim:

– Sim, *maravilhosas* até onde posso ver.

Me viro para encarar o dono da voz: Alysson. Ele era lindo, com um rosto em formato de coração, e olhos verdes e sorriso encantador que exalavam ares de bom moço.

Porém ele não me enganava: era um lobo na pele de cordeiro.

Levanto minha sobrancelha para ele:

– E eu pensava que todo baixista era obrigatoriamente magricela e cabeludo.

Ele ri e diz:

– Nem todos precisam se parecer com Steve Harris!

– Claro, porque gastar um tubo de gel para deixar o cabelo espetado assim é tão *rock 'n roll*!

Espera aí, foi você que o jornalista confundiu com uma mulher, não foi?

Todos na sala começaram a rir. A história era bem conhecida: eles foram a uma premiação quando a banda não era conhecida ainda e um jornalista estrangeiro confundiu os dois – os nomes Kim e Alysso são considerados unissex em alguns países.

A gafe foi tão grande que virou meme nacional em questão de horas. Na realidade, isto ajudou a deixar o Jack Rock mais conhecido.

Alysso me fulmina com o olhar.

– E o John disse que você era gostosa e mal-humorada. Acho que ele não mentiu também.

Procuro indignada pelo John, mas ele não está na sala.

Chris bate no ombro do amigo:

– Muito bem, Aly, deixe minha garota em paz. Ela não pode respirar direito com você em cima desse jeito.

Sua garota? Esta é nova para mim.

Me viro para o Chris que encara o baixista com expressão feroz:

– Ei, macho alfa, você é meu guardião pelas próximas duas semanas e não meu dono.

– Sob minha responsabilidade ou não, já avisei que você está *fora dos limites* para todos aqui, Elle! – Chris fala irritado.

Que audácia! Não estamos mais no jardim da infância, quando ele precisou me proteger do valentão da escola. Sei me defender sozinha.

Estava prestes a continuar a briga quando Kim segura meu braço e me leva até um terraço anexo. Estava na penumbra e o vento frio é bem-vindo para acalmar meu ânimo.

Kim fala rápido e em tom de apelo:

– Ele bebeu, Elle. Não adianta discutir agora, vai acabar ouvindo o que não quer. Por favor, fique aqui um pouco enquanto eu acalmo os ânimos lá dentro.

Dito isto ela sai. Mas que merda foi esta?

Chris bancando protetor é normal, eu que estava desacostumada. Mas o que Kim quis dizer com ouvir o que não quero? E a bebida? Estar embriagado é normal, assim como discutir com os próprios amigos?

Pelas portas de vidro vejo os três conversando, não consigo ouvir, mas parecem se entender. Talvez se eu abrir um pouco a porta...

– Você sempre tenta ouvir a conversa alheia?

Quase grito de susto com a voz rouca. John estava tão próximo que senti sua respiração quente soprar em meu ouvido.

– Você sempre assusta as pessoas?

Pergunto com raiva enquanto me viro. Como ele não se afasta, tenho que esticar meu pescoço para ver seu rosto.

De perto – e de longe – John era perfeito. Nunca fui fã de homens com barba, mas a dele parecia deixar seu olhar mais intenso, sexy...

Nunca fico corada e isto já está provando ser uma ótima habilidade no meu futuro emprego. Com o calor que estou sentido por dentro, se eu fosse branca como a Sam estaria mais vermelha que a roupa do Papai Noel.

Como seria beijá-lo? Ter estes lábios desenhados nos meus? Seriam macios e quentes? Doces ou rudes? Urgentes ou saboreando o momento?

Seu olhar desce para a minha boca. Estaria pensando a mesma coisa? Em me beijar? Minha respiração acelera e seu olhar desce um pouco mais. John lambe os próprios lábios.

Ele me quer e eu o quero.

E ele é meu futuro chefe. Droga.

– Que eu saiba só a você. – sua voz é grossa e me arrepiava.

Do que ele está falando mesmo?

–O quê? – pergunto confusa.

Ele se aproxima e coloca uma mão no vidro atrás de mim, diminuindo o já pequeno espaço

entre nós.

– Eu geralmente encanto as pessoas, você é a única que parece *assustada* quando me vê.

Ele está muito próximo, coloco minhas duas mãos em seu peito.

O cara deve malhar.

Ele me dá um sorriso vencedor e eu pisco de volta.

John se aproxima mais e eu o empurro com toda minha força.

Não é muita coisa, considerando que o homem é um tanque de músculos comparado a mim, mas é o suficiente para ele se afastar.

– Olha aqui, seu babaca presunçoso, não é porque você é famoso que pode ir encurralando garotas. Isto não te dá um passe livre para as calcinhas de todas as mulheres do mundo! A partir de amanhã sou sua funcionária, vai me respeitar ou isto não irá funcionar. Está claro?

Seu rosto demonstra surpresa e não indignação. Isto deve significar que mantenho meu emprego. Por enquanto.

– Cristalino. – John responde com um sorriso no canto da boca enquanto passa por mim e entra na casa.

CAPÍTULO 14

Depois que nós cinco nos reunimos na sala, ficamos conversando e nos conhecendo melhor. A banda era unida, fiquei feliz em saber que o Chris encontrou neles uma nova família.

Olho para Kim. Poderíamos ser amigas? Espero que sim. Eu sabia que seu nome verdadeiro era Cassandra, mas soube que ela havia escolhido Kim por causa da baterista do famoso quadrinho Scott Pilgrim, então pergunto se é verdade e ela me responde empolgada:

– Sim! Cassandra ou Cassie não soava roqueira suficiente para mim – ela retira a bota para mostrar a tatuagem na perna – Tenho até minha ruiva favorita marcada na pele para servir de inspiração! E deu certo com o nome da banda.

Kim me mostra o pulso que tem outra tatuagem linda com cifras e baquetas, no centro escrito em letra cursiva é possível ler:

John

Alysson

Chris

Kim

Rock

– Adorei! Eu quero uma também! – mas será que dói muito fazer?

Kim me mostra algumas outras lindas *tattoos* que ela tem e pergunta:

– E o seu apelido? De onde surgiu Elle?

Contei para eles sobre como meus pais e os de Chris eram vizinhos mesmo antes de a gente nascer. A minha mãe adorava a tragédia grega, escolheu meu nome por causa de Helena de Troia, a mais bela entra as mulheres, capaz até de fazer reinos sucumbirem.

Acho que mamãe tinha algumas altas expectativas em cima de mim...

Quando nasci Chris tinha dois anos e não conseguia falar meu nome direito, então chamava só de Elle. Todos acharam lindo e o apelido permaneceu até hoje.

Continuamos a conversar sobre nossa infância e o único que apenas observava era John.

Ocasionalmente fazia um comentário sarcástico ou rude sobre algo, mas se mantinha a parte quando o assunto era relembrar o passado. Ele apenas ouvia e levava o gargalo da cerveja aos lábios. Devo ter sido novamente pega admirando sua boca porque ele me oferece sua bebida e eu nego com a cabeça.

Chris grita do outro lado do sofá:

– Ela só tem 17 anos!

John se aproxima, me desafiando.

– Cala a boca, Chris! Você bebeu mais novo que isso – ele estende a cerveja para mim – E aí, princesa, vai negar?

Aceito o que ele oferece e a vitória brilha em seus olhos, mas minha lealdade é com outra pessoa:

– Sabe, "Johnny", eu poderia até beber de sua garrafa, mas considerando sua fama de mulherengo... Não quero correr o risco de pegar herpes. – digo com um sorriso falso.

Agora sim consigo a cara de indignação, serei demitida antes de ser contratada?

Enquanto os outros riem, Chris se estica para perto de mim.

– John...

Com uma mão levantada ele interrompe o amigo:

– Chris, avise à sua *namoradinha* que eu não gosto de ser chamado de Johnny. Meu nome é John, igual a John Wayne, John Rambo ou John McClane. Nada de apelidos!

Começo a rir, eu realmente escutei isso? Faço ou não a pergunta?

Dane-se, farei.

– Seu nome e carreira são baseados em cowboys, Rambo e no Duro de Matar – falo de queixo caído, é inacreditável.

Ele responde com ar autoritário:

– Sim, Hollywood compreende que todo John é poderoso, macho e intocável.

Olho para o céu. *Senhor, dai-me paciência.*

A prece não foi atendida rápido o suficiente, então falo desviando maliciosamente o olhar entre suas pernas.

– Sabe John, somando seu ego exagerado, casa enorme e mania de grandeza, eu diria que... Talvez você esteja tentando compensar a falta de tamanho em outros aspectos de sua vida, não?

Ele apenas se encosta mais na cadeira, deixando sua virilha mais livre para minha inspeção.

Droga, minha tentativa de intimidação falhou. Agora eu que estou envergonhada.

– Se estiver curiosa, Elle, pode comprovar por si mesma. – ele fala pausadamente, me desafiando a continuar.

Chris de repente está em pé ao meu lado.

– Vamos embora, Elle – ele me ajuda a levantar e olha torto para o amigo – a gente *conversa* amanhã, John.

Acho é hora de partirmos, não que eu tenha realmente ficado tentada a comprovar nada de John.

Nem um pouquinho.

CAPÍTULO 15

Eu ficarei no apartamento do Chris enquanto ele for meu guardião. Pensei em protestar, mas foi melhor assim. Preciso definir alguns limites com John.

Admito que estou um pouco atraída por ele... Quem pode me culpar? Metade do país se sente assim!

Não é só pela aparência e voz, mas também seu ar misterioso. Te faz querer desvendar seus segredos mais sombrios. Também não posso me esquecer de seu comentário no hospital e no cemitério, além da ajuda que deu a Sam, carregando minha mudança em casa.

Ele quer parecer desinteressado, mas sua atitude *blasé* pode ser fachada... Talvez seja o que mais vê.

Quanta bobagem! Aposto que ele tem a profundidade de um pires...

Chris mora em um apartamento no centro da cidade e usa um esquema muito moderno para não ser reconhecido pelos vizinhos: boné, jaqueta extremamente folgada e não falar com nenhum deles. Além disto, usa uma chave mestra no elevador que trava todas outras chamadas, levando-o direto ao seu andar.

Ele realmente deve ter sofrido estes anos sem mim e Sam para elaborar os planos por ele. Mas tem funcionado surpreendentemente bem... Pelo menos por enquanto.

O apartamento de Chris podia parecer pequeno comparado com o palácio do John, mas a localização era perfeita, no coração da cidade. Foi o primeiro lugar que ele pode comprar quando começou a ganhar dinheiro. Era despojado, masculino e cheio de tecnologias, guitarras e violões.

Em uma das paredes havia um mural com diversas fotos dos lugares que eles visitaram quando estavam em turnês e os famosos que conheceram. Também havia várias outras fotos minhas, de Sam e de sua mãe.

Passo minha mão em uma especial. Nós dois estávamos abraçados com o rosto sujo de bolo de chocolate no meu aniversário de 14 anos. Tinha sido a última foto nossa antes dele partir. Como senti falta dele depois disso.

Chris se aproxima de mim e me envolve com seus braços, beijando o topo da minha cabeça.

– Por muito tempo esta foi minha única lembrança sua...

Eu o abraço de volta. Era bom estar com meu amigo novamente. Mas eu precisava esclarecer uma coisa.

– Chris, por que você falou aquilo para o Alysson?

Ele me solta e me encara com a testa franzida:

– Por que sim, Elle! Eles estão acostumados a ter todas as mulheres que desejam. Eu só quis proteger você.

Chris e seu complexo de herói! Honestamente, quando ele vai superar isso?

– Você não pode se intrometer assim – tento amenizar minha voz. Sei que sua intenção é boa – Se você quer que eles me respeitem, eu tenho que me impor sozinha. Entendeu?

Ele me puxa novamente para os seus braços.

– Eu sei, Elle. Mas é difícil para mim...

Chris sempre tem as melhores intenções comigo e me sinto uma ingrata.

– Ei, lembra quando a gente era criança e você me contava histórias para dormir quando eu tinha medo?

A gente sempre assistia filmes de terror escondidos. O problema é que eu tinha pesadelos e não podia dormir depois.

Ele sorri com a memória.

– Sim, você quase quebrou minha janela uma vez jogando pedra! Vá colocar seu pijama que eu conto uma história...

Corro direto para o banheiro e tomo um banho rápido, visto meu moletom e vou ao quarto que Chris apontou como meu pelos próximos quinze dias.

Acendo a luz. Tudo é branco e lilás, minha cor favorita. Há estrelas no teto e flores na janela. Começo a chorar ao notar que ele pensou em todos os detalhes. Sempre tão atencioso.

Batem à minha porta:

– Elle, está tudo bem aí?

Como não consigo responder, apenas abro para que ele entre.

– O que houve? – ele pergunta preocupado e olhando para todos os lados com a testa franzida procurando por uma possível ameaça.

– Você. – digo com os lábios trementes.

Sua surpresa é evidente, seus olhos que tanto transmitem seus sentimentos estão confusos.

– Sim, Chris, você! Sua atenção e dedicação, obrigada por ir me socorrer e tudo mais... Eu acho que não agradei antes, mas fique sabendo que sou sim grata por tudo que você tem feito... Não apenas agora, mas sempre. Você é o melhor amigo que uma pessoa poderia querer ter!

Digo tudo em um fôlego só. Espero que ele saiba o quanto eu o amo.

Ele sorri feliz e acaricia meu rosto, secando o rastro de minhas lágrimas.

– Sem você e sua família minha infância teria sido uma merda. Eu teria ficado preso em casa e Deus sabe o que poderia acontecer sob influência exclusiva do meu pai. – ele se senta na cama e me puxa, encostando minha cabeça em seu peito. – Vocês me mostraram que existe amor, beleza e poesia no mundo. Que a vida podia ser divertida, sem o esconderijo secreto e os seus esquemas malucos para que eu pudesse ter aulas de violão, jamais saberia diferenciar as notas musicais. *Você me fez o homem que sou hoje*, Elle.

Suas palavras são lindas e me emocionam, mas o que foi feito no passado foi por ele. Chris no palco era uma luz que não poderia ser apagada. E ele era mais que meu amigo... Chris era uma extensão de mim, um companheiro. Um irmão.

Abraçada a ele como fizemos tantas vezes na infância, olho para as estrelas presas ao teto e digo:

– Sabe, Chris, um dia quando você encontrar uma mulher que roube seu coração ela vai ser a pessoa mais sortuda do mundo! – beijo sua bochecha – Adorei o que você fez com o quarto, obrigada.

Ele fica calado por alguns segundos, penso que adormeceu, mas sua respiração não está uniforme. Chris então relaxa um pouco e começa a alisar meus cabelos.

– De nada, Elle. Quer ouvir minha história agora?

Faço que sim com a cabeça e ele começa a me contar o que aconteceu quando saiu de casa.

Deixo sua voz me hipnotizar noite adentro.

"Eu não levei muito dinheiro naquela noite. Mas foi suficiente para chegar até a cidade grande mais próxima e me manter por um tempo. Se saí de casa por causa da música, era questão de honra eu me sustentar com ela. No início ganhava esmolas tocando em esquinas e metrô. Os bares não me contratavam porque eu era menor de idade.

Morava em abrigos públicos quando tinha sorte ou me escondia nos parques. Às vezes passava a noite rodando no vagão do metrô, cochilava enquanto a cidade passava adormecida pela janela. Quatro meses depois conheci outro rapaz, alto e muito magro. Apesar da aparência frágil, havia força e inteligência em seu olho. Ele tinha um violão velho e sabia tocar um pouco. No entanto, era sua voz que impressionava.

Arthur tinha 19 anos, se apresentava em alguns bares pequenos e ajudava como garçom. Nos tornamos amigos, eu tocava e fazia segunda voz enquanto ele cantava. Ele nos conseguiu documentos falsos e juntos formamos uma boa dupla de pop rock. Antes que percebêssemos, estávamos nos apresentando em locais um pouco melhores. Um dia um senhor nos ofereceu uma proposta para uma banda.

Kim era uma estudante rica de uma grande escola de música, odiava os pais e a alta sociedade. Aly também era musicista, porém em uma universidade pública e fez algumas coisas questionáveis por necessidade antes de entrar para o Jack Rock. Já Arthur teve que partir e John veio em seu lugar, o resto você já sabe. Publicidade, redes sociais e uma música hit nos levou para o sucesso.

No início, quando sonhávamos com a fama e fortuna Arthur disse que um dia compraríamos imensas mansões vizinhas e assim sempre estaríamos um de olho no outro. Eu disse que primeiro ele teria que conhecer você.

Eu só seria vizinho dele se você quisesse ser seu vizinho também..."

Estou muito sonolenta, mas ainda ouvi o final.

– Quer dizer que você já pretendia comprar uma casa cara para mim mesmo naquela época?

Na penumbra não posso ver sua expressão e sua voz está cansada, provavelmente de sono:

– Sim, querida. Eu queria que você fosse minha vizinha para sempre... Prometi isso, não foi?

– Sim, prometeu, mas eu tinha 14 anos e estava desesperada por uma garantia, não conta! O

que aconteceu com Arthur? Queria tê-lo conhecido, parece ser bem mais legal do que John.

Sempre quis conhecer esse cara, mas Chris nunca o apresentou ou mandou foto para mim. Chris beija minha testa e fala com voz sonolenta:

– Arthur teve que enfrentar seus demônios do passado. Durma, Elle, amanhã você terá um grande dia pela frente.

CAPÍTULO 16

Está quente, o céu outrora escuro agora está alaranjado. Escuto estalos de folhas queimando.

Onde estou?

Vejo chamas, duas sombras no fogo. São as folhas que estão queimando? Tento me levantar, mas estou presa ao chão.

Por favor, não! O cheiro é forte, preciso tirá-los de lá...

Do pó ao pó, sufocando em urnas.

Queimando, queimando, queimando, queimando...

Acordo sobressaltada com os lençóis revirados e coberta de suor. Corro para o banheiro, mas, apesar da ânsia, o vômito não vem. Eu deveria ter aceitado os remédios para dormir que o médico ofereceu...

Era tão real! Senti o cheiro de queimado. Na verdade, ainda sinto.

Estranho.

Decido procurar o Chris. Encontro-o distraído cantarolando na cozinha vestido de shorts e camiseta branca, cabelo loiro despenteado e usando um avental com a frase: "beije o chef".

Ele olha para mim e pisca o olho, seu sorriso ilumina a sala.

– Bom dia, Bela Adormecida, fiz café da manhã para a gente! Tentei uma omelete primeiro, mas queimei todas. Então teremos salada de frutas, ok?

Então era daqui que o cheiro vinha.

Beijo sua bochecha e puxo um banco a sua frente. Tomo um gole de suco de laranja.

– Parece perfeito, obrigada.

Chris coloca um morango na boca, o suco escorrega pelo canto do lábio e antes que perceba estou limpando com meu polegar. Ele segura meu pulso e com os lábios limpa o líquido do meu dedo. A intensidade de seu olhar enquanto faz isso me deixa paralisada, estou com a boca aberta em

choque.

O que acabou de acontecer?

Ele desvia o olhar para a comida, soltando minha mão.

– Dormiu bem?

Ok, *isso* foi estranho. Mas é o Chris... Ele nunca agiu com segundas intenções comigo, deve ter feito sem pensar também.

– Sim e você? – *Acordar* é que foi uma merda.

– Bem como não dormia há muito tempo... – Ele responde feliz. O momento estranho passou.

Decido não contar sobre o pesadelo, não quero preocupá-lo. Depois de comermos e nos arrumarmos, Chris me deixa na casa do John, pois mais tarde iríamos para a fisioterapia. Esperava em breve me livrar da bota imobilizadora.

Na casa de John uma senhora de meia idade me recebe. Ela é baixinha e está acima do peso, tem os cabelos negros marcados com tons cinza. Seu enorme sorriso me lembra as boas vovós de contos infantis.

– Olá, *mi* menina! Vai ser ótimo ter uma garota aqui para me fazer companhia! Sou Maria.

Ela me dá um abraço caloroso, seu forte sotaque não deixa dúvida para sua origem latina. Fico feliz em saber que não serei a única mulher por aqui.

– Prazer, Maria, sou a Elle. John explicou o que vou fazer aqui?

Ela coloca a mão na base das minhas costas, guiando-me para os fundos da casa.

– *Sí*, querida – ela fala em tom conspiratório – Hoje levantou cedo por sua causa, mas não diga que eu te contei! Está terminando sua corrida, venha sentar enquanto espera por ele. Quer limonada?

– Não, obrigada. – Maria me faz sorrir e relaxar um pouco.

Chegamos em uma porta de vidro dupla que dá para um enorme espaço aberto com jardim e bancos de madeira. Há também uma piscina com churrasqueira e quadra de esportes cercada por uma pista de corrida e outras áreas que não posso ver daqui.

É moderno e pensado para acomodar todas as necessidades de uma pessoa sem que ela tenha

que sair de casa e ainda receber dezenas de convidados.

Nossa, quanta ostentação!

Mas penso no que o segurança falou ontem, tudo aqui parecia ter sido planejado para mantê-lo dentro de casa e escondido da mídia.

Era uma prisão de luxo.

Chris não usava isso tudo, mas seu esquema não duraria muito. Em breve alguém iria descobrir seu apartamento e ele teria que dar adeus ao lugar que considerou como lar por tanto tempo. A fama tinha um custo alto: a liberdade.

A mídia era como uma criança com uma lupa grande e os artistas suas formigas. Eles esperam apenas aquele flash... A foto comprometedor para queimá-los até não sobrar nada.

Estou distraída em pensamentos quando escuto passos. John surge de uma sala toda de vidro que parece ser uma academia e grita avisando que vai dar só uma corrida para finalizar o treino.

Espero ter respondido alguma coisa, mas acho que minhas funções cognitivas entraram em curto circuito.

Put a merda!

Não acredito que Maria me deixou sentada na porcaria de uma cadeira de jardim quando eu poderia ter ficado na frente da academia com um balde de pipoca apenas admirando a vista. Samantha me avisou, as revistas me prepararam, mas nada me deixaria pronta para a visão dele de boné, óculos escuros e sem camisa correndo na minha frente...

O sol beijava sua pele suada, aumentando o contraste com as tatuagens escuras, deixando-o ainda mais atraente. *Não é muito justo.*

Ele não era excessivamente musculoso, mas seu corpo enxuto estava bem cuidado. Seu abdômen era definido e terminava em um "v" que estava bem à mostra pelo short perigosamente baixo...

Isso sim é uma verdadeira *ostentação*!

Maria me ofereceu limonada? Ou água? Ou qualquer coisa para me refrescar?

Preciso sair daqui urgente. E levanto e decido procurar pela cozinha. O problema é que não conheço a casa e saio vagando pelos corredores. São tantas portas que corro o risco de encontrar o

caminho secreto para Nárnia ou algo do tipo.

Estou prestes a abrir outra porta quando sinto um corpo sólido contra as minhas costas.

– Procurando por algo, garotinha?

Sim, uma camisa para ele e juízo para mim. Não necessariamente nesta ordem.

Viro-me para John, tentando parecer chateada:

– Quer parar de aparecer do nada e ficar me encurralando?

Seus olhos brilham como safira com diversão. O canto de sua boca se levanta com um sorriso.

– Por que você saiu quase correndo? Viu algo que não agradou? – ele se aproxima mais, sua respiração fazendo cócegas em meu pescoço – ou será que foi algo que gostou demais?

Inclino um pouco minha cabeça, quase encostando meus lábios em sua orelha. Mesmo suado o desgraçado ainda cheirava bem.

– O que você quer de mim, John? Que eu admita que o acho atraente? Sim, você é, todos sabem disso, mas para mim o que importa é quem a pessoa é por dentro – olho-o com desdém – e até agora você não passa de um egocêntrico metido.

Ele se afasta um pouco, com raiva brilhando em seus olhos.

– Não fui egocêntrico quando ofereci ajuda, fui?

Dou de ombros.

– Não, mas foi metido.

Eu não tinha pedido ajuda, ele que se intrometeu na conversa dos outros...

Os olhos dele se estreitam, vejo uma veia em seu rosto saltar. Acho que ele deve ter um nível de tolerância mais baixo que o Chris para aguentar minhas merdas.

John se aproxima ainda mais, prensando meu corpo contra a porta. Uma de suas mãos envolvem minha cintura e a outra segura meu cabelo, levantando meu rosto um pouco. Seu nariz toca o meu e sua respiração se mistura com a minha.

– Não me tente, Helena, não sou muito paciente – ele passa a ponta do nariz na curva do meu

pescoço, sentindo meu aroma – se quiser, você pode engolir seu orgulho e ser sustentada pelo Chris. Ou ir morar em algum beco e trabalhar doze horas por um salário mínimo. É isto que você quer?

Respira, Elle! Mantenha-se firme!

– Depende, tem alguma cláusula sobre assédio sexual no contrato?

John sorri com escárnio, mas seu aperto não diminui. Ele também não avança para me beijar.

Eu me mantenho firme. É uma batalha de vontades, um teste, nenhum dos dois quer ser o primeiro a avançar ou recuar.

– Podemos adicionar uma cláusula que funcione para ambos os lados, Helena...

Ele invade ainda mais meu espaço pessoal e tudo que consigo pensar é em seus lábios nos meus. Me inclino em sua direção. Ele é como um ímã para mim.

John tira a mão da minha cintura e passa o polegar no meu lábio inferior. Minha boca está entreaberta, falar está além da minha capacidade no momento. Depois eu penso nas consequências porque agora só há uma coisa em minha mente: *ele*.

– Relaxe, você está a salvo comigo – ele diz com sarcasmo – Afinal, não queremos que a *garota do Chris* pegue herpes.

Dito isto ele me solta e vai embora.

Filho da puta.

CAPÍTULO 17

Volto pelo corredor em que entrei e olho a grandeza do lugar... Eu realmente pertenço a este ambiente? O que estou fazendo? Vou trabalhar para alguém instável como o John? Ou será que o problema é comigo? Eu que fico desestabilizada perto dele?

Isto vai ser um teste para o meu controle...

Chris disse que confiaria sua vida à John, logo, se eu sair agora será por pura covardia. Depois de todo meu discurso e briga no hospital, não posso voltar atrás. Ou será que posso? Não sei...

Após um tempo, John reaparece vestido casualmente com bermuda jeans e camiseta. Seus cabelos estão molhados e há um sorriso satisfeito no rosto.

Idiota.

– Já que não saiu correndo, vamos ao meu escritório. Meu advogado preparou um contrato para você. – ele não espera minha resposta, apenas se vira e anda.

– Você tem um escritório? Você ao menos o usa? – pensei que ele só vadiava o dia todo.

Não que seja surpreendente ele ter um, aqui deve ter de tudo. Acho que o tamanho da casa deve corresponder à dimensão do ego do dono.

John me olha por cima do ombro.

– Estou usando agora, não é? E acho o escritório um local apropriado para você ficar o dia inteiro, sem ter que estar solta pela casa.

Solta pela casa?

– Como assim? – pergunto indignada.

Sempre fui uma pessoa paciente, ou ao menos *pensei* que fosse. Mas como queria dar um tapa na cabeça perfeita dele!

Ele se vira para mim e fala sério pela segunda vez:

– Você pretende organizar as cartas dos fãs, minha agenda, segurança e toda essa baboseira

de onde? Do sofá? Da varanda? – ele aponta para o lado de fora da casa – Ou quem sabe da piscina, enquanto toma umas margueritas? Você não estará de férias aqui, Helena!

– Eu sei disso – *imbecil* – perguntei só por curiosidade.

Ainda não comecei oficialmente meu trabalho e meu chefe já me irritou um milhão de vezes! Eu deveria rasgar o contrato de merda e fazê-lo engolir pedaço por pedaço.

Ele me olha diabolicamente.

– Cuidado com sua curiosidade, Helena... A gatinha pode terminar se dando mal...

Respondo com raiva:

– Olha John, não sei se isto vai dar certo! Você quer parar com essas insinuações? E eu não sou *sua* gatinha!

Ele apenas dá um de ombros e recomeça a andar a passos largos. O idiota nem espera enquanto eu manco atrás dele.

– Tanto faz! Você também não terá privilégios por ser *a garota do Chris* – John olha novamente para mim, me avaliando da cabeça aos pés – A propósito, eu disse que você era uma gatinha. Não que era a *minha* gatinha.

Antes que eu perceba estou segurando seu braço com força. Ele se vira olhando da minha mão até meu rosto, então levanta uma sobrancelha em questionamento.

– Para sua informação, não espero ou quero privilégios! Não sou, nem quero ser a gatinha de ninguém por aqui, eu pertenço só a mim. Chris é meu amigo e guardião temporário, não meu dono. Estamos entendidos?

Estou fervendo de raiva contida e minhas unhas cravam em seu braço. Ele apenas dá um sorriso enigmático, como se estivesse lembrando de alguma piada interna

– Se você diz...

Com isto ele se solta e continua a andar, esse cara é meio louco. Eu queria colocar as mãos ao redor do pescoço dele e apertar.

Talvez *eu* seja meio louca.

Finalmente chegamos ao escritório. Eu havia imaginado que ficaria presa o dia inteira entre

quatro paredes, sem respirar ar puro ou ver a luz do dia. Ainda bem que a visão dos *rockstars* de escritório é bem diferente da minha!

Uma das paredes é feita completamente de vidro com uma visão panorâmica para o imenso jardim frontal. Na parede oposta há uma imensa estante de metal com diversos livros. Uma olhada rápida mostra que a maioria é sobre a história da música, biografias, alguns clássicos e outros de autores que o Chris também gostava, como J. J. Benítez e Dan Brown.

Havia uma mesa imensa de vidro feita com um desenho intrincado, parecia brilhar e iluminar a sala com a luz do sol que entrava. Havia uma poltrona branca e grande suficiente para caber um *Yeti* confortavelmente, com duas versões menores do outro lado dela para visitantes. Outra parede estava ocupada por um enorme sofá branco.

Quando vi a última parede, levei um susto: pilhas e pilhas de cartas e caixas. Não tinha ideia que eram tantas. John percebe meu choque, mas não diz nada.

– Que tal irmos aos negócios? Sente-se enquanto pego seu contrato.

Ele procura nas gavetas de um móvel oculto pela mesa. A poltrona gigante não parecia tão grande para ele. Eu me sento, apenas esperando para mandá-lo à merda com a porcaria do contrato.

Posso engolir meu orgulho e ficar no apartamento do Chris até as aulas começarem, depois fico amiga de alguma garota e divido um apartamento com ela. Mas e se eu não fizer amizade logo? E se todas já tiverem onde morar? E se eu não conseguir outro emprego logo?

Ele olha para mim e fala solenemente suas exigências.

– O que espero de minha assistente pessoal é que você cuide de tudo e eu não tenha que me preocupar com absolutamente nada. Por tudo, eu quero dizer: meu esquema de segurança, minha agenda de shows. Além de meus compromissos com patrocinadores, propagandas, entrevistas e divulgações, horários de gravações, ensaios e também qualquer outro compromisso que venha a surgir.

Ele me encara sério e aponta para a pilha atrás de mim:

– E não esqueça das cartas de fãs, precisam ser respondidas logo. Estas são apenas as que estavam espalhadas pela casa, tem algumas guardadas no porão, fora os e-mails. Você acha que dá conta, *garotinha*?

O tom de desafio é óbvio em sua voz e postura, outro teste. O que ele falaria se eu dissesse

que estava fora?

Digo com sarcasmo:

– Preciso agendar suas idas ao banheiro também?

Ele levanta uma sobrancelha para mim.

– Só se você quiser me secar depois do banho...

Ele saindo do chuveiro pelado e todo molhando, esperando por mim para secá-lo? Realmente tentador...

– Passo. – falo ríspida.

– Tem certeza? Muitas mulheres adorariam.

O brilho sacana em seu olhar não deixa dúvidas na veracidade de sua afirmação.

– Não sou "muitas mulheres". – mas sou boa mentirosa.

Ainda bem que consigo manter minha cara de pôquer. Anos mentindo pelo Chris para O Delegado serviram para alguma coisa.

Ele dá de ombros novamente. Que mania de fazer isso!

– Ok! As vantagens são aquelas que já te falei. Pode ver que estão todas listadas, incluindo o valor inicial do salário. – ele aponta para uma seção do contrato – Quer que eu adicione uma cláusula de assédio sexual? Posso mandar para revisão...

– Não, confio no seu bom julgamento. – e no meu autocontrole.

Só não tenho confiança no meu bom senso! O valor do salário é exorbitante, poucos no primeiro emprego conseguem um valor tão alto... Em muitos empregos para ser honesta. Ganhando isto e sem pagar aluguel eu poderia usar toda a pensão do meu pai para quitar a dívida em menos tempo.

– Certo, mas você só vai poder assinar após seu aniversário. Tem alguma dúvida ou cláusula que queira modificar?

Ele fica bem no modo negócios. Como seria uma versão engravatada do roqueiro mal-humorado?

– Só uma, quando assinar ganho um Audi A3 *especial sub*? – tento fazer uma piada.

Ele realmente faz cara de surpresa. Ainda bem que não faz ideia do que estou falando ou eu provavelmente iria ficar uma semana ouvindo piadinhas infames sobre gravatas cinza e chicotes.

– Nada não, esquece. Por onde começo? – digo rapidamente.

Ele guarda o contrato e começa a sair do escritório.

– Pelas cartas. E, Ele – ele se vira e pisca o olho para mim – Boa sorte...

E assim eu me encontro com minha nova melhor amiga: a pilha de cartas de fãs.

Que a diversão comece!

CAPÍTULO 18

Horas depois começo a achar que o salário não é tão grande assim. O ego de John já era impossível de aguentar, se ele tivesse lido estas cartas jamais pisaria no chão. Algumas dessas mulheres não tinham nenhuma noção! Preciso de algum de sistema de classificação ou nunca terminaria isto e meu querido chefe espera que eu desempenhe outras funções. Estou pensando no que fazer quando o próprio invade o escritório:

– E aí, está pronta?

John aparece todo arrumado em seus jeans e cabelos presos em coque samurai. Deus abençoe a pessoa que inventou esta moda para os homens. Ela merecia um prêmio.

Ele olha para mim impaciente, como se eu fosse uma criança teimosa.

– Já está quase na hora da sua fisioterapia e você ainda não almoçou.

Agora eu realmente estou perdida.

– Como você... O quê?

Ele se abaixa e me segura pelo braço, me ajudando a levantar. Recolhe minha bolsa e vai me empurrando em direção à porta.

– Vamos, garotinha, prometi ao papai Chris que você não ia atrasar. Da próxima vez olhe suas mensagens no celular para não perder seus compromissos.

– Quer parar de me chamar de garotinha? É irritante – o empurro com a mão e vou andando sozinha – E não tenho celular, o meu se foi junto com todo o resto no acidente... Não recuperei nada do que foi perdido naquele dia ainda!

Saio da casa aborrecida. Gab está parado ao lado do carro com a porta do banco passageiro aberta para mim. Aceno com a cabeça para ele e entro, John me segue.

John parece inseguro pela primeira vez:

– Desculpa, Elle, eu não sabia. Chris deve ter esquecido, ele está preso no estúdio de gravação e não pode ir...

Não preciso de babá, mas uma carona seria bem-vinda.

– Ok, tudo bem... Obrigada pelo aviso – aponto para Gabriel – Ele pode me levar? De lá eu pego um táxi para a casa do Chris.

John me olha com a testa franzida, como se tivesse crescido uma segunda cabeça em mim.

– Eu vou te levar – ele então fecha a porta do carro e manda Gabriel seguir.

– Por que você veio? Poderia ter me mandado só com o Gab. – pergunto curiosa.

Ele olha desconfiado para o banco da frente. Gabriel continua dirigindo como se não pudesse ouvir o que é dito no carro.

– Gab? E já é Gab para você? Eu disse, você não comeu nada e quero um sanduíche. Vamos? – seu tom não deixa muita margem para discussão.

Sim, *chefinho*. O carro estaciona em frente a uma conhecida rede de sanduíches naturais. Antes de abrir a porta ele coloca um boné e grandes óculos escuros estilo aviador, escondendo metade do seu rosto. Sai do carro mantendo a cabeça baixa e me puxa para sentar em uma discreta mesa no fundo.

Gab anota minha escolha e pede por nós. Ser famoso é um saco quando não se pode nem comprar seu próprio lanche. Sentamos um ao lado do outro, ele está relaxado e pela primeira vez me sinto mais descontraída com John.

– Sabe, em termos de disfarce, o seu não é muito eficiente.

Ele sorri e escorrega um pouco os óculos pelo nariz afilado, encarando-me por cima das lentes.

– Não precisa ser. As pessoas não prestam realmente atenção. A maioria só enxerga o que é evidente aos seus olhos.

Sim, talvez eu devesse me incluir nesta categoria. Sempre vejo sua beleza e comparo com o que sai na mídia. Talvez eu não precise ficar o tempo inteiro com a guarda levantada perto dele. Porém, Chris me avisou para não me apegar e confio em seu julgamento. Que motivos ele teria para me dar falsos avisos?

– Como você conheceu o Chris? – pergunto curiosa como sempre.

John mastiga lentamente, pensando em sua resposta. Sua boca está toda suja de cream cheese, ele deixa escapar sua língua e a desliza pelos lábios, limpando a bagunça.

Caramba, ele está tentando me distrair ou é sexy até comendo? O problema também pode ser comigo, faz tempo que não saio com ninguém...

Mas fiz uma pergunta simples, por que a demora na resposta?

– O nosso empresário nos apresentou. – ele finalmente responde.

Esta é a resposta brilhante que precisou de tanto pensamento? Agora seu sanduíche italiano deve ser o objeto mais interessante do mundo. John está tão concentrado nele que deve conter os segredos do universo.

Nesse mato tem coelho e eu sou como a Alice, perseguindo qualquer pista que achar para saciar minha curiosidade...

Deixo o lanche de lado; meu foco é John.

– Você conheceu o Arthur?

Ele segura o copo de bebida com tanta força que amassa. Tenta disfarçar, mas a tensão em seu corpo é evidente. Bingo! Chris sempre desconversa quando procuro saber o que houve com seu amigo que tanto o ajudou no momento de necessidade. John sabe a verdade, será que ele me contaria?

Sua voz é firme e parece irritada quando ele finalmente fala:

– O que você sabe sobre ele?

Não era a reação que eu esperava. Qual o problema dele com o Arthur? Nem sabia que eles se conheciam.

– Eu sei que ele foi a única pessoa a ajudar o Chris quando ele mais precisou e depois sumiu. Só queria ter certeza que ele está bem.

Ele olha para mim com o rosto confuso e olhos tempestuosos.

– Por que você se importa?

Não tenho uma resposta concreta para isto. Nunca vi Arthur pessoalmente e nem por foto, acho que o idealizei em minha mente como algum tipo de salvador que virou mártir... Sinto uma inexplicável empatia por este desconhecido.

Ele era um órfão que desde o início da adolescência sobreviveu nas ruas, sem se tornar bandido ou se entregar às drogas. Viveu à margem da sociedade, mas não se tornou um "marginal".

Havia algo ruim em sua infância, mas Chris não quis me contar. Será que o passado finalmente o alcançou?

Olho para o lindo homem na minha frente. Arthur não era bonito suficiente para ser o vocalista de uma banda famosa e por isto foi descartado? Não acho que Chris faria algo tão cruel com um amigo. Poderia a promessa de fama e fortuna em um momento de necessidade corromper até a mais pura das almas?

Uma lágrima escorre do meu olho antes que eu perceba, preciso saber se o Chris de hoje ainda tem a essência do garoto que cresceu comigo. John está quieto agora, retomou o controle de suas emoções e me observa em seu jeito estoico.

Não há mais lanche relaxado, estou trancada do lado de fora.

Falo com raiva pela injustiça feita a este desconhecido:

– Eu me importo porque ninguém mais o faz!

John se levanta e joga nossos sanduíches meio comidos no lixo. Ele se inclina na mesa, me encarando:

– Esqueça ele, Helena! Arthur é um ninguém. Vamos, estamos atrasados.

Com isto ele se vira e anda até o carro, desta vez sem verificar se estou ou não o seguindo. O que ele não sabe é que sua tentativa de me intimidar só faz aumentar a minha curiosidade.

Onde está Arthur?

CAPÍTULO 19

Assim que entro no carro Gab dá a partida e o som liga automaticamente. Shakira e Beyonce lamentam juntas: "*Just a beautiful liar...*" [\[1\]](#). A ironia do momento não é perdida por mim e tento abafar a risada.

John exige em voz de comando:

– Desligue o som, Gabriel.

De zero a dez em uma escala de raiva, eu diria que John está puto no nível 11. Sua reação é exagerada, não acho que eu tenha perguntado nada demais...

– Eu posso pegar um táxi para a fisioterapia... – não conheço John. Não sei como fica quando está nervoso e também não quero descobrir.

Ele não olha para mim, fica observando a cidade passar pela janela.

– Não, eu prometi levá-la e é o que vou fazer.

Posso parecer ingrata, mas não gosto de ser estorvo. Deste tipo de favor dispenso.

– É sério, não precisa...

Ele se vira rapidamente, seu rosto a centímetros do meu.

– Quieta, Helena, por favor?

Me ajeito em meu banco e cruzo os braços. Fico quieta só porque ele pediu "por favor". Pelo retrovisor percebo que Gabriel está nos olhando com a sobrancelha levantada. Não quero nem saber o que ele deve estar pensando.

Apesar do meu protesto, John me segue para o consultório. Disse que na condição de meu chefe precisa saber a extensão de meus danos.

Que besteira! Ele é quem precisa de cuidados, criatura bipolar que quer me enlouquecer.

A fisioterapeuta se chama Laura e foi indicada por DJ. Ela era seis anos mais velha que eu e era linda, com estatura média, cabelos longos cor de chocolate e olhos verdes. Quando ela me pergunta sobre o acidente, John, percebendo meu desconforto, segura minha mão enquanto resumo os

fatos ocorridos.

Ela retira o velcro de bota imobilizadora e analisa minha perna: está verde, dourada, roxa e dolorida. Isto eu já sabia, é claro, mas a expressão de espanto na cara de John seria cômica se não fosse às custas de meus machucados.

Gostei de Laura: era tranquila e não me encheu de perguntas sobre meu acompanhante, apesar de saber exatamente quem ele é. Seu prognóstico foi ótimo, minha perna parecia pior do que realmente estava. Prometeu que em poucos dias poderia usar apenas um tensor. Mal posso esperar.

Depois da fisioterapia fomos para o apartamento de Chris. Eu me sentia ridícula andando atrás de um John todo escondido por capuz. Chris ainda não está em casa, deixo John na sala e vou guardar minhas coisas. Quando volto ele está observando o mural de fotos.

– Chris possui tantas lembranças, viu e fez muita coisa em nossa turnê...

Ele então se vira para me encarar, sua postura demonstrando um conflito interno. John estende sua mão e acaricia meu rosto com o polegar, tão leve que quase não sinto seu toque.

– Mas ele nunca parou de falar sobre você! A garota com olhos de mel, mas com a língua igual a uma picada de abelha – sua voz sai tão baixa que mal passa por um sussurro – você tem noção do seu efeito sobre os homens?

Estou ouvindo demais ou ele não tinha intenção de dar voz aos seus pensamentos? Sou salva de ter que responder quando a porta se abre. Chris entra, John se afasta e me sinto culpada. Não que eu tenha feito nada para me sentir assim, é apenas o meu amigo Chris que chegou em casa.

Qual o meu problema? Nunca tive nada com nenhum desses dois...

Decido tomar um banho e penso que ultimamente todos os dias têm sido estressantes. O que John quis insinuar na sala? Chris falar de mim é normal, nós crescemos juntos e éramos inseparáveis. Eu era uma menina quando ele foi embora... Chris me viu de fraldas, pelo amor de Deus! É como um irmão para mim. Isto só pode ser um engano.

Não é?

Nunca me permiti pensar em Chris como mais do que um amigo e ele nunca mostrou qualquer outro interesse por mim. Ele estava presente no meu primeiro beijo durante uma festa da escola!

John que não entende!

Duvido que já tenha sido amigo de alguma mulher, não sabe reconhecer uma amizade verdadeira. Ele as usa e as descarta. É isto, John só pode estar louco! Chris me ama como eu o amo... Como a uma *irmã*.

Chris havia trazido pizza e vinho para o jantar e montou tudo na varanda. Vejo-os conversando animadamente, mas não escuto o assunto por causa da porta de vidro que está fechada.

Entendo porque a banda fez tanto sucesso em tão pouco tempo. Separadamente cada um possuía talento, beleza e carisma, mas juntos eram *irresistíveis*. E ainda havia Aly que adicionava o ar de garoto maroto, e Kim, a menina rebelde que as outras mulheres queriam ser e todos os rapazes gostariam de ter.

As outras bandas deveriam processá-los por concorrência desleal.

Resolvo colocar uma roupa confortável e escolho short jeans e camiseta. A bota já era incômoda suficiente. Em poucos dias faria uma semana de uso e poderia tirá-la.

Sete dias desde o acidente... O tempo é algo tão relativo: às vezes parece que foi ontem e outros momentos não...

Mãos quentes seguram meus ombros. Encaro olhos azuis gentis e um sorriso caloroso. Chris diz empolgado:

– Ei, venha jantar! Trouxe sua pizza favorita.

Sento-me junto com os rapazes e conversamos. Chris está muito animado com o estúdio; Música sempre teve este efeito nele. As horas passam e percebo que podemos sim apenas relaxar e sermos amigos.

Estávamos em dois grandes pufes na varanda. A pizza acabou faz tempo e bebíamos a terceira garrafa de vinho. Eu e Chris sentamos lado a lado no pufe maior, enquanto John ficou no outro de frente para mim. Ele estava encostado contra a parede, apoiado no parapeito da varanda e tinha o céu estrelado como moldura. Um vento agita seus cabelos e me arrepia.

– Está frio – eu deveria ter vestido uma calça comprida.

Estava tão distraída em meu estado de semi-embriaguez que me assustei quando John colocou um cobertor em cima de mim:

– Não quero que minha funcionária adoeça no primeiro dia de trabalho.

Chris põe o braço ao redor do meu ombro e me puxa para mais perto dele, me mantendo mais aquecida.

– Obrigada, rapazes!

John pisca um olho para mim, enquanto Chris alisa meu ombro. Tomo outro gole do vinho para espantar o repentino desconforto que sinto... Isso não teria sido nada demais ontem. Tudo culpa do comentário sem propósito de John mais cedo.

CAPÍTULO 20

Depois disso, tento desviar a conversa para o novo álbum:

– Por favor, cantem o single! – imploro. Há mais de quatro anos Chris não tocava ao vivo para mim. Ele se levanta para buscar o violão.

– Me desculpe por ter sido grosso com você mais cedo. – John diz sério.

Olha só! O vinho deve deixá-lo mais agradável...

– Você quer dizer quando foi grosso pela manhã na sua casa ou à tarde na lanchonete? Ou talvez quando fez insinuações agora um pouco antes de Chris chegar? – pergunto com sarcasmo.

O canto de sua boca se levanta e ele fala com ironia:

– Você é sempre irritadinha assim ou é só comigo?

Dou de ombros.

– Acho que você tem o dom de despertar o pior em mim...

Chris reaparece com o violão e senta ao meu lado. Logo seus acordes e a voz rouca de John me transportam para outra realidade. Era uma balada romântica sobre um amor impossível de um homem perdido por uma garota.

A garota na música não é perfeita, mas é ideal para ele. É seu amor e sua luxúria, seu melhor e seu pior. Porém ela pertence a outro, é inalcançável. Sem a garota de seus sonhos, ele sempre estará preso na névoa entre as trevas. Porque ela é sua luz e seu guia.

Quando a música terminou eu não conseguia expressar o quanto eu estava emocionada, era linda. Eles fariam tanto sucesso! Era o tipo de hit que o tempo não apagava.

– Eu amei, é perfeita! Posso ouvir de novo?

Eles sorriem, sabem o produto que tem nas mãos. John pega a minha perna imobilizada, coloca no seu colo e começa a soltar os velcros.

– O que você está fazendo? – pergunto desconfiada.

Ele não para de libertar meu tornozelo e responde de cabeça baixa:

– Cumprindo a ordem de sua fisioterapeuta. Você deveria ter feito compressa de gelo, Elle.

Verdade, esqueci disso. Iria ajudar a curar mais rápido. Isso quer dizer que ele pretende fazer a compressa agora? Tento tirar minha perna de seu colo, mas ele a mantém firme.

– Quer me soltar? Você não pode...

– Quieta, Helena! – ele olha com a testa franzida para o amigo – Chris, ela tem um botão de desligar?

Chris, que estava vendo nossa troca de cara fechada, começa a rir:

– Se encontrar um, me avisa.

Traidor! De que lado ele está? Os dois podem ir se ferrar.

– Então durante o dia sou sua assistente e à noite você quer ser meu serviçal? – digo com desdém – Vão em frente vassalos, Chris continue a tocar para mim!

O meio sorriso no rosto do John me diz que posso ter sido interpretada de mais de uma forma. Eu deveria pensar duas vezes antes de falar o que surge na minha cabeça. Contudo, os dois realmente me obedecem.

Chris recomeça a tocar as primeiras notas da música enquanto John termina de tirar minha bota. Ele pega algumas pedras de gelo do balde com a garrafa de vinho e as envolve em um pano para fazer a compressa. Me enrolo mais no cobertor e me apoio em Chris, que continua a tocar, enquanto John massageia com cuidado minha perna machucada e canta sobre amor e luxúria, emoldurado pelo céu estrelado...



A estrada está escura e a pista molhada. Não tem problema, papai sempre dirige com cuidado. Os faróis do carro são as únicas luzes que podemos ver. Mamãe hoje está contando uma história engraçada de quando ela era criança que sempre faz a gente rir.

A risada deles é o melhor som do mundo, eu queria ouvir para sempre. Não parem de rir, por favor, não parem, não parem...

Começa a tocar uma música, eu conheço...É o Chris que está tocando! Solto meu cinto e do banco de trás me inclino para alcançar o painel. Aumenta o som, pai! Quero ouvir, tenho saudades dele.

Meu pai olha para mim.

– Eu sei, Elle, agora coloque o cinto que sua mãe já aumentou o volume. Também temos saudades dele.

Mas eu não estava ouvindo mais, estava cega pelos faróis do outro carro. Acordes de guitarra e uma voz rouca de anjo se misturavam aos meus gritos e ao som de metal partindo... Apenas as risadas não eram mais ouvidas.

Música e grito, música e grito, música e grito, onde eles estão?

Os faróis estão apagados, não enxergo nada, Socorro! Porque tão escuro?

Socorro!

Alguém me sacode.

Socorro!

– Elle! Elle! Desperte, você está tendo um pesadelo. Acorde, querida.

Alguém passa a mão suavemente em meus cabelos, que estão úmidos de suor. Onde estou?

Talvez eu realmente precise de ajuda. Ainda não amanheceu e estamos na varanda. John quem me acordou, enquanto Chris está adormecido ao meu lado.

– O que aconteceu? – pergunto desorientada.

– Você adormeceu e parecia tão pacífica que não tivemos coragem de te tirar daqui. Então continuamos ensaiando até que dormimos também. Acordei quando você me chutou enquanto dormia.

Estou nervosa do sonho, minhas mãos tremem e minha garganta está seca:

– Me desculpa, não tive intenção.

Ele tenta sorrir para aliviar o clima, mas é seu sorriso é desprovido de humor.

– Sim, eu sei. Vindo de você, se fosse de propósito aposto que tentaria acertar minha virilha. O local onde dói mais, sabe?

Tento esconder meu sorriso:

– Provavelmente.

Mas seria um sacrilégio.

"A risada deles é o melhor som do mundo".

Ai, meu Deus, outro pesadelo! E desta vez na frente do John! Minha garganta queima, fujo para a cozinha em busca de água. Ele me segue.

– Elle, você já conversou com alguém sobre isto? O Chris sabe? – ele pergunta com preocupação em sua voz.

Viro-me tão rápido em sua direção que quase derrubo a água em meu copo.

Falo em tom de ameaça:

– Não, e você vai me prometer que não vai contar, entendeu?

Ele está impassível e não se afeta por minha tentativa de intimidação.

– Você precisa de ajuda, Helena. Procure um profissional, o Chris ou venha a mim, mas não sofra sozinha.

Não estou sofrendo! São apenas sonhos, se o Chris souber irá se preocupar à toa. Seguro as mãos de John e imploro.

– John, não conta nada para o Chris, por favor. Quero resolver isto por mim mesma.

Ele balança a cabeça em negação, mas termina concordando:

– Ok, Elle, faça do seu jeito! Mas saiba que eu estou sempre aberto para quando você estiver pronta para falar sobre os pesadelos.

"Músicas e gritos, uma voz rouca de anjo cantando e metal partindo".

Não quero falar disso!

Solto suas mãos e digo com raiva:

– Sim, e o que você acha que sabe sobre pesadelos?

Ele se aproxima mais de mim, encarando-me como se enxergasse os meus receios mais

profundos.

– Eu sei que pesadelos não desaparecem, por mais que a gente deseje isso. Sei que aqueles que nos dão mais medo são os que realmente nunca vão embora. Na verdade, são os que ficam piores – em seu semblante um pesar que nunca vi em ninguém antes – Também sei que um dia você os terá a tanto tempo que estarão emaranhados em sua alma. Como um buraco negro que suga um pouco de suas energias todos os dias, até que você fique vazio por dentro e nada mais importe.

Meu Deus, o que este homem esconde embaixo da fachada de estrela do rock?

– John, eu não sabia...

– Tudo bem, Helena, não precisa falar nada. Amanhã Gabriel irá passar cedo aqui para te buscar, ele será seu segurança e motorista. Não quero que você corra riscos desnecessários.

Ele vai embora irritado e sem dizer adeus. Suas mudanças de humor terminarão me deixando com transtorno de personalidade. O dia hoje me deixou com mais dúvidas do que respostas.

O que ele esconde? John é uma incógnita.

CAPÍTULO 21

Cedo da manhã seguinte já estou a caminho do trabalho. Não me sinto à vontade indo sozinha no banco de trás, mas Gabriel insistiu. *Ordens do chefe*. Eu o observo dirigir em um terno sob medida. Seu cabelo preto é curto e cortado em estilo militar, olhos escuros e rosto quadrado, anguloso. Ele é um homem de presença, poderia ser um modelo ou ator.

– Ei, Gab, por que você trabalha de motorista? – pergunto curiosa, como sempre.

Ele permanece dirigindo concentrado na estrada:

– Meu trabalho é ser seu segurança. Motorista é apenas um bônus, senhorita Helena.

Isto foi formal, no primeiro dia ele estava bem mais simpático:

– Senhorita Helena? Pode me chamar de Elle, Gab. Pensei que já tínhamos definido isso.

Vejo pelo espelho retrovisor que seu rosto está sério.

– Me desculpe, mas não é apropriado. A senhorita poderia me chamar de Gabriel? – ele tenta amenizar o tom de voz – Pelo menos na frente de outras pessoas?

Isto foi estranho! A menos que...

– Deixe-me adivinhar, mais ordens do chefe?

Ele apenas acena com a cabeça, concordando. John é frustrante! Por que ele se importa como eu chamo ou deixo de chamar qualquer pessoa? Ele é apenas meu chefe! Vai ouvir o que acho de suas ordens...

Gabriel olha para mim pelo retrovisor:

– Por favor, Helena, não faça confusão. Gosto do meu trabalho, sou bem pago. Não me importo em como chamam por meu nome.

Não posso prejudicar o trabalho dos outros. Como eu gostaria de ter uma conversa com John sobre isso!

– Ok, mas por que você trabalha para o John? Poderia ser modelo ou ator! Posso falar com Chris para conversar com o empresário deles. É um desperdício para alguém com sua aparência...

Minha intenção não era elogiar, apenas estava afirmando um fato. Ele trabalhava para artistas quando poderia ser um.

Vejo-o sorrir pela primeira vez no dia:

– Eu poderia dizer o mesmo de você, senhorita. Helena. Trabalhamos naquilo que somos bons e eu não sou bom em estar em frente às câmeras.

– No que você é bom? – minha curiosidade está à mil.

Seu sorriso desaparece e seu semblante se torna duro:

– Já fiz coisas das quais não me orgulho e que me fazem bom para este tipo de trabalho, Helena. Não queira saber o quê.

Ele se cala pelo resto do caminho e eu não puxo mais conversa. O que ele tem feito ou seria capaz de fazer em nome do seu trabalho?

Chegamos na casa de John e tudo está tranquilo. Ele ainda está dormindo e Maria me fez comer deliciosos bolinhos antes de me trancar no escritório com minhas cartas.

Uma hora depois o telefone do escritório toca.

– Alô?

– Helena! Onde está o John? Pensamos que com você ele não se atrasaria!

Kim está impaciente do outro lado da linha e eu não faço ideia do que ela está falando.

– Ele não me disse nada, Kim. Era para John estar aonde exatamente? – pergunto confusa.

– Não acredito! – ela grita ao telefone – Ok, acorde-o e traga sua bunda preguiçosa para o estúdio imediatamente.

– Compreendido, comandante! – digo batendo continência mesmo que ela não possa ver.

Ela começa a rir e antes de desligar diz:

– Coloque ordem aí, soldado!

Procuro Maria para que ela possa acordá-lo, mas ela está ocupada e apenas me indica como chegar ao seu quarto. *Maravilha*. Agora estou batendo feito louca à porta do seu quarto e ele ainda não a abriu. Este homem não dorme, ele entra em coma!

Encosto minha testa na porta, o que devo fazer? Invadir? A porta de repente se abre e perco o equilíbrio, indo de encontro a um peito tatuado e nu. John me segura pelos ombros, mantendo-me firme:

– Posso saber que porra de confusão é esta?

Na penumbra do seu quarto quem fica confusa sou eu. Ele está apenas de cueca boxer e expondo o V de seus quadris. Seus olhos estão avermelhados, preguiçosos e os cabelos revoltos.

O que eu vim fazer aqui mesmo?

Ele me sacode sem muita delicadeza:

– Elle? Qual o problema?

Me desvencilho dele e grito:

– Me solta, peste! E se veste logo que todos estão te esperando no estúdio.

Ele me olha torto.

– Peste?

– Sim, peste! Por que não me disse que tinha gravação hoje? Se veste que vou separar algo para você comer.

Saio do quarto e vou descendo as escadas quando grito:

– Você tem três minutos para estar no carro ou fica sem café da manhã!

Quatro minutos depois estou esperando impaciente com bolinhos e café junto ao carro quando John aparece perfeito como sempre em jeans e camiseta branca.

Isto é realmente injusto! Eu demorei pelo menos uma hora para ficar apresentável esta manhã e ele em poucos minutos parece pronto para uma sessão de fotos? Pelo menos não estaremos atrasados demais...

Empurro a comida em suas mãos e entro no carro. Cruzo meus braços e digo as próximas palavras lentamente, enfatizando cada uma delas enquanto observo a reação de John:

– *Senhor Gabriel*, nos leve ao estúdio, por favor.

John para de mastigar por um segundo, mas logo retoma sem dizer nada. Sua cara de vitorioso

é evidente. Idiota.

– Por que você não me disse do estúdio? Poderia ter te chamado mais cedo. – digo chateada.

Ele dá de ombros:

– Esqueci! E foi para isso que contratei você.

Senhor, dai-me paciência *novamente*:

– E por acaso sou adivinha? Onde está sua agenda?

Ele dá de ombros novamente. Mania irritante.

– Depois a gente passa na Nicole e pega uma. – ele fala displicente.

E agora quem será esta?

CAPÍTULO 22

O estúdio de gravação ficava no último andar de um enorme prédio no centro da cidade. O resto da banda já estava lá com mais alguns produtores e o resto da equipe que eu não conhecia. Todos estavam animados, hoje iriam gravar o novo single que Chris e John cantaram para mim ontem.

Antigamente, as músicas eram gravadas com a banda inteira tocando de uma vez só dentro do estúdio. Agora cada um faz sua parte separado, e depois juntam os instrumentos e as vozes gravadas individualmente no computador, equalizando tudo no final.

O processo todo era lento, precisava ser repetido até a perfeição e eles estavam nisto há semanas. Para esta música, o produtor queria a banda toda presente. Eles filmariam alguns *takes* da banda no estúdio para usar no videoclipe que seria gravado em breve.

Quando chegamos, ninguém se surpreendeu com o atraso de John, aquilo deveria ser normal. Uma mulher baixinha com o cabelo colorido todo repicado começa a arrumá-lo, acrescentando jaqueta e ajeitando o cabelo para a câmera.

Eu estava rindo da sua cara de impaciência, quando Aly me agarra por trás e beija meu pescoço. Quase grito de susto.

– Estava com saudades, Elle! Meus garotos estão tratando você bem?

Kim chega sorrindo e dá um soco no ombro de Aly.

– Solta ela, babaca, antes que a outra metade da banda tenha um aneurisma cerebral.

Ele me libera ainda sorrindo e eu sou a próxima a dar um soco em seu ombro.

– Você é impossível.

Me viro para Kim:

– Posso falar com você rapidinho?

– Claro! Venha aqui.

Kim me leva para um canto da sala.

– Kim, pode me explicar isso tudo que você quer dizer? No dia que eu cheguei e hoje? –

pergunto inquieta.

Kim franze a testa para mim:

– Pensei que fosse bem óbvio, Elle.

– Não para mim. – digo incisiva.

Ela segura meus ombros:

– Então vou deixar claro. Chris é apaixonado por você, mas você está trabalhando para John e eles são melhores amigos... Você se meteu em uma combinação perigosa. Homens podem ser bichinhos complicados.

Mais uma com essa história de Chris, eu tenho que esclarecer isso e logo.

– Olha, Kim, eu aprecio o aviso, mas você entendeu errado. Chris é meu amigo de infância, nós nos amamos sim, mas não como você pensa.

Ela me olha desconfiada:

– Você realmente acredita nisto?

Cruzo meus braços irritada.

– Quer dizer que *você* não acredita em amizade entre homens e mulheres? Então por qual dos seus três companheiros de banda você está apaixonada? Ou você não é amiga deles?

Ela suspira e balança a cabeça para os lados.

– É completamente diferente, Elle. Se você quer ser teimosa, seja. Mas se eu fosse você, conversaria com o Chris logo. – ela me parece sincera quando fala – Eu quero ser sua amiga, mas não perturbe minha banda.

Entendo sua preocupação, mas esta situação jamais sairia do controle. Simplesmente por que não existe a *situação* que ela pensa.

– Compreendo, Kim. Eu também gosto de você e tenho tudo sob controle. – falo com segurança.

– Vamos voltar para lá, Elle. – ela sorri e pisca o olho para mim – Vamos ver por quanto tempo essa negação vai funcionar para você. Apenas depois não diga que eu não te avisei.

Não tem jeito, depois eu que sou a cabeça dura!

Me aproximo do Chris. Ele está lindo com seu cabelo loiro e liso partido ao meio. Hoje não tem barba e seus olhos azuis brilham de antecipação. Está casual com jeans e uma blusa de manga comprida com camiseta por cima. Estou tão feliz por ele, este sempre foi seu sonho.

Dou-lhe um abraço apertado.

– E aí, garotão? Está tão bonito hoje. Isso era tudo que você queria?

Ele beija o topo da minha cabeça e diz:

– Tudo que eu queria ainda não, mas chega perto.

Continuo o abraçando:

– Calma, querido, você já tem o país aos seus pés. Depois deste álbum o mundo sucumbirá!

Ele sorri e Kim se une à conversa com Aly. Pergunto qual outro evento meu ilustre chefe esqueceu de me informar e é óbvio que haverá uma festinha amanhã na casa dele em comemoração a gravação do novo *single*.

Pergunto irritada:

– Chris, por que você não me avisou nada?

Ele me dá um beijo na bochecha.

– Desculpa Elle, pensei que ele tivesse te avisado.

Não posso brigar com Chris por causa disto. O culpado era o John: como ele pode ser tão despreocupado com seus compromissos? Como passou tanto tempo sem uma assistente?

Vejo-o do outro lado da sala. A estilista ainda está arrumando seus cabelos para que tenham a aparência de bagunçado, ou seja, ele tinha seus fios puxados por mais de meia hora para ficarem basicamente iguais a como estavam quando ele acordou. Nunca teria paciência para toda essa bobagem de câmeras e TV.

Ele está me fuzilando com o olhar e eu não quero nem gastar meus neurônios tentando entender os motivos para merecer uma expressão de raiva. Estou apenas conversando com meus amigos.

– Você concorda, Elle?

CAPÍTULO 23

Todos estão olhando para mim. Kim me perguntou algo e eu não tenho ideia o quê.

Aly me puxa pela cintura:

– Terra para Elle, alguém na escuta? Kim quer saber se você iria com ela escolher uma roupa de menina rebelde para amanhã. Eu só iria se ela concordasse em trocar de roupa na minha frente. Como disse não, tem que ser você. E aí?

– Claro... Mas por que John é tão desligado de seus compromissos com a banda?

Os três se entreolharam, mas foi Kim quem me explicou que John sempre era o mais preguiçoso, principalmente com as cartas dos fãs. Com os compromissos, porém, foi depois que Nicole, a filha do empresário, começou a trabalhar para o pai.

Pelo que me contaram, ela era a responsável pelas redes sociais públicas da banda e da agenda de compromissos. Aparentemente, ela e John tiveram um caso, ela quis mais, ele não. E agora ele foge dela como diabo foge da cruz. Típico.

A atitude altruísta dele no hospital começa a fazer mais sentido: ele não estava sendo um bom amigo ou um samaritano. Eu era apenas a desculpa perfeita para arrumar uma assistente pessoal que pudesse lidar com Nicole por ele.

E ainda vinha com o bônus de ser uma pequena garota órfã sem teto. Ninguém poderia questioná-lo! Eu era sua boa ação do ano. Sabia que ele tinha outras intenções. Eram benefícios demais por pura bondade de coração... Quem sou eu para reclamar? Apesar de me sentir um pouco usada, ainda saí em vantagem. *Eu acho.*

Minutos depois meu humor não havia melhorado muito, quando eles foram chamados para uma grande cabine de gravação. Os instrumentos estavam posicionados em um semicírculo com todos de frente para o vidro divisório. John ao centro, Chris e Aly à sua direita e Kim à esquerda.

Chris começou a canção como voz guia para a bateria de Kim, depois foi a vez de Aly gravar seu baixo, e ambos arrasaram na música. Em seguida, ele pegou sua guitarra. Desde pequena vi Chris tocar, mesmo antes de ele aprender todas as notas musicais, eu já acompanhava seus acordes. Mas nos últimos anos ele evoluiu muito, e sua postura e confiança exalavam um profissionalismo que não existia na infância.

Antes eu acompanhava um garoto. Hoje, mesmo que ele mantenha o mesmo brilho no olhar e sorriso tímido, eu tinha diante de mim um homem maduro. Estou emocionada e orgulhosa por ele. Todos os anos fugindo do seu pai, as aulas escondidas, os violões quebrados, os meses de angústia na rua, tudo valeu a pena. Ele conseguiu!

Estou sorrindo com lágrimas nos olhos.

Chris terminou seu solo e olhou para mim, falei pausadamente para que ele pudesse ler meus lábios através do vidro:

– Eu te amo.

Ele também sorri e faz o mesmo. Sempre o amei e sempre o amarei, ele sempre estaria em meu coração.

Agora era a vez de John. Estava com os cabelos soltos meio revoltos, óculos escuros, fones de ouvido e uma camiseta regata branca. Pela primeira vez não conseguia saber seu humor por seus expressivos olhos. Em compensação, seus lábios estavam cerrados em linha reta até ele começar a cantar.

Ontem na varanda John havia cantado essa mesma música em um ritmo suave, uma balada mais romântica. Hoje ele parecia ter raiva da garota inalcançável, como se ela tivesse dado o gostinho da liberdade, apenas para jogá-lo nas trevas novamente.

Achei a nova versão muito melhor e os produtores concordaram. A banda, então, gravou os instrumentos novamente, para acompanhar o novo ritmo da voz de John. Depois de horas de repetição e equalização, uma cópia demo do *single* estava pronta e era perfeita.

– Vamos, Helena. Já ficamos aqui demais. – John fala grosso quando termina.

Me despedi dos amigos e do pessoal que conheci e o acompanhei até o carro.

– Parabéns John! Foi fantástico o modo que você cantou hoje, a música ficou perfeita. – digo empolgada.

Ele me olha de lado:

– Aparentemente não fui tão bom quanto o Chris.

O que isto quer dizer?

– Não seja infantil! Vocês são uma banda e todos devem ser ótimos para funcionar. Isto não é

uma competição.

Ele apenas dá de ombros e não fala mais nada, o bebezão. Poucos minutos depois chegamos em um prédio ainda mais sofisticado, todo de vidro e metal.

Gabriel estaciona na entrada e John se vira para mim:

– Já informei de sua visita na portaria. Nicole estará esperando.

Não acredito que ele vai fugir!

– Você não vai entrar comigo?

Ele me olha ainda emburrado.

– Não, preciso resolver algumas coisas. Se eu não voltar logo, há um restaurante no térreo. Aguarde por mim lá.

Desço do carro e ele vai embora.

Covarde.

CAPÍTULO 24

Hora de conhecer a filhinha do chefe do meu chefe. Que maravilha.

Eu não sou uma pessoa preconceituosa, então estou tentando arduamente retirar todo o prejulgamento da minha cabeça enquanto pego o crachá de visitante da portaria e subo o elevador para a cobertura. É claro que o escritório da filhinha do papai tinha que ser na cobertura... Quer dizer, da Senhorita Nicole.

Viu? Preconceito nenhum.

Ela deve ser linda, inteligente, sofisticada, culta, educada, simpática e provavelmente conseguiu o emprego por méritos próprios.

A quem estou querendo enganar? Nem a conheço e já desgosto da garota sem motivos. Vamos lá, Elle, quem é você para falar sobre primeiro emprego por "méritos próprios"? Muitos poderiam falar coisa pior de mim.

Ok, mente aberta! Ela pode ser legal.

Respiro fundo antes de entrar no escritório. Ele é moderno, porém muito feminino para o meu gosto, com tons de branco, dourado e rosa. Não me surpreenderia se houvesse o molde gigante da cabeça da Barbie em glitter pendurada em algum lugar por aqui.

– *Querida!* Você deve ser a Ella! Que *#fofa* você é!

Me viro para encarar a dona da estridente voz.

Oh. Meu. Deus.

Ela é linda, uma versão loira da Megan Fox, ou melhor, ela é igual à atriz que substituiu a Megan em Transformers 3. Perfeitamente escultural, com belos olhos azul-turquesa. Se bem que no filme ninguém se importou suficiente para decorar o nome da atriz...

Estendo minha mão para apertar a sua, mas ela se aproxima e dá um beijo no ar ao lado da minha bochecha. Sem encostar em mim. *Fresca.*

– Sim, sou *Elle*. Você é a Nicole? – digo com meu melhor sorriso.

Ela dá uma volta de 360 graus ao redor de si mesma:

– Claro, né? Quem mais seria tão *#linda*?

Ok...

Tento meu melhor sorriso falso:

– Pois é, eu queria pegar a agenda do John.

Seu sorriso é assustador de tão grande:

– Claro, *amiga*! Vou pegar a agenda do *meu* John, ele é o *#sonho* de toda garota, né?

Odeio gente falsa que chama a outra pessoa de amiga sem ser, mas se é assim que ela quer jogar...

– Claro, *amiga*. – ênfase a última palavra. Será que ela fala a palavra *hashtag* em todas as frases? *#SeMata*.

O John teve um caso com essa garota? Meu Deus, deve ter sido uma disputa de egos entre esses dois. Será que durante o sexo eles gritavam o nome deles mesmos ao invés de um do outro? Helena, esqueça isso! Delete a imagem mental dessa garota perfeita e John na cama!

Ai... Por que eu fui pensar isso?

Ela pega uma agenda rosa e me entrega.

– Marquei todos os próximos eventos, se houver mais algum aviso por e-mail ou telefone. O de amanhã já está organizado, afinal, você só apareceu hoje.

Agora me sinto ainda mais incomodada com ela, seu sorriso falso não me engana.

– Obrigada, mas só fiquei sabendo de sua existência hoje. – digo dando de ombros.

Ela tenta esconder sua surpresa e eu finjo não ter percebido:

– Qualquer dúvida é só ligar, *Ella*.

– Obrigada. – falo enquanto começo a fugir dali.

Definitivamente não seremos grandes amigas. Mas talvez ela possa ter um lado legal, quem sabe no futuro... Me viro para sair, quando ela fala novamente.

– *Ella*... Apenas tenha cuidado com o que sonha, viu? Às vezes podemos nos dar *#mal*. Até amanhã, amiga.



Desço para o restaurante no lobby e fico olhando a agenda que a #NiCadela me deu. Algumas gravações, eventos de publicidade, casas noturnas e festas particulares. Há também a campanha de uma ONG para jovens talentos que moram nas ruas que se chama "Clave de Sol".

Esta é novidade para mim. Eles vão fazer um show beneficente para arrecadar fundos e construir um abrigo que iria acolher estas crianças e dar aulas de música para elas. Amei a proposta, deve ter sido ideia do Chris depois de morar por meses nas ruas. Preciso falar com ele sobre isto.

Estou concentrada lendo, quando uma respiração quente se aproxima do meu ouvido:

– Já tem meu futuro em suas mãos?

Dou uma cotovelada em seu abdômen.

– Sim, só não tenho espaço. Afasta.

Ele alisa a barriga e reclama:

– Ai, Elle! Assim você me fere.

– Eu deveria machucar muito mais depois de você me mandar lá para cima sem nenhum aviso prévio! Como você pôde ter alguma coisa com aquela mulher?

Ele dá de ombros.

– Ela se ofereceu.

Só isso? É sério?

– Esta é sua defesa?

Ele continua indiferente.

– Sim, não sabia que era um julgamento.

Como ele pode não pensar nas consequências de seus atos?

– John, eu sei que ela é linda, mas é metida e filha do seu chefe! O cara que te deu uma chance e te fez quem você é hoje – termino de falar irritada – ela ainda controla sua fama nas redes sociais, é detestável, falsa e termina as frases com *hashtag*!

Ele então começa a gargalhar e levanta várias sacolas com a famosa logo da maçã que tem nas mãos:

– Tem razão, Elle! Deixe-me compensá-la com almoço e presentes.

Ele pensa que pode me comprar?

– Você é uma *#peste*. – digo emburrada.

– Venha comer, espertinha. – ele me guia pelo restaurante.

CAPÍTULO 25

Sentamos em uma mesa reservada. Percebi que aqui John não se preocupou em esconder quem ele era. Fazia sentido, já que o público em geral não tinha acesso ao interior do prédio sem autorização da portaria.

Enquanto aguardávamos nosso pedido *gourmet* ele me mostra com animação meus "presentes": um iPad, porque agenda de papel era ultrapassada e eu deveria estar conectada, um iPhone novo com o seu número "público", mas que serviria para meu uso pessoal também, e um sofisticado comunicador *Bluetooth* igual ao utilizado pelos seguranças e outros ajudantes, já que eu também seria a intermediária deles.

Homens e seus brinquedos tecnológicos...

Estendo a parte interna meu antebraço por cima da mesa em sua direção. Ele olha para mim com ar questionador.

– O que foi?

– Estou esperando você inserir o microchip de localização embaixo da minha pele.

Ele alisa meu pulso e dá um meio sorriso.

– Hoje não, Elle.

Escondo meu braço embaixo da mesa.

– Que tal um daqueles aparelhos que o Will Smith usa em MIB para apagar a memória? Tenho certeza que pode ser útil.

Ele dá um sorriso completo, com os olhos brilhando de humor.

– Este eu gostaria de ter! Tem mais uma coisa para você. Este cartão de crédito deve ser usado para pagar qualquer coisa que precise para os eventos ou para você.

– Não vou usar seu cartão para uso pessoal. – digo séria. Já vou morar em breve de favor em sua casa. Usar o cartão era demais.

Seus olhos se estreitam.

– Tudo bem, a menos que seja fardamento e acessório para eventos. Se você será meu braço direito, terá que estar em sua melhor aparência.

Se eu usar meu gancho direito nesse narizinho dele, também terei que estar em meu melhor...

Ele balança o dedo na minha frente:

– Não, não, Helena! Nada de pensamentos homicidas.

Eu não estava tendo pensamentos homicidas... Apenas violentos.

– Ok, *chefinho*, algo mais?

– Sim, em eventos ou festas você também deve usar este cartão para pagar. Não acha que eu vou ficar esperando o garçom trazer a conta, não é?

Será que *agora* eu posso ter pensamentos homicidas?

– Ninguém iria esperar tamanho despropósito do senhor, chefe! – respondo com meu melhor sorriso e quase consigo retirar o sarcasmo da minha voz.

O resto do dia foi tranquilo. Classifiquei mais algumas cartas e fui à fisioterapia. Daqui a dois dias tiraria a bota e em 24 horas seria minha verdadeira estreia como assistente de um *rockstar*.
#Ferrou.



Hoje é um novo dia e eu já estou cansada. Eu mal dormi, já que os pesadelos não estavam cedendo. Não vi Chris ontem à noite, pois ele chegou tarde do estúdio e, quando saí de casa, ainda estava dormindo.

Cumprimentei Maria e fui para o escritório. Após três dias olhando as cartas cheguei à conclusão que existiam três tipos básicos de fãs: as normais que apenas elogiavam ou queriam autógrafos; as psicóticas que faziam ameaças suicidas caso a banda acabasse ou se não pudessem nunca conhecê-lo; e as putas que enviavam fotos e propostas pornográficas.

Separar os tipos de cartas em categorias iria facilitar meu trabalho. Para as normais enviaria uma foto autografada. Vou ter que convencer o John a tirar algumas exclusivamente para isto. Não sei

como responder às psicóticas, preciso de opinião profissional. Talvez consulte DJ, porque não acho saudável alguém dizer que vai se ferir caso sua banda favorita acabe, mesmo que seja uma ameaça vaga.

Estava tão distraída olhando a pilha das putas e decidindo se a queimo, faço um mural de colagem para aumentar o ego já inflado do meu chefe ou a enterro no quintal, que não percebi o movimento na porta.

– Se eu soubesse que era isso que tinha nos envelopes, teria aberto eu mesmo as cartas e há muito tempo.

Solto as fotos com o susto, espalhando loiras peitudas por todo o chão. Filho da mãe.

Levanto-me encarando o olhar divertido de John:

– Acho que vou colocar um sino ao redor do seu pescoço, assim não me assusta mais! Ganha pontos quando faz isto, idiota?

Ele se aproxima de mim, sorrindo com pura malícia.

– Você estava tão concentrada nestas fotos...Se for isto que curte, posso apresentar algumas amigas.

Estou sem dormir direito há dias e esta criatura vem falar besteira para mim? Espeto meu dedo indicador em seu peito, minha unha cravando sua pele. Grito as palavras em seu rosto com uma raiva que só ele conseguia tirar de mim.

– Se estava concentrada era em meu trabalho! Ao contrário de você não vivo em função da próxima transa. E não, não quero conhecer nenhuma de suas amiguinhas de orgias – aponto para a porta do meu escritório. Ou melhor, do *dele*. – Agora saia daqui e me deixe trabalhar em paz.

Ele segura firme meu dedo. Seu rosto está sério. Seus profundos olhos azuis carregam uma intensidade que eu não havia visto antes.

Ele fala alto, quase gritando:

– Você pensa que me conhece, mas você não sabe de nada!

Tento soltar meu dedo, mas ele agarra meu pulso, puxando-me para mais perto. Digo as próximas palavras face a face com ele:

– Conhecer você? Quantos níveis de egocêntrico megalomaniaco podem existir?

– Porra, Helena! Quer parar com isto? – ele fala, ficando irritado. Mas eu estou mais irritada do que ele, e grito a centímetros de seu rosto:

– Me solta, idiota!

Ele fala calmamente as próximas palavras, como se constatasse um fato:

– Sabe Helena, todos têm um limite e você atingiu o meu.

Limite? Este homem não sabe o significado desta palavra. Nunca respeitou o meu.

– Não me venha com essa de...

– Quieta, Helena! – John vocifera e me puxa para junto de si.

CAPÍTULO 26

Sua mão direita percorre minha cintura, e mesmo por cima da blusa posso sentir o calor que emana dela. Seus dedos calejados pelas cordas do violão arrepiam a pequena faixa de pele exposta da minha barriga.

Sua mão esquerda vai de encontro aos meus cabelos, levantando minha cabeça. Ele me segura firme, mas não o suficiente para me machucar. Apenas para impor seu domínio. Encaro o desejo contido nas profundezas de seus olhos, sei o que ele pretende, mas não me importo.

Eu o quero.

E sou beijada com ansiedade: lábios macios, língua de veludo e boca quente. Não há delicadezas, é quase uma punição por todas as brigas e discussões. Ele me beija como se quisesse me *devorar*. E eu correspondo com a mesma intensidade. John me afeta como nenhum outro antes, ele é minha cura e meu veneno.

Ele me coloca sentada na ponta da mesa. Como chegamos aqui? Seus braços me envolvem e todos os meus sentidos são invadidos pela sua presença. Por um momento não sou Elle, sou pele, poros, lábios e mãos. Sou tudo o que ele toca e nada mais importa.

Ele acaricia meu rosto e aprofunda o beijo, exploro seu peito e braços com minhas mãos. Arranho seus ombros com minhas unhas e me ouço gemer com a leve picada de dor e prazer que sua mordida provoca no meu lábio inferior.

Suas mãos continuam a passear pela minha pele exposta: rosto, braços, barriga. Mas quando ele coloca a palma da mão na base da minha garganta, sua boca se une à exploração. Sua barba cheia me arranha e arrepia, tornando-me ainda mais sensível ao toque macio de seu beijo.

Ele está muito próximo, e o sinto em todo lugar e lugar nenhum, como uma chama de luxúria que me consome por dentro. Já fui beijada antes, mas ninguém nunca me fez sentir assim. Era como uma droga que pulsava em minhas veias e me acendia.

Enquanto corre a barba pelo meu pescoço, John sussurra em meu ouvido:

– Elle, você tem me enlouquecido antes mesmo de te conhecer. Não é bom para sua saúde tentar um homem assim, principalmente se o homem for eu...

O telefone do escritório começa a tocar me assustando e limpando a névoa de luxúria que havia se instalado.

Que merda eu fiz? Terceiro dia de trabalho e eu me agarrei com o chefe em cima da mesa? Sou o clichê da secretária vadia... Assistente pessoal. Que seja.

Levanto-me em um pulo, quase derrubando-o no processo. Era Kim querendo falar comigo sobre a prova de roupas. Dentro de meia hora ela e a estilista estariam vindo para escolhermos o visual de hoje. Maravilha.

Arrumo minha blusa e meu cabelo, ajeito os poucos itens mexidos na mesa e começo a recolher as fotos espalhadas no chão. Sei que tenho tempo antes de Kim chegar, mas preciso me manter ocupada. John apenas me observa, e como não tenho coragem de encará-lo, não faço ideia do que pode estar pensando. Alguém precisa quebrar a lei do silêncio, pelo jeito será no estilo “damas primeiro”.

– Olha John, isto foi um erro e não vai se repetir. Como você disse, foi uma tentação! Muitas fotos de mulheres peladas ao redor... Eu estava perto demais, gritei com você e você me beijou. Não precisa ser grande coisa, ninguém precisa ficar sabendo, ok?

Ainda estou de cabeça baixa recolhendo as fotos quando escuto um barulho. Ele chutou a cadeira contra a parede, e não sei como não a quebrou. Por que John está com tanta raiva? É o mais prático para nós dois.

– Qual o problema, Helena? Não quer que o seu precioso Chris saiba que você se rebaixou ao meu nível? É isto?

Droga, ele entendeu errado!

– Não! Já disse que sou apenas amiga do Chris. Quero saber o porquê de estarmos discutindo isto! Eu sei de sua reputação e não quero ser incluída nela. Isto foi só um deslize.

John ajeita a cadeira e começa a sair, mas se vira e diz:

– Então você está me chutando por causa do que viu nos tabloides?

– Sim... Não... Mais ou menos, não estou te chutando, foi só um beijo.

Estou tão confusa.

Ele está com os ombros curvados, uma expressão desconhecida invade seu rosto.

– Tudo bem, Helena. Seu desejo é uma ordem, bom saber sua opinião sobre mim.

Agora acho que sei o que ele estava sentindo. John parecia... Magoado. Eu deveria dizer algo, não é justo o que fiz. Nos últimos dias ele foi arrogante sim, mas não o mulherengo que os tabloides o acusam de ser.

– Espere...

Ele para e me olha. É agora ou nunca.

– O que faço com estas fotos?

A decepção brilha em seus olhos.

– Não me importo. Apenas cumpra seu trabalho, Helena.

Agora a covarde era eu.

CAPÍTULO 27

Meia hora depois eu ainda não estava recuperada do beijo. Fui ao banheiro para lavar o rosto e aplicar um pouco de maquiagem. Consegui disfarçar bem, mas por dentro eu estava um caos.

Assim que entro na sala, Kim chega acompanhada de uma linda garota hippie chic de descendência asiática, Wanessa, trazendo diversas araras de roupas. Quantas pessoas essas garotas pretendiam vestir?

John não apareceu para falar com as meninas e eu fiquei agradecida, não estava pronta para encará-lo ainda. Maria nos leva para um quarto espaçoso cheio de sofás, paredes cobertas por espelhos e um enorme biombo. Acho que não era a primeira vez que eles escolhiam roupa aqui.

A primeira a trocar de roupa foi Kim, que provou tantas roupas que eu teria cochilado se não fossem seus comentários hilários. Ela era uma garota divertida, uma roqueira rebelde sem causa e quando sorria iluminava a sala. Eu não podia guardar ressentimento por seu comentário sobre Chris, ela estava defendendo o amigo e a banda. Eu teria feito o mesmo.

Nas entrevistas, sempre tentam falar dos pais de Kim, pois eles eram pessoas ricas e influentes. Ela os renegou, nunca quis ser uma filha ou esposa troféu, mas desde pequena foi apaixonada por bateria. Ganhou a primeira do tio que terminou sendo o seu futuro empresário... Espere um pouco!

– Você é prima da #NiCadela! – grito.

Ela se vira para mim surpresa e eu conto sobre a visita na tarde anterior. Aparentemente o sobrenome é a única coisa que as duas possuíam em comum. Descobri que Kim havia sido criada para ser igual à Nicole. Porém no dia do baile de debutantes, quando deveria ser apresentada à sociedade, tingiu seu vestido branco formal de preto e pintou os cabelos de rosa.

Sua grande apresentação à sociedade não foi pelos braços do pai e sim nas baquetas da bateria da banda contratada para o evento. Ela invadiu o palco sem que ninguém percebesse e tocou o solo do Keith Moon, o famoso baterista da banda The Who. Um talento daquele não podia ser ignorado pelo Tio Bob, por mais que tenha causado uma intriga na prestigiada família.

– Eu fiquei com os genes descolados da família. Ela é apenas #fútil. – Kim diz com desgosto.

– Se eu fosse você não falaria tanto, está no seu DNA! Quem sabe no fundo você é igual a

ela? – digo brincando.

Kim me fuzila com o olhar.

– Só no dia que o inferno congelar!

Ela se vira para o espelho provando um vestido sexy. Nunca teria coragem de usar aquilo. Era lindo, porém revelador.

Tento brincar:

– Tudo bem, mas não fale muito. Você um dia pode ter uma filhinha *#fútil* também!

Kim não sorri mais, sua testa está franzida.

– Isso acho improvável... – ela olha para o espelho novamente – Eu vou ficar com este. Melhor você decidir o seu, Elle.

Kim havia escolhido um vestido tomara-que-caia vermelho e preto estiloso com botas de salto agulha. Era lindo e ousado como ela. Seus olhos estavam fora de foco, sua mente devia estar em algum muito longe do mundo da moda...

Eu gostaria de poder alcançá-la. Como posso fazer isto se não consigo lidar com os meus próprios demônios? Resolvo olhar as araras de roupas, mas não tenho noção do que escolher, até que escuto Wanessa falar comigo.

– Recebi recomendações por mensagem para as suas roupas: blazer e “pernas cobertas”.

Eu não acredito que John fez isto.

Kim fica mais revoltada que eu:

– Posso saber por que ele se acha no direito de escolher as roupas dela?

Wanessa parece envergonhada, mas termina de ler o que diz a mensagem:

– Ele diz que ela vai estar trabalhando e não disponível para estar linda e paquerar.

Imbecil! Ele quer me fazer pagar pelo que disse no escritório, mas não quero dizer isso na frente delas.

Reclamo irritada:

– Ele quer mandar até na minha roupa? Aquele peste me paga! Volto já.

Isso não vai ficar assim. Procuro pela casa onde ele está e o encontro jogando casualmente videogame.

Cutuco seu ombro com minha unha:

– Posso saber por que você acha que tem o direito de mandar nas minhas roupas?

– Agora não, Helena. Estou ocupado. – ele não olha para mim, continua atirando em soldados inimigos com sua *shotgun*.

E eu estava me sentindo culpada mais cedo? Foda-se.

Me abaixo até ser capaz de sussurrar em seu ouvido:

– Nada do que aconteceu hoje te dá qualquer poder sobre mim, entendeu?

Ele joga o controle no sofá e se vira tão rápido que apenas poucos centímetros nos separam.

– E você acha que manda em alguma coisa, Helena? *Me diga!* – ele me segura pela parte de trás do meu pescoço, mas não aproxima seu rosto de mim.

Me afasto de seu aperto, endireitando minha postura. Desta forma, ele está sentado e eu em pé, superior a ele. Ótimo.

– Não mando aqui, John. Mas tenho certeza que você não manda em mim ou em minhas roupas. – digo com sorriso vitorioso.

Ele fica em pé, sobrepondo-se a mim.

– Aí é que você se engana, *querida*. Você é minha funcionária e vai usar blazer e calça comprida como eu disse, é o uniforme. – ele fala irredutível.

E eu penso em um plano.

– Ok, *chefe*. Já que insiste. – digo com ódio contido.

John me dá um sorriso satisfeito. Eu adoraria fazê-lo engolir isto. Volto para o quarto de provas e Kim está revirando todas as roupas.

– O que você está fazendo? – Pergunto impressionada com a bagunça.

Ela me mostra algumas peças de roupa:

– Procurando algo bem específico para você.

Meu rosto se parte em dois com um enorme sorriso.

– Garota, você lê pensamentos!

Kim me encara com olhar conspiratório:

– Elle, querida, você vai ter que usar esta bota ortopédica horrorosa mesmo?

Olho para o incômodo no meu pé.

– Eu iria tirá-la somente após a fisioterapia de amanhã...

Ela sorri como se eu tivesse dito a melhor notícia do mundo.

– Acho que vamos fazer uma visitinha à sua fisioterapeuta agora e depois temos algumas mudanças para fazer.

Não sei se fico aterrorizada ou excitada com a expressão de Kim. Tenho a impressão que serei seu pequeno experimento esta noite.

CAPÍTULO 28

As doze horas que faltavam para a festa passaram voando. Quando Nicole disse que cuidou de tudo para a festa de hoje, isto não incluía os detalhes finais, problemas de última hora e as peripécias de Kim e sua estilista.

O lado bom disto é que não vi mais John ou tive tempo para pensar nele. Quase. Sinto meu corpo aquecer só em relembrar seu beijo. Se eu fechasse meus olhos poderia recordar cada toque de suas mãos em minha pele: John havia me marcado com um simples beijo.

Simples... Chamar seu beijo de "simples" era um insulto. John fazia tudo com intensidade, seja dentro ou fora do palco. Era como se ele estivesse com todas as emoções sempre à flor da pele. E quando eu estava com ele me sentia da mesma forma, como se eu estivesse crua e exposta. Ele era o único que conseguia uma resposta tão intensa minha, seja de raiva ou luxúria.

Preciso aprender a me controlar ou John realmente terá poder sobre mim.

Na fisioterapia tudo foi como Kim havia planejado. Conseguimos convencer Laura a me liberar da bota imobilizadora um dia antes do previsto. Na verdade, foi mais fácil do que pensei seria. Contudo, ainda teria que usar um sapato sem salto, com um tensor no tornozelo, e tomar uma injeção de antiinflamatório. Que divertido.

Hoje eu provavelmente andaria muito, mas não poderia abusar. Teria que descansar em intervalos regulares durante a festa. É claro que eu teria tempo para fazer isto. *Com certeza.*

Em compensação, fazer com que Laura aceitasse ir à festa não foi tão fácil assim, mas ela terminou concordando. Eu a queria lá por que gostei dela e não conhecia mais ninguém nesta cidade. Que mal haveria em ir a uma festa cheia de pessoas famosas e lindas?

Depois da fisioterapia era o momento do inferno na Terra: enfrentar a equipe da Wanessa. Parece legal ter uma transformação estilo Hollywood com várias manicures, maquiadores e cabeleireiros ao seu redor ao mesmo tempo? Bem, só parece, eles te puxam e te mexem como se você não sentisse dor.

Ok, talvez seja um pouco divertido. Menos a parte da cera, esta realmente foi tortura. Mas o resultado ficou maravilhoso!

No entanto, já era meia noite e eu estava estressada e pronta para quebrar o iPad na cabeça

do próximo garçom que se distraísse por causa do decote de alguma *groupie* gostosa. Meu tornozelo estava me matando e desde que terminei de me arrumar ainda não parei, mesmo com a ajuda de Gabriel e Maria.

A droga do iPhone que John me deu não parava de tocar. Muito atencioso da parte dele conseguir um telefone para mim. Ele só esqueceu de mencionar que metade da cidade iria estar ligando para tentar entrar na festa.

Para completar, o tempo inteiro o *bluetooth* no meu ouvido disparava com Gab confirmando as pessoas que se diziam convidados. Eu precisava checar duas vezes as listas para evitar a entrada de penetras.

A música estava alta, a festa bombava e eu havia passado três horas sendo embelezada pela equipe de estética para ficar presa nos bastidores. *Que divertido.*

Estou revisando a lista de convidados em busca de mais um nome para o Gabriel quando escuto uma voz irritada ao meu lado.

– Não pense que eu vou desperdiçar todo o meu trabalho de hoje deixando você escondida aqui!

Me viro para uma furiosa Kim que está com as mãos na cintura e batendo os saltos de 15 cm no chão.

– Não tenho muita escolha! Preciso verificar isto e...

Ela retira o iPad de minhas mãos e grita perto da minha orelha:

– Gabriel, se vira aí porra! Ele vai tirar uma pausa.

Ai, meu ouvido.

– Obrigada pela ajuda... E pela surdez temporária.

Ela vai me empurrando para o quarto em que nos arrumamos:

– Desculpa! Vamos lá retocar sua maquiagem.

Vinte minutos depois, uma mulher fatal me olhava de volta no espelho. Eu realmente estava de blazer, como exigido pelo *chefinho*, mas era em um tom de ouro envelhecido e acompanhava as curvas do meu corpo.

Por baixo dele usava uma blusa preta justa com o nome Jack Rock em letras brancas estilizadas. A calça comprida era preta e tão apertada que não sei como eu iria retirá-la sem ajuda. O tensor no tornozelo estava escondido por lindas botas pretas de cano alto sem salto. Ainda bem que eu era alta e podia dispensar o salto sem parecer uma *minion* como a Sam.

Meu cabelo ainda estava arrumado, com a quantidade de produtos que usaram nele aposto que ficaria uma semana assim. Wanessa o prendeu com uma cola alta e comprida, com um moicano no topo da cabeça que deixava meu rosto mais longo. Não que eu soubesse o que era aquilo, para mim parecia um rabo de cavalo chique. Ela também aplicou algumas luzes finas, deixando-o um tom mais claro e muito mais luminoso.

Nas pálpebras usaram sombras em tons marrom e preto esfumaçadas, finalizando com delineador e incontáveis camadas de rímel. Meus olhos estavam expressivos e ousados, eu amei. Kim precisou retocar apenas um pouco do meu blush e o batom nude. Eu estava profissional e sexy.

Talvez um pouco mais *sexy* do que profissional. Meu chefe teria que engolir essa!

Recoloco o *bluetooth* na minha orelha e pego só o iPhone por enquanto. Não ligo para os protestos de Kim, ainda estou trabalhando.

Showtime.

O exterior da casa está iluminado com pequenos holofotes e luzes negras coordenadas com o sistema de som. Foram espalhados diversos estilos de sofás, cadeiras, mesas e pufes. As batidas das músicas eram uma experiência em 3D: o ritmo junto do jogo de luzes e a vibração que partiam das caixas de som para nosso corpo.

A iluminação era o suficiente para que pudéssemos enxergar bem, mas ainda tínhamos o clima de mistério e sedução de um show ao vivo. A Nicole podia ser uma cadela, mas ela sabia coordenar uma festa. Estava perfeita e eu teria que aprender a fazer isto também.

Kim me chama para apresentar algumas pessoas, mas do topo da escada meus olhos varrem a multidão. Alysson está conversando com uns caras e acenando para a gente. Chris não está em nenhum lugar que possa ver e nem John.

Continuo a descer as escadas. Um palco foi montado e um DJ famoso está tocando músicas conhecidas. Eu ainda procuro entre os convidados por rostos conhecidos quando começam as primeiras notas de Radioactive do Imagine Dragon.

A batida forte invade meu ser e me dá a coragem que eu não sabia que precisava, levanto meu

queixo e entro na festa.

“This is it, the apocalypse”[\[2\]](#)

Não estou procurando especificamente por John. Mas meus olhos não param de buscá-lo na multidão mesmo assim.

“I’m waking up”[\[3\]](#)

Eu fui injusta com John, talvez por isto ele tenha tido uma reação tão exagerada. Em nenhum momento foi o canalha que os tabloides o acusam de ser. Apenas prepotente.

“I feel it in my bones.”[\[4\]](#)

Eu o encontro e, como esperado, ele está cercado por garotas lindas e com roupas muito curtas. Vadias.

“Enough to make my system blow.”[\[5\]](#)

Ele me olha e desejo puro surge em seu rosto enquanto me examina da cabeça aos pés. Me sinto novamente exposta sob seu olhar minucioso.

“Welcome to the new age. To the new age.”[\[6\]](#)

Raiva substitui desejo e ele agarra a cintura da garota ao seu lado, puxando-a junto de si. John a beija na boca, com os olhos azuis ainda me perfurando. Me desafiando a dizer alguma coisa. *A fazer qualquer coisa.*

“I’m radioactive.”[\[7\]](#)

CAPÍTULO 29

Não respiro por um segundo. Como fui tola em me torturar o dia inteiro achando que havia sido dura com o idiota no escritório após o infeliz beijo.

“*Seu desejo é uma ordem*”, ele disse. Bem, agora desejo que ele se exploda! Kim puxa meu braço e grita acima do som para que eu possa ouvi-la:

– Ei, Elle, você conhece o Ed?

Desvio o olhar da ridícula cena para encarar uma montanha de músculos em camiseta preta e jeans com topete loiro. Parecia a versão viva do desenho Johnny Bravo. Estendo minha mão para ele.

– Ainda não. Prazer, sou Elle.

Ed tem um sorriso bonito e aproxima sua boca do meu ouvido para que eu possa escutá-lo:

– Olá, linda, sou *roadie* do Jack Rock. Pelo que ouvi falar você vai estar mandando em mim em breve, é verdade?

Sua tentativa de flerte foi pobre, mas uma discreta olhada para a lateral me prova que tenho plateia. Se é assim que John quer fazer, dois podem jogar. Coloco a mão no ombro de Ed por apoio e me estico para que meus lábios quase toquem suas orelhas.

– E você tão grande e forte obedeceria minhas ordens?

Ele coloca sua mão em minha cintura, aproximando-se mais de mim e fala enquanto começa a cheirar meu pescoço

– Claro, querida! Mas fique sabendo que sou melhor em dar ordens...

Merda, isto que dá agir por impulso quando se está com raiva. Tenho uma montanha de músculos se enroscando em mim como uma jiboia se enrolando na próxima refeição. Se depender de mim, a *cobra* dele vai morrer à míngua. Estava prestes a dispensá-lo quando uma outra mão me puxa pela cintura.

No mundo do rock ninguém pede licença? Todos colocam a mão e puxam? Minhas costas vão de encontro a um peito duro e magro e as mãos de homem, ainda ao redor da minha cintura, declaram a Ed a quem pertencem.

Que droga é essa agora?

Ed olha envergonhado por ter tentado algo com a garota de um dos chefes:

– Desculpa cara, estava só conversando com ela.

E então ele sai praticamente correndo. Tanto músculo para nada, que covarde...

Meu salvador beija carinhosamente minha têmpora:

– Parecia que precisava de um resgate rápido.

Acotovelo a barriga do Chris.

– Ei, eu sei me cuidar! Estava prestes a me livrar daquele polvo cheio de mãos.

– Eu sei disso! Por isso que vim resgatar o Ed antes que você fizesse um estrago em suas bolas.

Ele diz isso na hora que a música acaba e todos ao nosso redor escutam. Aly e Kim, que estavam ao nosso lado, começam a rir e ela grita:

– Esta é minha garota!

Fazer o quê? O Chris me conhece.

Aly nos arrasta para um conjunto de pufes e conversamos por um tempo. Conheci diversas pessoas, muitos legais e outros metidos. Algumas meninas praticamente se ofereciam para os rapazes e até para mim e Kim também. Aly se esbaldava e de vez em quando desaparecia. Kim sumiu com um loiro lindo e Chris estava na dele. Não quero pensar em como deve estar ao redor de John.

Eu me aproximo e sussurro em seu ouvido:

– Vá se divertir, escolha uma garota para dançar. Ou duas, como o Aly está fazendo.

Ele olha para mim, se levanta e estende a mão:

– Você me concede esta dança?

– Chris, eu não deveria estar dançando por causa do pé. – digo com a voz cansada. Meu pé já está latejando.

A expressão de derrota em seus olhos é tão triste que pego sua mão estendida.

– Ok, fazem uns cinco anos que não vamos a uma festa juntos! Temos que ter pelo menos uma dança.

Ele me leva até a pista, mas antes passa pelo DJ e fala em seu ouvido. Em seguida Iris, de Goo Goo Dolls, começa a tocar.

“And I'd give up forever to touch you

'Cause I know that you feel me somehow

You're the closest to heaven that I'll ever be”[\[8\]](#)

Ele me segura pela cintura e eu coloco meus braços ao redor do seu pescoço.

– Amo esta música! – apoio minha cabeça em seu peito. Com Chris me sinto segura. Ele sorri.

– Eu sei, Elle. Você me fez assistir aquele filme tantas vezes que quase decorei as falas.

Isso é verdade. Ficamos abraçados, dançando e relembrando nossa infância. Quando olho para a borda da pista, John está parado nos observando. Sua expressão está fechada, sua mandíbula travada e seus braços cruzados.

Uma garota loira chega e passa a mão em seus braços, tentando chamar sua atenção. É Nicole. Ele não desvia o olhar, ainda está me encarando. Eu não me importo mais, sou apenas uma funcionária. Ela pode tê-lo. *#Vadia*.

Fecho meus olhos para não vê-lo mais. A *#NiCadela* tinha razão, devo ter cuidado com meus sonhos.

Chris alisa meu cabelo.

– Elle, alguma vez você já se apaixonou?

CAPÍTULO 30

Sua voz estava tão baixa que quase não ouvi a pergunta e por um momento considerei fingir que não havia escutado. Depois de tantas insinuações do John e Kim sobre os sentimentos do Chris por mim, tinha medo de onde esta conversa poderia nos levar.

– Uma ou duas vezes nestes últimos quatro anos eu pensei que estava apaixonada... Mas não passava de hormônios adolescentes.

Ele coloca sua mão embaixo do meu queixo e levanta meu rosto para que eu possa vê-lo. Meu coração se aperta no peito. Meus Deus! Será que eles tinham razão?

Me sinto sufocar, não posso magoar o Chris. Ele é a única família que me resta. Será que não percebe que se algo desse errado entre nós dois eu não teria mais ninguém?

Doces olhos azuis me encaram com esperança:

– E agora? Você acha que...

Não o deixo terminar a frase, pego a sua mão que estava em meu queixo

– Agora estou confusa, são muitas mudanças. Meu coração ainda não se recuperou da última perda que teve, no momento eu preciso mais do que nunca do apoio do meu melhor amigo, ok?

Levo suas mãos aos meus lábios e as beijo e ele me abraça.

– Ok, Elle. Estarei ao seu lado, como sempre.

– Mais uma coisa, preciso que você se divirta e curta a vida por nós dois. Não tem necessidade de ficar me pajeando, não tenho mais 10 anos de idade.

Ele apenas dá de ombros, não concordando muito. Estávamos prestes a retomar a dança quando o celular toca. Era Gabriel avisando que minha única convidada havia chegado, Laura. Eu pensei que ela não viria mais.

Saio arrastando o Chris.

– Vamos lá, quero te apresentar a fisioterapeuta amiga do DJ.

Quando chegamos próximo à entrada da festa vejo Laura com cara de quem queria fugir entre

tantos desconhecidos. Se antes eu a achei bonita de jaleco, agora de vestido bege curto, maquiada e salto alto ela era estonteante. A cor clara da roupa destacava no ambiente escuro, parecia uma donzela perdida entre os lobos.

– Olá Laura, pensei que não vinha mais! – lhe dou um abraço empolgada, e ela me abraça de volta.

– Eu também pensei que não viria, porém aqui estou eu!

Faço as introduções necessárias dos dois:

– Chris, esta é Laura, amiga de DJ. Laura, este é Chris, meu melhor amigo e guitarrista do Jack Rock.

Ela estende sua mão para cumprimentá-lo, porém ao invés disso ele leva sua mão aos lábios e beija o dorso enquanto a encara nos olhos. Seu gesto foi tão galanteador que até eu devo ter ficado corada e Laura quase teve uma síncope. Ele não perdeu tempo quando pedi para aproveitar a vida. *Isso deve ser bom.*

Uma chamada no comunicador me salva do momento constrangedor. Deixo Laura aos cuidados de Chris e vou resolver uns problemas na cozinha. O estoque infinito de cerveja não era tão infinito quanto pensei que fosse. Porém, em meia hora tudo estava consertado, pois John havia me dado algo mágico capaz de resolver todos os problemas em um piscar de olhos: um cartão de crédito ilimitado.

Um garçom me avisa que estão me procurando: o empresário quer me conhecer. O pai da #NiCadela. Ops, Nicole, não posso trocar o nome dela! Bem, acho que o cartão resolve quase todos os problemas, a menos que eu o use para comprar uma passagem para bem longe e não volte nunca mais.

Escondida na penumbra, observo a mesa no outro lado da pista de dança: Aly com duas *groupies* desconhecidas, Kim com um moreno com um cara de modelo desta vez e Chris conversando com Laura. Ainda bem que ele não a deixou sozinha.

Havia também um homem mais velho com jeans surrados, camiseta e jaqueta preta de couro e uma loira peituda cuja idade era impossível determinar pela óbvia quantidade de cirurgias plásticas. Aqueles são os pais de Nicole? Sempre imaginei o empresário como alguém sério de terno e gravata.

E no meio da mesa, parecendo um deus, estava John com a #NiCadela pendurada em seu braço. Literalmente ela está segurando seu bíceps, sempre falando em seu ouvido, mas ele permanece

em seu modo estoico. Bebendo cerveja diretamente do gargalo e sem fazer movimento em direção a ela. Não tente tanto, querida, ele não vale à pena.

John pensa que pode fazer o que quiser, depois fica ali sem mostrar nenhuma expressão e tudo está bem? Mas não vou lá e fazer um escândalo. Na verdade, não posso nem exigir nada dele, tivemos apenas um beijo e eu o dispensei. Devo encarar os fatos, beijei meu chefe mulherengo e agora devo sofrer quieta as consequências.

Olho para o palco, talvez haja algo que eu possa fazer... Me aproximo discretamente da mesa do DJ e falo meu pedido no seu ouvido. Ele fica surpreso, não é algo muito comum. Explico que é uma ordem direta de John, uma brincadeira entre os componentes da banda, mas se perguntarem ele vai negar, afinal tem uma reputação a manter. Peço que ele comece a tocar a primeira música em cinco minutos. Agora que meu recado será dado, estou mais confiante.

Me aproximo da mesa lembrando-me de três coisas: eu o dispensei, não devo vacilar no sorriso e por mais que meu pé esteja me matando, não vou mancar. *Estragaria minha saída triunfal.*

CAPÍTULO 31

O primeiro a perceber a minha presença é Chris:

– Opa, Elle, venha conhecer Bobby!

Bob é um cara legal, parece um dos garotos da banda. A sua esposa é uma versão mais velha e mais artificial da filha. Aguentar estas duas em casa deve ser tão divertido, coitado.

Os últimos a falarem comigo são o rei e a rainha do baile. Nicole se levanta em toda sua graça loira de salto altíssimo e micro vestido pink. A maldita era linda, podia ter pelo menos um defeito.

– *Ella*, amiga! Soube que você esteve ocupada lá na cozinha com os serviçais! Que pena, querida, tem tantos lindos aqui para você aproveitar! Eu já peguei o meu. *#Sorry*.

Já lembrei todos os defeitos dela. *#NiCadela*.

Forço o sorriso menos falso que consigo e falo olhando para John, que mantinha no rosto uma expressão arrogante:

– Ai, amiga, que ótimo! Não o largue, viu? Afinal, vocês *#SeMerecem* e ele é muito requisitado. Mas não se preocupe comigo, as pessoas desta festa não fazem meu tipo mesmo.

Ela se senta e volta a agarrar o braço do diabo de olhos azuis.

– Ah, mas aposto que a gente consegue arrumar algum cara *#hot* para você.

Me inclino, apoiando minhas mãos na mesa para que possa ficar com o rosto ao mesmo nível que o deles. Apenas Kim e Chris fingem não prestar atenção, os outros estão distraídos com seus pares.

– Querida, eu estou aqui a trabalho e não para ficar procurando homem como se minha vida dependesse disso. E se eu quisesse um, não precisaria de sua ajuda para conseguir, ok?

Tanto John quanto Nicole parecem surpresos, mas ela se recupera primeiro:

– Mas, *querida*, é um desperdício ter um dia de Cinderela, estar toda arrumadinha para ficar trancada! Amanhã, quando voltar a ser Gata Borralheira, não vai ter nem a dança com o príncipe para se lembrar. Vai ser tão *#down*.

Filha da mãe! Cinderela? Arrumadinha? Gata Borralheira? Eu não queria fazer escândalo, prefiro uma abordagem mais sutil, mas esta vadia vai ter o que merece. Estou prestes a partir para a violência quando o DJ finalmente coloca o meu primeiro pedido, um antigo hit do quarteto Aqua que fez sucesso mundial nos anos 90: *Barbie girl*.

A música é tão destoante do ambiente que metade da festa para e olha para o DJ. Nicole é a única animada e até dá um gritinho, John fica constrangido e Kim engasga com a bebida. Meu Deus, ela é mais fútil que eu pensei. Minha intenção era ofender, mas ela adorou. *#Chocada*.

Sua reação infantil à uma música, que é claramente uma crítica ao seu estilo de vida, é tão cômica que minha raiva evapora. Preciso sair daqui antes que comece a gargalhar. Tenho certeza que chorar de rir estragaria minha saída triunfal, tanto quanto mancar.

– Eu vou conversar com o DJ sobre sua seleção musical. – digo apontando para o cara.

Nicole faz biquinho.

– Mas eu *#amo* esta música!

Meu sorriso agora é honesto:

– Ah amiga, é sua cara! *#Fui!*

Com isto, saio o mais rápido possível sem me despedir de mais ninguém: não poderia encarar os outros sem cair na risada. Que garota irritante! Ela e John formam um lindo casal morango: bonito e brilhoso por fora, mas meio azedo por dentro. Pena que não pude ficar para ver a reação ao meu segundo pedido musical.

Decido ir à parte final do quintal que não foi usada para a festa, pois preciso retirar o sapato e descansar um pouco. Estou quase alcançando meu destino quando a música muda novamente. A voz rouca de Lily Allen começa a cantar uma versão mais sensual de *Womanizer*, uma canção sobre um homem mulherengo e uma mulher que não cairá em sua armadilha.

Me encosto em uma parede sem muita iluminação e finalmente começo a rir. Adoraria saber se ele entendeu meus recados. Acho que sim, Kim com certeza sabe, Nicole não tem noção.

– Então eu sou um mulherengo, hein?

John surge no meio da penumbra. Ele fica a poucos centímetros de mim e coloca os braços apoiados na parede, um de cada lado dos meus ombros, prendendo-me. Seu rosto está cheio de emoções em conflito e eu não sei qual está vencendo: raiva, ciúmes, frustração, desejo e luxúria.

Levanto meu queixo em desafio, não irei me rebaixar.

– Você espera que eu duvide disso?

Ele aproxima seu rosto de mim, encostando sua testa na minha.

– Elle, me desculpe... Eu tenho problemas, mais do que você imagina. Você não merecia o que fiz, mas quando te vi tão linda... Eu só queria saber se você se importava e...

Não vou ficar aqui ouvindo esta merda, começo a esmurrar seu peito enquanto falo:

– *Cala a boca, John!* Problemas? Acorda idiota, todos temos problemas! Isto não é desculpa para ferir os outros! Você não pode maltratar as pessoas porque se acha no direito de fazer isto! E que história é esta de se importar?

Ele agarra meus pulsos, prendendo-os atrás de minhas costas. Não há quase espaço entre nós, seu nariz toca o meu e sua respiração se mistura com a minha. Ele está ofegante, assim como eu.

– Eu beijei aquela garota esperando uma reação sua e sabe o que você fez? Você me ignorou. Eu tive que te observar nos braços de outros homens a noite toda! Eu pedi para você cobrir as pernas e usar a porra de um blazer e você vem assim, parecendo uma deusa sexy. Você é *minha*! Chega de abraços com o Chris ou qualquer outro homem. *Minha*, entendeu Helena?

Uau. Por esta eu não esperava, mas espera aí...

– Você é louco? Eu te acusei à tarde de ser mulherengo, então para provar que eu estou errada você vai e beija outras mulheres? Está drogado? E quem você pensa que é? Ser chefe não quer dizer ser dono, seu idiota! Eu não sou *sua*, eu não sou de *ninguém*. Agora me solta!

Ele não me solta e grita:

– Se você se importasse teria ciúmes! Me beije agora, Elle.

Eu grito de volta:

– Se *você* se importasse não teria beijado outra. Me solte ou vai se arrepender, John!

– Quieta, Helena!

E sua boca se choca com a minha. O beijo do escritório foi doce perto deste. Seus lábios me atacam com ardor, sua língua invade minha boca, duelando com a minha. Ele quer me submeter, provar que sou sua.

Seu gosto é amargo da cerveja, mas há também sabor um picante ao fundo, provocativo. Um gosto dele. Ele solta minhas mãos para agarrar minha cintura e meu cabelo, esticando meu pescoço, arranhando-o com a barba enquanto beija e morde um ponto abaixo da minha orelha.

Ele me tem envolvida em seus braços. Quase submissa por seu domínio.

Passo as palmas das minhas mãos em seus ombros, arranhando, e o seguro buscando apoio. Ele aceita meu gesto como incentivo e se aproxima mais. Coloco minha perna entre as suas. Apoio a perna saudável no chão como suporte, enquanto dobro meu joelho e em um movimento certo atinjo meu alvo. Bingo! John cai dobrado no chão, gemendo de dor.

Seguro um punhado de seus belos cabelos de roqueiro e levanto sua cabeça. Ele ainda está ajoelhado protegendo seus preciosos bens que acabaram de ser esmagados. Uma lágrima escorre de seu olho.

– Da próxima vez que uma garota mandar você soltar, você solta. Estamos entendidos, *chefinho*? E mais uma coisa... Vou tirar o fim de semana de folga.

John não responde, apenas geme. Talvez tenha usado força demais. Eu avisei que iria se arrepender, da próxima vez talvez ele me escute.

CAPÍTULO 32

Não consegui ficar mais tempo na festa. Passei o cargo para o chefe dos garçons e peguei um táxi para casa. Eu precisava de um tempo longe de todos. De Chris. De John. Até de mim, se eu pudesse.

Agora estou aqui, deitada em minha cama emprestada, olhando para as estrelas de plástico no teto. O beijo de John retirou minha mente dos eixos. Nunca me senti tão desejada em minha vida. Beijá-lo era como ter eletricidade impulsionada em meu corpo. Cada parte de mim era consciente de seu toque. *E ansiava por mais.*

Mas o que ele fez depois? Como algum dia eu confiaria nele? Chris me avisou como John costumava agir com as mulheres, e eu deveria ter ouvido.

Chris...

Com John sinto meu corpo entrar em chamas, fico nervosa e explosiva. Ele não suaviza para mim, não me trata como se eu fosse de cristal. John não é meu protetor e muito menos meu amigo. Ele é meu chefe, e consegue despertar minhas emoções como ninguém antes o fez.

Com Chris é diferente: estou acostumada com sua presença. Ele sempre foi uma constante em minha vida. Eu também sempre estive presente na vida dele, inclusive quando começou a namorar. Aonde ele pretendia chegar com aquelas perguntas mais cedo?

Eu o amo muito... Ele e Sam sempre foram meus melhores amigos. Chris já tinha minha alma e meu coração. Se eu entregasse mais de mim a ele e não desse certo, eu nada seria além de uma casca vazia...

Adormeço com a cabeça atormentada por dúvidas e nenhuma solução.

A estrada está escura e papai e mamãe estão calados no banco da frente. Para onde foram as risadas? Por que tanto silêncio? Pingos caem em meu rosto enquanto olho para cima e vejo as nuvens pelos. Chove em mim, mas não me importo. Fecho os olhos e deixo a água me levar.

Começa a tocar uma música. Eu conheço o som da guitarra e a voz que acompanha, Jack Rock. Chris e John. "Aumenta o som, pai! Quero ouvir". Ainda de olhos fechados solto meu cinto de segurança.

– Quieta, Helena!

Abro os olhos e é John que está dirigindo o carro:

– Você nunca vai entender?

Estou atordoada. O que está acontecendo?

Olho para o lado e Chris está sentado no banco do passageiro ao invés da minha mãe. Seus olhos estão preocupados.

– Desculpa, Elle.

Então ele aponta para minhas mãos, sigo a direção do seu dedo com o olhar e solto um grito. Estou coberta de sangue, meus braços, pernas e até minha roupa. Fico aterrorizada, nunca vi tanto sangue em minha vida! Há também em meu cabelo, e o cheiro é forte, doce e enjoativo.

Olho para o céu, continua a chover, mas as gotas são vermelhas. Não está chovendo água.

Me viro para eles, procurando ajuda. As luzes dos faróis do outro carro me cegam e uma voz sussurra em meu ouvido

– Você não passa de uma distração, Helena.

E os carros colidem. Metal partindo, fogo e eu jogada na beira da estrada com sangue em minhas mãos.

Acordo assustada. O pesadelo foi tão real que ainda posso sentir o cheiro do sangue, corro para o banheiro e vomito no vaso sanitário. Me sento no chão e encosto minha cabeça nos azulejos da parede. Eu preciso me lembrar daquela noite.

Olho para as minhas mãos limpas. "Você não passa de uma distração, Helena". O que meu subconsciente está querendo me dizer? Tenho sangue em minhas mãos? Fico ali, sentada abraçada a meus joelhos, chorando pelas vidas que se foram e pela memória perdida que me atormenta.

Não sei quanto tempo fiquei assim. Decido que era hora de tomar um banho e fazer uma caminhada pela cidade, já que ainda não tinha saído de casa. Quando saio, o apartamento estava silencioso e Chris ainda estava dormindo em seu quarto.

Era o meio da manhã, as ruas estavam lotadas de pessoas e o sol brilhava e me aquecia. Com a música que saía do iPod tocando em meus ouvidos, andei pelas esquinas e pensei em minha vida.

Trabalhar para o John não parecia uma ideia tão genial, mas eu acho que eu poderia lidar com ele. Morar na sua casa de hóspedes fazia parte dos "benefícios" do meu contrato, mas faltava uma

semana para meu aniversário apenas. Em breve também não precisaria de Gab como motorista com tanta frequência. Eu posso tentar.

Viver com Chris era legal, mas sinto que atrapalho sua vida de solteiro. Antes de eu chegar, ele sempre era fotografado com alguma garota, mas depois não esteve com mais ninguém... A menos que tenha tido algo com Laura ontem.

O que mais me incomoda são os pesadelos. Se eles não sumissem, eu teria que procurar ajuda, conversar com alguém. Parece que John estava certo, estavam apenas piorando. O que estará por trás dos pesadelos de John? Ele diz que reagiu daquele jeito porque tem problemas, mas também tenho os meus. *Não é justificativa suficiente.*

Cinco ruas à frente encontro meu paraíso pessoal: uma livraria *megastore* que ocupa quase um quarteirão completo. Daquelas com mais de um andar, cafeteria e sofás confortáveis. Santuário.

Fico horas perdida entre chocolate quente e livros, e está quase escuro quando retorno para o apartamento. Ao abrir a porta dois pares de olhos azuis nervosos me encaram. O que foi que houve agora?

CAPÍTULO 33

Chris avança e me segura forte pelos ombros. Nunca o vi tão preocupado

– Helena, onde diabos você estava? Estávamos como loucos procurando você!

Tento levantar minhas mãos em sinal de rendição e ele me solta. Coloco as sacolas de livros em cima da mesa. Os dois estão em pé com os braços cruzados no peito e a mesma expressão de irritados. Eles pretendem fazer o quê, me colocar de castigo? Começo a rir da situação.

John fala sério:

– Você ri, Helena? Passa dez horas desaparecida em uma cidade que não conhece, não leva nenhum celular e você tem a cara de pau de rir da gente? Nós íamos chamar a polícia!

Quanto exagero... Eu apenas perdi a noção da hora.

– Ah, cortem o drama, madames! Me desculpem por não ter avisado e ter esquecido o maldito celular! E que eu me lembre, este era para ser o meu dia de folga de você e eu sei me cuidar sozinha.

John dá um passo à frente:

– Chris me chamou procurando você e eu sei que pode se cuidar sozinha – ele diz com sarcasmo – Na verdade, tenho até pena do coitado que cruzar seu caminho...

Chris olha de mim para John. Entendendo bem a situação ele agarra o amigo pela camisa e grita:

– O que você fez com ela, cara? Eu te avisei para ficar longe, porra!

Merda! Corro para separar os dois, sei o quanto são amigos e não quero que briguem. Muito menos se eu for a causa. Bem que a Kim avisou.

Falo apressadamente:

– Chris, não! Não aconteceu nada, você entendeu errado. Apenas contei a John de quando a gente tinha 12 anos e eu chutei as suas bolas porque você fez meu par do baile fugir antes do meu primeiro beijo!

Chris olha para mim desconfiado. Ele não parece acreditar muito, mas solta John.

– Eu duvido que tenha sido só isso, Elle – ele me olha magoado – mas confio que você viria a mim se precisasse de ajuda.

John, irritado, empurra Chris.

– Sim, idiota. Tenha mais cuidado da próxima vez que for dar uma de machão, eu não vou ser tão paciente!

Entro novamente no meio dos dois. Eles precisam se acalmar, ou as coisas podem ficar feias.

– Vocês querem parar com isto? Ninguém aqui está na quinta série mais! Estou em casa e inteira, é o que importa, ok?

Eles se encaram em silêncio e Chris é o primeiro a falar:

– Desculpa, cara, vou pegar uma cerveja para a gente.

– Beleza, foi mal também. Elle, posso falar um minuto com você?

John se dirige para a varanda.

– Claro.

Ele está de costas para mim, apoiado no parapeito e olhando para o céu.

– Eu gostaria de me desculpar por ontem.

Me aproximo e observo as luzes da cidade. Ele deve se desculpar mesmo. Mas eu também deveria, ambos somos reativos. Estendo minha mão para ele com um sorriso em oferta de paz.

– Que tal uma trégua, John?

Sua mão é grande, cobre toda a palma da minha, e seu sorriso é sincero e caloroso.

– Aceito, Helena. Principalmente porque vamos passar os próximos dois dias viajando a trabalho.

– Solto sua mão em choque. Trégua o caramba!

– Olha aqui, seu mentiroso...

Chris entra na varanda.

– Vocês querem jantar aqui ou comer fora?

Olho de um para o outro. Não quero mais confusões entre os dois.

– Vocês decidem. Vou para o meu quarto, não estou com fome.

O que John pretende com esta viagem inesperada? Só pode ter segundas intenções.

Assim que entro no quarto batem à minha porta:

– Elle, posso entrar?

Pelo menos agora ele está pedindo, ao invés de impor suas vontades. Abro a porta e indico uma cadeira para ele se sentar e me apoio na parede do outro lado do quarto com os braços cruzados. Quero ouvir o que tem a dizer.

– Antes que você faça mil acusações na sua cabeça, deixa eu me explicar. Você ouviu falar sobre o nosso projeto com crianças carentes?

Sento-me na beira da cama e me lembro da campanha beneficente Clave de Sol nas anotações de Nicole.

– Mais ou menos.

– O Jack Rock quer construir um abrigo para as crianças que moram nas ruas e não tem pais. Lá elas poderão ter um lar, estudar música, ter esperança de um futuro melhor e aprender uma profissão.

Ele fala como se não fosse grande coisa, mas vejo emoção em seus olhos. É importante para ele.

– É uma causa nobre, John. – digo honestamente.

Ele apenas concorda com a cabeça e continua:

– Esta viagem não estava planejada. Na festa de ontem conseguimos fechar um grande patrocínio para o nosso projeto. Eu concordei em fazer uma campanha de publicidade de graça se eles contribuíssem, então estou indo gravar amanhã na sede deles.

Eu devo estar com uma expressão cética, porque ele dá de ombros e aponta para o celular esquecido na cabeceira da minha cama.

– Se não acredita em mim, liga para Nicole e pergunta. Ela provavelmente já mandou um e-mail explicando mesmo.

É claro que verificarei mais tarde. Só não entendo uma coisa:

– Por que você tem que ir e não a banda inteira?

– Ainda estamos ocupados com as gravações. Se todos saírem, iremos atrasar muito, e o projeto, apesar de ter apoio de toda a banda, é o meu sonho e minha obrigação, então eu vou.

John começa a rir e se estica até alcançar meu queixo com o dedo indicador, levemente fechando minha boca.

– Ora, Elle, tente não parecer tão surpresa, assim você me ofende! Um egocêntrico e arrogante como eu não deveria se importar com nada mais além de pegar mulheres, não é?

Sorrio.

– Palavras suas, não minhas.

Ele fica sério novamente.

– Pensei que isto iria contra o que você aprendeu nos tabloides sobre mim.

Droga, ele está certo.

– Sim, me desculpe. Ainda estamos em trégua?

Ele se levanta e novamente aperta minha mão.

– Sim, trégua.

O resto da noite foi divertida, eles pediram sushi e comemos enquanto John e Chris relembravam histórias engraçadas da banda. Quando baixávamos a guarda, todos podíamos ser grandes amigos.

CAPÍTULO 34

Na manhã seguinte, acordo cedo. Nos últimos dias, não conseguia dormir mais do que cinco horas. Os pesadelos eram frequentes, porém apenas os intensos me assustavam.

Começo a preparar a mala para minha viagem de negócios quando Chris bate à porta:

– Posso entrar?

– Sim!

Ele entra no quarto com os cabelos bagunçados. Está de pijama com cara de sono e duas canecas na mão.

– Trouxe café.

– Bom dia e obrigada! Que milagre é este acordado tão cedo?

Pego uma xícara e ele se senta na beira da cama, observando a mala estendida com cara de desgosto.

– Perdi o sono... Você vai mesmo viajar sozinha com John?

Me sento ao seu lado e falo calmamente enquanto tomo o café:

– Sim, qual o problema? Sou a assistente pessoal dele e este é o meu trabalho.

Ele passa a mão nos cabelos, deixando-os ainda mais bagunçados.

– Você sabe que isto é um monte de besteiras. Ele não precisa de você lá para fazer uma porra de uma campanha publicitária!

Me levanto e coloco o café na mesa de cabeceira. Acho que a xícara era uma oferta de paz.

–Eu não sei, Chris! Estou começando agora e mal trabalhei de verdade. Ainda estou descobrindo como tudo funciona.

Ele também fica em pé e descarta a caneca na mesa. Chris está agitado, e ele raramente fica assim.

–Você não tem que ir! O que tem feito estes dias além de olhar cartas velhas? John deveria

jogar logo esta merda toda fora e liberar você!

Mas que droga deu no Chris? Grito com ele:

– Então você acha que eu deveria ser despedida na primeira semana de trabalho e depois o quê? Passar o dia inteiro aqui fazendo nada?

Ele se vira para mim, os olhos brilhando com emoção.

– Esperando por mim... Trabalhando para mim, você pode vir trabalhar para mim.

Recomeço a colocar as roupas na mala:

– Isto de novo, Chris? Nós dois sabemos que eu não faria nada!

Ele me segura pelo braço, virando-me para encará-lo:

– Não importa, Elle! Só quero você segura comigo e não com ele!

Puxo meu braço de seu aperto e o empurro.

– Agora John é perigoso? Você me disse que confiaria sua vida a ele! E qual o problema de vocês roqueiros com essa mania de sair agarrando as pessoas? Saia de perto de mim!

No final, já estou gritando. Chris me olha chocado, não sei se por estarmos brigando ou se foi por eu tê-lo empurrado. Finalmente ele processa o que falei e sua expressão se torna fria, quase violenta.

– Quem te agarrou, Elle? John forçou alguma coisa com você?

Penso nos beijos que John me deu, nas duas vezes ele que começou, mas não foram contra minha vontade. Oh, eu estava com raiva dele, mas o mesmo fervor que eu tinha para matá-lo, eu teria para beijá-lo. Apenas meu orgulho e a arrogância dele estavam no caminho.

Não iria acusar o John por algo que também era culpa minha. O antigo Chris não machucaria um amigo sem saber todos os fatos, o de hoje não sei, quatro anos podiam mudar uma pessoa.

– Caramba Chris, ele não me forçou a nada! E todos me agarraram, Aly, Ed e até você, então não me enche!

O interfone toca, minha carona chegou. Estou chateada com ele, nunca brigamos assim e a última vez que o empurrei eu tinha 6 anos, quando ele tentou cortar o cabelo da minha Barbie. As noites mal dormidas devem estar cobrando seu preço, tento segurar as lágrimas enquanto fecho minha

mala do jeito que estava e me viro para Chris.

– Ser uma assistente pode ser insignificante perto de tudo que você fez, mas nem todos podem ser estrelas do rock. Não é o quero para toda a vida, mas é o suficiente para ocupar minha cabeça por agora.

Pego a mala e vou em direção à porta, escuto Chris me chamando:

– Elle, me desculpe, não era isto que eu queria dizer. Eu nunca tive a intenção de magoar você.

Falo de costas para ele, encarando a porta:

– Ok, Chris, a gente conversa quando eu voltar.

– Mas você vai voltar?

Apesar do tom de súplica em sua voz, vou embora sem responder.

Não sabia qual seria a resposta.



CAPÍTULO BÔNUS

Kim

Eu amo ser uma garota do rock, ser livre para escolher o que queria e ir aonde tivesse vontade. Posso ser ousada, recatada, louca ou sensível, dependendo do meu humor: Sou dona da minha vida e ninguém manda em mim, ainda que não tenha sido assim sempre. Isso, porém, era história para outra hora. Agora eu só quero arrasar na festa, e vou levar Elle junto.

Elle... Aquela garota não tinha ideia do seu poder! Meu tio Bobby sempre dizia que era capaz de perceber o potencial das pessoas, eu acreditava que tinha herdado este “dom”. Meu instinto me dizia que Helena seria peça chave para o Jack Rock. Eu apenas não sabia se era para o bem ou para o mal.

Chris e John não eram apenas os garotos de ouro da banda, eles tinham uma ligação grande de amizade. Eu esperava que esta ligação fosse forte o suficiente para resistir ao furacão Elle. Ela me disse que Chris não estava apaixonado no sentido “romântico” e John era apenas seu chefe.

Não sei quanto tempo isto vai durar ou quem vai sair vencedor, mas sei de uma coisa: corações partidos faziam as melhores canções, não é? Ela é uma boa garota, não vou julgá-la como fizeram comigo. Todos são inocentes, até que se prove o contrário.

Encontro Wanessa, nossa estilista e amiga de longa data, nos jardins da casa de John.

– Ei, trouxe algo sexy para mim?

– Sempre, Kim! Minha ruiva favorita tem que estar sempre poderosa! – seu rosto se contrai em um sorriso sincero, o que deixa seus olhos ainda menores. Será que ela enxergava quando sorria?

– Ótimo – passo o braço ao redor do seu ombro e entramos juntas na casa – Agora você terá uma morena para deixar poderosa também!

Com a ajuda de Maria e Elle levamos tudo para o quarto dos espelhos, mas não consigo achar nada que fique bom! Encontro um defeito em cada roupa, enquanto Elle só faz rir.

Vou começar a protestar sobre a cor da roupa quando ela grita:

– Você é prima da #NiCadela!

Sou prima de quem?

Ela conta sobre a visita ao escritório da minha *querida* prima. Nicole era um ser detestável e ainda falava a palavra *hashtag* em todas as frases. Quem normal fazia isso? Ela só podia ser uma psicopata!

Se existe um lugar onde as almas aguardam antes de virem para a Terra, fizeram uma grande confusão com a nossa família na hora da seleção familiar. Eu deveria ser a filha do tio Bobby! Nic poderia ficar com meus pais, pois ela era tão fútil quanto eles.

Enquanto a gente conversa, escolho meu vestido. Ele era ousado, estava em uma linha tênue entre provocador e vulgar. Eu acredito que a pessoa fazia a roupa, logo, com os acessórios e a atitude correta, ele será perfeito!

– Tudo bem, mas não fale muito. Você um dia pode ter uma filhinha *#fútil* também! – Elle tenta fazer uma piada, uma dor antiga invade meu peito. Este era um lugar que eu não queria ir.

– Isso acho improvável... – olho para o espelho novamente, mas não me vejo sexy e poderosa. Enxergo uma garota perdida em um passado remoto – Eu vou ficar com este. Melhor você decidir o seu, Elle.

Wanessa me tira do torpor quando diz:

– Recebi recomendações por mensagem para as suas roupas: blazer e “pernas cobertas”.

Eu sabia que John gostava de ser implicante, mas aí já era demais! Não acredito que ainda existiam chefes que tentavam mandar em suas funcionárias! Duvido que ele tenha dito o que a equipe de segurança iria vestir!

– Posso saber por que ele se acha no direito de escolher as roupas dela? – falo irritada.

Wanessa lê envergonhada:

– Ele diz que ela vai estar trabalhando e não disponível para estar linda e paquerar.

– Ele quer mandar até na minha roupa? Aquele peste me paga! Volto já.

Eu e Wanessa olhamos para a porta por onde Elle passou. Com a raiva que ela estava, apostava que o John iria ouvir alguns gritos.

Hum... Acho que não tenho que me preocupar com esses dois, perdem tempo demais brigando para fazerem qualquer outra coisa.

– Wanessa, que tal a gente fazer John se arrepender do próprio pedido?

– Eu acho que tenho algumas coisas que podem funcionar!

Atacamos as araras de roupa até achar a perfeita.

A melhor coisa de ser a única garota da banda é que eu poderia implicar com um deles o quanto quisesse e sempre haveria dois para me defender.

Eu adorava me sentir a Sandra Bullock em “Miss Simpatia”, com uma equipe inteira ao meu redor. No início tinha sido estranho e cansativo, mas depois de anos no Jack Rock, eu já conhecia a equipe inteira.

Elle, no entanto, não estava acostumada. Ela lembrava a mim mesmo no início da carreira. Eu também ficava incomodada com tantas pessoas ao meu redor, mas isto era o *showbizz*, baby! Ela teria que se acostumar.

A festa começou como esperado. Cheio de homens e mulheres que queriam algo de nós, seja uma chance de alavancar a própria carreira, uma oportunidade de negócio, falar com seus ídolos ou o bom e velho sexo. A maioria queria este último. Era um verdadeiro buffet “coma tudo o que puder”, e nós nos aproveitávamos disso.

Sento nos sofás com Chris e John. Alysson já está por aí se servindo de alguma garota qualquer.

– E então, garotos, qual vai ser o cardápio de hoje?

Ambos dão de ombro e bebem um gole de cerveja. Seguro meu riso, pareciam duas faces de uma mesma moeda. Aponto para as gêmeas que sempre divertiam Chris nestas festas:

– Sua dupla dinâmica está logo ali.

– Elas não deveriam ter sido convidadas!

– Você avisou para a Nicole? – pergunto mesmo já sabendo a resposta.

– Esqueci! – Chris suspira fundo e se levanta – Vou dispensá-las.

John faz um som de muxoxo com a boca.

– Posso saber o que foi agora? – digo tomando meu drink e analisando qual seria minha caça de hoje. As pessoas ficavam ao redor, mas não se aproximavam a menos que nós chamássemos. Parecia que havia uma barreira invisível entre nós e eles.

– Eu acho que Chris não sabe o que quer. – John diz enquanto joga a garrafa vazia na mesa em frente a nós.

– Por que você acha isso? – agora ele tinha conseguido despertar minha curiosidade.

– Chris não sabe a diferença entre ser irmão e homem para Helena. Ele não pode ser os dois.

– Então você concorda que ele está apaixonado por Elle? – quem sabe nós dois juntos poderíamos convencê-la.

– Não, e eu já falei demais. – John diz antes de se levantar.

Seguro seu pulso.

– Aonde você vai?

– Me esconder de sua prima. – ele aponta a cabeça para a entrada. Nicole estava chegando com toda sua potência loira. John se camufla com um grupo de fãs: Nic não iria se aproximar, jamais se misturaria com a “plebe”.

#NiCadela... Começo a rir sozinha. Adoraria ter inventado este apelido quando era criança! Teria sido legal ter Elle por perto naquela época... Falando nisso, onde ela estava?

Vou à sua procura e a encontro: ela está encurvada sobre o iPad. Bato meu salto no chão.

– Não pense que eu vou desperdiçar todo o meu trabalho de hoje deixando você escondida aqui!

– Não tenho muita escolha! Preciso verificar isto e...

Retiro o iPad de suas mãos e grito perto da sua orelha:

– Gabriel, se vira aí porra! Elle vai tirar uma pausa.

– Obrigada pela ajuda... e pela surdez temporária.

Ops...

Empurro-a para o quarto.

– Desculpa! Vamos lá retocar sua maquiagem.

Vinte minutos depois estamos na festa. Encontro Alysson conversando com a equipe da banda e decido apresentar Elle a alguns. Ed era legal, o melhor *roadie* que tínhamos e eu adorava vê-lo tocar no bar de sua tia.

Radioactive começa a tocar. Imagine Dragons era uma das minhas bandas favoritas! Elle parece congelada no lugar, se impressionou tanto com a festa?

Puxo seu braço e grito acima do som:

– Ei, Elle, você conhece o Ed?

Ela olha atordoada para ele:

– Ainda não. Prazer sou Elle.

Com as apresentações feitas, volto para um modelo gato em que estava de olho. Ele era novo no ramo e eu adorava fazer *test-drive* nos novatos. Eles ficavam tão ansiosos para agradar...

Estava dançando com ele e Aly quando a música para e escutamos Chris praticamente gritar:

– Eu sei disso! Por isso que vim resgatar o Ed antes que você fizesse um estrago em suas bolas.

Eu sabia que Elle era das minhas!

– Esta é minha garota! – grito.

Depois de conversar um pouco com eles nos pufes, vou com o loiro para a sala dos espelhos. Não havia nada melhor do que ver esse adônis me levar à loucura de todos os ângulos.

Ele ficou meio chocado quando depois o dispensei por um moreno. Não me preocupo em perguntar o nome deste ou do anterior, meu coração havia sido arrancado e destruído há muito tempo. Agora todos eram descartáveis para mim. Eu jamais iria me apegar a alguém novamente.

Ao chegar à mesa do tio Bobby me surpreendo por ver John com Nicole e Chris com Laura. Eu entrei em algum universo paralelo?

A expressão de vitória na cara da Nic era de dar nojo, já que John nunca havia permitido que ela ficasse se agarrando a ele em público. Muito menos na frente do tio. Aconteceu alguma coisa que eu perdi?

Elle marcha a passos decididos para a mesa. Parecia uma mulher em missão. A troca de farpas entre ela e Nicole é perceptível até para o distraído Aly. Mesmo o moreno que eu estava apalpando deve ter percebido, e ele nem as conhecia!

Tento disfarçar, mas a curiosidade me corrói por dentro. Alguma coisa estava acontecendo aqui e eu precisava saber o que era! Tomo um gole do meu gin com tônica quando Barbie Girl, do Aqua, começa a tocar. Eu me engasgo e a bebida desce rasgando meu pulmão.

O moreno bate em minhas costas enquanto tento respirar e sufocar o riso ao mesmo tempo. Esta música só podia ter o dedo da Helena no meio, o DJ nunca colocaria isto para tocar!

Elle sai, John se levanta e Nicole agarra seu pulso.

– Johnny, amor, poderia pegar um Martini para mim?

– Entenda de uma vez, Nicole, eu não sou e nunca serei seu amor – John puxa o braço, saindo de seu alcance, e fala ainda mais ríspido – E eu odeio que me chamem de Johnny.

Ele se afasta e vai embora, ela fica com cara de ódio. Bem feito para a idiota!

– Sabe – digo com o máximo de deboche que consigo – Eu não sei por que insiste... Não percebeu que ninguém gosta de você aqui?

– Kim! – tio Bobby fala.

Ao mesmo tempo, Nicole diz:

– Vai se foder!

Fico em pé e puxo o moreno gostoso comigo.

– Desculpa, queridinha, mas ao contrário de você, eu tenho quem faça isso por mim.

Passo no open bar, pego uma garrafa de bebida e uma bandeja de aperitivos com o garçom. Eu precisaria de reforço para o resto da noite. Quando estou dando a volta na casa em direção aos quartos, vejo John passar mancando.

O que será que aconteceu com ele?

O moreno começa a beijar meu pescoço e roçar seu quadril contra o meu. Acho que eu tinha assuntos mais importantes para tratar agora...



Agradecimentos

Primeiramente, eu gostaria de agradecer ao meu marido João e meu filho João Marcos por todo apoio, carinho e compreensão neste meu novo projeto. Sem o suporte de vocês e dos meus sogros João e Eugênia, eu jamais conseguiria escrever Elle em tão pouco tempo.

Às minhas “Piradas em after”, Cris Barrilari, Daniele Oliveira, Fernanda Oliveira, Ludmila Públio e Maiara Grimm que com suas conversas loucas diárias me inspiraram a escrever, sem vocês nada disso seria possível. Obrigada pela paciência e dicas, vocês são as melhores amigas e leitoras beta que eu poderia querer! Samyra Imad, agradeço por ter tanta confiança em meu trabalho e pelos bate papos malucos no Wattpad.

À minha mãe Fátima, a mulher mais guerreira que já tive o prazer de conhecer, a senhora é incrível. Meu padrasto Lira, o melhor PAIdastro do mundo, minhas irmãs, Ariadne, Daphne, Penélope e Kalinka e meus sobrinhos lindos, mesmo que eu suma quando estou presa ao mundo do Jack Rock, vocês todos estão em meu coração.

Um agradecimento especial vai para todos os meus leitores e seguidores do Wattpad, é a atenção e os comentários de vocês que me estimulam a continuar escrevendo. Eu não acho que eu tenha conquistado leitoras, eu fiz amigas! Vocês são especiais e me fazem sentir especial também. Muito obrigada, espero que este seja o início de uma longa jornada.

E por último, mas não menos importante, às duas pessoas que transformaram Elle neste ebook lindo: Clara Taveira, minha revisora/coach e Izzy Ximenes, a capista mais divertida e esperta do mundo inteiro! Meninas, vocês têm um futuro brilhante.

Obrigada,

Aretha V. Guedes

Siga Aretha V. Guedes nas redes sociais:

[Twitter](#)

[Facebook](#)

[Grupo no Facebook](#)

[Instagram](#)

[Google+](#)

[Playlist de Elle no Youtube](#)

ELLE – Sombras do Passado

Série Jack Rock – Livro II

SINOPSE

Elle se sente sozinha no mundo e acha que só pode contar com a ajuda de Chris. Ele era seu porto seguro, mas parecia ter sentimentos que iam muito além da amizade. Ela já o amava como a um irmão, poderia haver outra relação entre eles?

Ela queria ser independente e trabalhar para John tinha sido a escolha mais fácil, mas resistir ao seu jeito sedutor estava sendo mais desafiador do que esperava. Helena não poderia confiar nele, um notório conquistador que escondia um segredo obscuro.

Quando as sombras do passado voltam para cobrar seu preço, Elle não terá como escapar. Enfrentar a verdade pode ser sua única salvação.

PRÓLOGO

Todo ano, na minha cidade, eu ia ao circo na noite de estreia com meus pais. Lembro-me de entrar naquele mundo mágico de mãos dadas com eles. O picadeiro, as arquibancadas, era tudo tão colorido e vivo!

Eu sempre sentava entre os dois. Eles eram tão altos e eu tão pequena, que eu, em meu vestido lilás e com os pés balançando sem tocar o chão, me sentia protegida. Sabia que mamãe e papai não deixariam o palhaço me ver e me levar para o palco. Eu amava as luzes e os sons, mas não gostaria de ser o centro da atração. Além disso, tinha medo do palhaço, achava estranho aquele rosto branco e nariz vermelho. Não confiaria em alguém que parecia legal, mas se escondia atrás de uma máscara. Como iria saber quem ele era quando o visse novamente?

Eu nunca contei isso para ninguém. O Chris acharia que eu era fraca, e eu queria ser forte como ele! Chris não vinha para o circo com a gente, ele dizia que “os mágicos eram enganadores e eu

não gosto de ser enrolado”.

Eu não me importava que tudo fosse parte de um grande truque, o que eu gostava era de tentar descobrir quando a “mágica” acontecia, em que ponto a ilusão se dava.

Outra coisa que eu realmente amava no circo eram os malabaristas. A habilidade que eles tinham de manipular as coisas e manter um equilíbrio era impressionante. Uma vez, eu vi uma malabarista vestida com um collant preto com lantejoulas brilhante. As luzes estavam apagadas e apenas um enorme holofote a iluminava em um círculo branco. Parada, no centro do picadeiro, ela segurava dez bolinhas, ao bater uma na outra, elas começaram a piscar em vermelho e azul.

A luz se apagou, segurei no braço de meu pai e ele fez carinho em minha cabeça para me tranquilizar. A mulher, então, começou a jogar as bolas no ar, pontos de luz cintilando para cima e para baixo. Lindo! Até que ela deixou uma cair no chão, o impacto a fez apagar. A malabarista continuou como se nada tivesse acontecido, mas eu senti pena da bolinha que ficou perdida. E se ela nunca mais voltasse a brilhar?

Hoje, tantos anos depois, eu não tinha mais a segurança de meus pais. Eles se foram em um trágico acidente. Fiquei sozinha no mundo, ainda que não por muito tempo: Chris, meu melhor amigo e protetor desde a infância, veio ao meu resgate.

O problema é que eu queria provar para mim que poderia ser independente, e isso não combinou muito com os planos iniciais do Chris. Ele queria cuidar de cada aspecto da minha vida, quando eu precisava resolver meus próprios problemas.

Por isto, aceitei trabalhar para John, o sexy vocalista da banda Jack Rock e amigo do Chris que era o guitarrista. Desde então, minha vida se transformou em um caos. Morar com Chris e ter John como chefe me fazia sentir como aquela malabarista.

Por mais que eu parecesse bem por fora, estava envolta em escuridão e tentava equilibrar três bolinhas ao mesmo tempo: a amizade do Chris, a atração por John e meus anseios. Sabe qual o problema com o malabarismo? Por mais que você tenha mãos firmes, sempre haverá uma no ar prestes a despencar no chão. Se ela vai cair ou não, vai depender da habilidade do malabarista.

Se eu soubesse o que o futuro me traria, talvez eu tivesse agido de outra forma, mas eu não sabia... Não até ter sido tarde demais.



[1] Apenas um lindo mentiroso...

[2] É isso, o apocalipse.

- [3] Estou acordando.
- [4] Eu sinto isso em meus ossos.
- [5] O suficiente para fazer meu sistema explodir.
- [6] Bem-vindo à nova era. À nova era.
- [7] Eu sou radioativo.
- [8] E eu desistiria da eternidade para te tocar,

Por que eu sei que você me sente de alguma maneira.

Você é o mais próximo do paraíso que jamais estarei.